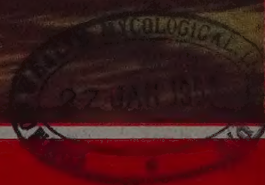
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVII • OUTUBRO DE 1952 • N.º 308

AVISO

A partir do número de JANEIRO de 1953 será suspensa a remessa dêste Boletim a tôdos aquêles que até então não nos tenham comunicado o seu desejo de continuar a recebê-lo, e isso devido a ser muito antiga nossa lista de assinantes, muitos já possìvelmente inexistentes, ao passo que existem numerosos pedidos novos a serem atendidos.

A revistas e outras publicações congêneres, só será enviado o Boletim mediante permuta.

À

Superintendência dos Serviços do Café
(Secção de Estatística e Publicidade)
Largo da Misericórdia, 24, 3º andar
S. PAULO

Tomando conhecimento do aviso publicado na 2ª página de capa do vosso Boletim mensal, e sendo de nosso interêsse continuar a recebê-lo, vimos pedir a gentileza de suas providências no sentido de não nos ser sustada a remessa da aludida publicação.

Atenciosas saudações

a) ....

Enderêço:

....

....

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII	OUTUBRO DE 1952	Número 308

Sumário

NOSSA CAPA: — Aspectos da colheita do café. Grandes carroções transportam o produto, numa fazenda paulista.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

A Ford anuncia
O Novo
FORDSON
MAJOR

IMIGRAÇÃO E NACIONALISMO

J. TESTA

É bem diverso do critério antigo, o atual conceito sôbre imigração. No século passado, e nos princípios dêste, imigração era uma espécie de carga humana que vinha nos porões dos navios, constituida quase sempre de indivíduos analfabetos, paupérrimos e nem sempre de higidez satisfatória, no momento, não obstante as bôas características étnicas de que eram portadores. Eram servos da gleba, que vinham substituir os escravos negros, e a quem cabia uma função quase idêntica, pois não era demasiadamente rara a fazenda em que alguns tipos de senhores feudais chegavam a usar processos disciplinares não de tôdo aconselhaveis...

E a migração era apenas de braços, e de braços rudes, não especializados. Não se falava em migração de capitais e de técnicos. Não que deixasse de existir, mas porque era limitada e, em geral, realizada por firmas individuais, sem nenhuma ou quase nenhuma interferência de govêrno a govêrno.

Hoje, a imigração especializou-se e ampliou-se. Colônias inteiras se transferem, de uma vez, com dezenas e centenas de famílias, capitais, máquinas, animais de raça, adubos, veículos, técnicos. São migrações em massa, quase um Estado para outro Estado...

* * *

Como era natural, país de imigração que sempre foi, graças ao seu enorme território, o Brasil já vem entrando nêsse estágio moderno. Entretanto, não foi fácil que nos movessemos, pois nossos serviços imigratórios trabalhavam com demasiada lentidão, sendo necessário que a pressão dos paises emigrantistas agisse sôbre nós, de fóra para dentro, não obstante os reiterados pedidos dos lavradores, principalmente das nossas sociedades rurais, com especialidade para colonos italianos destinados à cafeicultura. Emquanto a Venezuela, a Argentina, o Canadá a própria Austrália, dantes avessa a grandes correntes migratórias, passavam a receber dezenas e centenas de milhares de imigrantes, nossos serviços de seleção, no Velho Mundo, timbravam em chinezices e bisantinismos, só permitindo a entrada, em nosso país, de uma quota irrisória de alienígenas.

Felizmente, agora, a situação se alterou e, além da entrada normal de pessôas avulsas, grandes contingentes vêm chegando, em grupos especializados, iniciando empreendimentos que já se destacam, em nossas atividades rurais, como dos mais promissores, haja vista aos holandeses em Migi-Mirim, nêste Estado, os alemães em Guarapuava, no Paraná, e os italianos no Estado do Rio, na Bahia, em Goiás, no norte do Paraná e agora em Assis, nêste Estado.

Os primeiros resultados de tôdas essas emprêsas (excetuado o fracasso da colônia de Rio Verde, devido a causas já sabidas) são os mais promissores. E nem outra cousa seria de esperar-se, pois vêm sendo estabelecidas após acurado estudo e aparelhadas de tôdos os

elementos técnicos e financeiros necessários à colimação de seus objetivos. São entidades capazes primordialmente de produzir, que é o seu principal desideratum; mas, também aptas a preencher diversos outros propósitos, no campo racial e social, sendo verdadeiros centros de experimentação, de pesquiza e de irradiação.

* * *

Êsse novo tipo de imigração é bem um símbolo da época, de progresso e de técnica, mas também de tratados e de estatismo. Quase nada se faz, hoje, sem a intervenção do Estado, ao contrário do que seria de desejar-se. A utopia de um mundo sem alfândegas, com uma só moeda, sem passaportes e sem contrôles de imigração, com um só direito, uma só língua, continua como um sonho irrealizável. Mesmo as cousas mais simples e práticas, com um único sistema de pesos e medidas, se tornam impossíveis, porque ao claro e lúcido sistema que o gênio francês concebeu, opõem os anglo-saxões o seu arcaico método de pés, onças e libras, confuso, difícil de calcular, anacrônico, irregular, atrasado de um século... O tradicionalismo e o espírito conservador são, por certo, uma das grandes virtudes do espírito anglo-saxônico. Mas, como se vê, os extremos se tocam, e é exatamente êsse tradicionalismo que impede, ás vezes, conquistas as mais elementares.

Essas novas colônias, autônomas ou semi-autônomas, são já uma realidade vitoriosa, ao contrário das nossas iniciativas governamentais do passado. Não falando, já, das antigas, como a de Itapura ou a de Jatahy, são fracasos quase totais, as de Barão de Antonina, de Ceres ou de Dourados. Faltou, nelas, muita cousa para que se possa discutir o assunto num simples artigo. Mas, poderiamos sintetizar dizendo que faltou orientação, método, direção, técnica. Nas novas, onde a iniciativa particular está presente e onde mais modernos e arejados princípios se põem em prática, os resultados já vêm sendo, de início, muito outros.

* * *

Não sendo um país de substrato racial autóctone, a não ser o indígena, e tendo enormes extensões territoriais a povoar e valorizar, é natural que o Brasil tenha sido e continue sendo um país importador de sangue, de técnica, de capitais e de idéias.

Entretanto, ao se fazer uma afirmação dessas, mexe-se num vespeiro: o nacionalismo. O assunto é delicado, e cumpre tratá-lo com tôda a elevação e equilíbrio, colocando a questão nos seus justos termos, pois cada um dos seus aspectos tem um duplo sentido, um verso e reverso que devem ser objetivamente examinados.

Ao se receberem e localizarem, por exemplo, imigrantes estrangeiros, necessário se torna que não esqueçamos os nacionais, proporcionando-lhes condições pelo menos idênticas, com a ação supletiva do Estado. Os nordestinos, principalmente, vítimas da ação ingrata do clima, devem ser recebidos, encaminhados e amparados da melhor forma. Como, no caso, não têm êles o apôio de grandes organizações financeiras iguais às que possuem os europeus, indispensável se torna que os nossos poderes públicos ou entidades apoiem e racionalizem essa

migração interna, proporcionando-lhes mesmo a técnica rural que lhes falta, e que possuem os migrantes do Velho Mundo.

Isso quanto ao elemento humano, a que está ligado, ainda, o problema dos quistos raciais. Màs a questão ainda mais se complica quando se trata de importar outros valores que não o braço trabalhador. Se se trata de adquirir um artigo estrangeiro, a indústria nacional alega, e com razão, necessidade de proteção para poder desenvolver-se... e o consumidor nacional alega, também com fundamento, ser indispensável a concorrência, em nossos mercados, dos produtos alienígenas. Se se trata de valores intelectuais, como quando um dos nossos Governadores mandou buscar na Europa essa brilhante constelação de professores para as nossas Universidades, fecunda iniciativa que tantos resultados já produziu, afirma-se que no país existem numerosos valores intelectuais inaproveitados... Se são técnicos que vamos importar, êles entrariam em concorrência com os nacionais, e viriam agravar o congestionamento urbano... S são capitais, êles viriam escravisar-nos, colonizar-nos de novo, fazer-nos voltar aos tempos de Pedro Álvares Cabral...

E há ainda muitos outros problemas. Um dêles, por exemplo: o povo reclama contra o alto custo da vida; sobe o preço do pão; o trigo nacional é caro. Mas, devemos abandoná-lo em favor do estrangeiro, mais barato, matando a nossa triticultura em começo? Como resolver? Fazer o povo pagar mais caro o trigo nacional, "para engordar os tubarões", ou baratear o pão, feito sòmente com o trigo importado, em dólares, para.... engordar os tubarões estrangeiros?

Os problemas são, como se vê, múltiplos, e não devem ser encarados com um só critério. Se o anti-nacionalismo não se justificaria, em compensação o nacionalismo exagerado, a xenofobia, o jacobinismo, são um grave erro.

Vemos, presentemente, elementos de valor, do mais alto valor moral e intelectual do país, como o ex-presidente Arthur Bernardes, colocarem-se ao lado de elementos jacobinos e xenófobos, o que faz atrazar por um quarto de século a exploração das nossas inesgotáveis jazidas de ferro (as maiores do mundo, 31 bilhões de toneladas!) e, por quase igual período, as nossas reservas petrolíferas... Se não tivesse estranhas origens, a que elementos de bôa fé emprestaram seu apoio, poderiamos até confundir êsses nossos nacionalismos **petrolíferos** com os exóticos nacionalismos religiosos dos povos do oriente, que são capazes de matar um indivíduo porque, sendo estrangeiro, ainda teve o desplante de comer gordura de porco...

Nós já deveriamos estar livre dessas infantilidades. Se o capital, a técnica ou o braço estrangeiros vêm colaborar conosco e, como é natural, se submetem às nossas leis e às nossas conveniências, recebamo-los. Não estamos mais de tanga. Não há mais perigo de nos venderem contas de vidro e espelhos em troca de pepitas de ouro ou de páu brasil! Sejamos nacionalistas, sim! Preservemos o que é nosso, as nossas tradições, nossa cultura, nossos costumes. Preservemo-nos contra os exotismos, contra o sapateado, contra o jazz. Mas, sejamos, também, homens da nossa época, dessa época em que as distâncias são cada vez menores, em que o mundo é, cada vez mais, como o dizia Wendell Willkie, "um mundo só". Nada de ciumezinhos infantis. Tenhamos conciência

de nossas necessidades mas também de nossa capacidade e nossa fôrça.

Sejamos a favor da nossa industrialização; mas não exagerados protecionistas; aproveitemos nossos técnicos e nossos capitais, desenvolvendo-os, mas aceitemos os alienígenas, dentro das nossas conveniências.

* * *

Cada país importa o que lhe convém: uns técnica; outros, capital; êstes, idéias; aquêles, o braço trabalhador. Aliás, essas importações se interpenetram e raramente uma delas está só. Os exportadores, os países de emigração, por sua vez, exportam "mercadorias" diversas. Ùltimamente, porém, no estágio a que atingiu atualmente a humanidade, quase que o braço não emigra mais sòzinho: vai sempre acompanhado da técnica e do capital.

Nosso atual arcabouço econômico-social é oriundo das mais diversas procedências. Do português herdamos a magnitude de nossa vasto território; embora restrita a sua técnica industrial ou agrícola, êle nos prestou um serviço inestimável, levando a todos os quadrantes da pátria o mesmo sangue e a mesma linguagem. O italiano foi a base agrícola e industrial dos Estados do sul; operoso, prolífico, inteligente, o sangue peninsular é hoje básico em nossa etnia. Do inglês, francês, americano, canadense, foi pequena a contribuição étnica mas grande, importantíssima, a contribuição financeira e técnica; nos sistemas ferroviário e elétrico do país, seu auxílio foi decisivo, numa época em que, felizmente, o nacionalismo indígena se encontrava um pouco menos agressivo... Os espanhóis, sírios, alemães, japonêses e outras correntes menores, têm-nos trazido preciosa e inestimável cooperação, principalmente na conquista do nosso vasto **hinterland.**

* * *

Há povos que têm para onde canalizar os excedentes de sua população; são colônias, domínios, protetorados, ou, pelo menos, antigas colônias, hoje independentes, mas habitadas por gente da mesma raça. São os ingleses, os franceses, os espanhóis, os portuguêses... Outros, como os suiços, os húngaros, os sírios, os italianos principalmente, não têm essa vantagem: devem emigrar para regiões de língua estranha e, às vezes, de religião e costumes diferentes... Mas, a Providência, pela lei das compensações, lhes faculta, de outro lado, uma prerrogativa que não concede aos primeiros: a de encontrarem, em cada recanto do mundo, em pátrias de outros povos, exemplares de sua raça, de seu sangue, de seu espírito. Não possuindo uma região própria e típica, são donos, entretanto, do mundo! Em cada canto do planeta encontram um pouco do seu eu na língua, no direito, nas artes, na ciência, nos inumeráveis ramos do saber e da riqueza, que crearam e divulgaram, com o seu sangue o seu trabalho e o seu espírito. Estão em tôda parte e exercem todos os misteres: são engraxates em Punta Arenas, fazendeiros em São Paulo, industriais em Nova York, sapateiros no Cairo, donos de restaurantes em Casablanca, mineiros na Lorena, estivadores em Antuérpia, pintores, professores, regentes de orquestras, estatuários... Fazem

de tudo e em tôda parte. Com o seu sangue, enchem as cidades e os campos de belos tipos eugênicos; com a sua arte, sua religião, seu trabalho, seus hábitos, sua cozinha, introduzem uma nota característica e de novo cromatismo, na monotonia das sociedades baseadas sôbre um único tipo.

Todos êsses, os que trabalham e lutam e sofrem conosco, ajudando-nos a construir o Brasil de amanhã com os seus braços, sua inteligência, seus capitais, devem ser benvindos. As disposições acauteladoras de nossos interêsses já estão consagradas, até com exagêro, em nossas leis. Não criemos mais dificuldades.

NOTA: — Já estava concluido êste, quando lemos um substancioso trabalho do prof. J. Fernando Carneiro, na revista COMUNIDADE, em que êle enumera meticulosamente tôdas as disposições nacionalistas de nossa Constituição e de nossas leis ordinárias, chegando à conclusão de que somos um dos países mais nacionalistas do mundo!

O episódio dos pescadores portuguêses que, ao tempo do govêrno Epitácio Pessôa foram repatriados devido à campanha que lhes foi movida; debates nem sempre bem colocados sôbre a imigração japonesa e as colônias alemãs do sul; a supressão dos jornais italianos e alemães durante a guerra, o que não se fez mesmo nos Estados Unidos; a impossibilidade de votarem, aqui, os estrangeiros, o que não acontece na Argentina, Estados Unidos e vários outros países; as dificuldades de nacionalização; a impossibilidade, para os estrangeiros, de exercerem numerosas prerrogativas, mesmo quando nacionalizados, o que torna quase inócua essa providência, — são outras tantas exigências excessivas muitas delas citadas pelo prof. Fernando Carneiro.

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

J. BEMELMANS
(Engenheiro Agrônomo)

(Continuação do n.º anterior)

II

Título CAIXA:

No Razão êste título ocupará apenas uma linha por mês. O encarregado da Caixa poderá usar um pequeno Livro Caixa comum, ou um livro caixa com cópia a carbono, ou fichas numeradas etc.

Cada lançamento deve sempre preceder o pagamento ou o recebimento e ser o mais explicativo possível.
Êste título é debitado pelas somas em dinheiro recebidas; é creditado pelas somas em dinheiro pagas; é saldado pelo Balanço, ou seja pelo dinheiro existente em caixa.

Título CONTAS CORRENTES:

A êste título de Razão corresponde um Livro de Contas Correntes comum, onde figuram tôdas as contas que não estão sujeitas à Caderneta Oficial.

Título EMPREGADOS:

A êste título do Razão corresponde um Livro de Contas Correntes dos Empregados, contas sujeitas à Caderneta Oficial, sendo esta cópia fiel dêste livro.

Nos Balancetes figuram:
no Ativo, a soma de tôdas as contas devedoras
no Passivo, a soma de tôdas as contas credoras.

Título PERDAS e LUCROS:

Êste título do Razão não precisará, em geral, de Livro Auxiliar.

Usamos Perdas e Lucros, e não Lucros e Perdas, por uma questão de lógica e de facilidade, pois:
as perdas são escrituradas a Débito, isto é à esquerda;
os lucros são escriturados a Crédito, isto é à direita.

Há uma tendência generalizada nas contabilidades relativas a outras atividades (indústria, cooperativas, etc.) em lançar na conta Perdas e Lucros os saldos de tôdas as contas principais e acessórias, trazendo mesmo êste modo de fazer uma certa clareza quanto às "despesas" e às "receitas" do exercício.

Na indústria, por exemplo, a matéria prima é "comprada", depois "transformada" mediante uma certa "despesa"; para ser vendida mediante uma "receita" que deixará lucro ou não.

Na agricultura, a matéria prima é "produzida" por fatores em parte independentes de nossa vontade, e é "vendida" pelo preço do

mercado, nem sempre remunerador, e que dificilmente o lavrador pode modificar.

Cada cultura tem despesas diferentes, tanto em despesas concretas (mão de obra, material) como em despesas abstratas (despesas de administração, impostos, juros, etc.).

E' o motivo pelo qual as "contas de repartição" não devem ser saldadas diretamente por Perdas e Lucros, o que daria a tôdas as contas de exploração uma verossimilhança de muito rendosas, pois faltar-lhes-ia o débito de perto de um terço da despesa (33%).

Êste título é debitado:
pelo valor dum sinistro eventual durante o ano (fogo, morte, etc.);
pelo valor dos saldos das contas em prejuízo;

é creditado:
pelo valor dos saldos das contas em lucro;

é saldado:
pela conta Capital, quando a exploração é particular.

Título FINANCIAMENTOS:

Êste têrmo representa os encargos dos financiamentos (juros) ou seja, mais pròpriamente o "custo" do dinheiro.

Por analogia e para diminuir o mais possível os títulos do Razão, incluimos nêle também as letras (Títulos a pagar e a receber). Para a agricultura, êste título Financiamentos é adequado, e agrupa muito bem essa parte financeira da emprêsa.

Êste título do Razão só ocupa uma linha por mês e agrupa os diversos sub-títulos abertos no Livro Auxiliar, quando se deseja informações detalhadas.

Êsses sub-títulos podem ser:
Juros sôbre empréstimos em contas correntes
Juros sôbre hipotecas
Juros sôbre promissórias
Juros e descontos
Títulos a pagar
Títulos a receber

Os três primeiros são debitados:
pelo valor dos juros pagos;

são creditados:
pelo valor do saldo, levado a Perdas e Lucros, no fim do ano.

Juros e descontos é debitado:
pelo valor dos selos e estampilhas em recibos e contratos;
" " dos juros contados em pequenas contas;
" " dos descontos concedidos;
" " das despesas ocasionadas pela procura de dinheiro no banco etc.

é creditado:
pelo valor dos juros pagos pelos bancos, sôbre os depósitos;

é saldado:
pela conta Perdas e Lucros.

NOTA: sendo pequeno o movimento dêstes sub-títulos, êles poderão

ser incluidos em DESPESAS GERAIS, suprimindo assim o título de Razão FINANCIAMENTOS.

Títulos a pagar é creditado:
pelo aceite das duplicatas ou títulos (debitando Contas Correntes);
é debitado:
pelo pagamento dos títulos (creditando Caixa).

Títulos a receber é debitado:
pelo valor dos títulos emitidos (creditando C/C. ou Produtos);
é creditado:
pelo valor do pagamento do título (debitando Caixa ou Banco).

Título DEPRECIAÇÃO:

Êste título é mero intermediário, e para uma propriedade particular não há inconveniência em suprimi-lo.

Êle é debitado:
pelos valores de tôdas as depreciações feitas em Imóveis, Semoventes e Material;
é creditado:
pelos mesmos valores que são debitados aos usufruidores respectivos.

Título CONSERVAÇÃO:

Êste título do Razão agrupa grande parte das despesas feitas para conservar o capital fixo.

Os sub-títulos preconizados no Livro Auxiliar são:

Arreios e veículos para bovinos — Conservação
" " " muares — "
Caminhos "
Caminhos de ferro "
Casas da colônia "
" da sede (separadamente) "
" do moinho "
Cêrcas e currais "
Cocheira "
Estábulo "
Jardim "
Garage "
Mangueirão da colônia "
" da fazenda "
Máquinas agrárias (menos trator) "
Paiós "
Pastos e Invernadas "
Ranchos "
Rêde da água "
" elétrica "
" telefônica "
Sede "
Terreiros "
Tulhas e depósitos "
etc.

Há alguns outros gastos que são despesas de conservação, mas são debitados diretamente aos títulos respectivos, como por exemplo: consertos de maquinários, ferramentas, móveis, sacos, encerados e panos etc..

Todos os sub-títulos do quadro acima são abertos à medida do início dos serviços de conservação.

Êles são debitados:
pelo valor da mão de obra dispendida;
pelo valor do material dispendido;
pelo valor dos serviços dos animais ou dos motores;
pelo valor da depreciação em Imóveis, em casos eventuais.

são creditados:
pelo valor do débito a terceiros (Pastos e invernadas alugadas);
pelo valor do saldo repartido entre os usufruidores.

Repartição de CONSERVAÇÃO:

Arreios e veículos — Conservação: será subdividido entre Bovinos e Muares, caso hajam Bois de trabalho e Muares.
Esta conta será saldada por SERVIÇOS DE ANIMAIS.

Caminhos — Conservação: será saldada entre as várias culturas por parceria e por administração, em proporção ao número de viagens que cada cultura exige.

Casas da colônia — Conservação: saldado por DESPESAS GERAIS — Colonização.

Casas da sede — Conservação:
Administração: saldado por DES. GERAIS — Administração
Residência : " " " " "
Guarda-livros : " " " " Escritório

Casa do Moinho — Conservação: saldada por SERVIÇOS MOTORES — Moinho.

Cêrcas e Currais — Conservação: saldo repartido entre SERVIÇOS DE ANIMAIS e CRIAÇÕES, em proporção ao número de cabeças.

Cocheira — Conservação: saldado por SERVIÇOS DE ANIMAIS — Muares e Cavalares (e Criações, caso houver esta exploração).

Estábulo — Conservação: saldado por CRIAÇÕES — Bovinos Leite.

Rêde da água — Conserv.: saldado por D. GERAIS — Várias despesas.

Rêde elétrica — Conserv.: " " " — Luz

Jardim — Conservação: " " " — Várias despesas

Garage — Conserv.: saldado por SERV. DE MOTORES — Automóvel.

Mangueirão da colônia — Conservação: a despesa dessa conta pode ser, por contrato, da responsabilidade dos empregados que têm porcos. Quando há uma pequena diferença, esta é saldada por DESPESAS GERAIS — Colonização.

Mangueirão da fazenda — Conservação: é saldado por CRIAÇÕES — Suinos.

Máquinas agrárias — Conservação: Esta conta é debitada das despesas de conservação (material, contas das oficinas, mão de obra) separadamente para os arados, grades, semeadeiras, carpideiras (Planet, bico de pato, etc.), pulverizadores, extintores de formigas etc., seja de tração animal, ou manuais.

As máquinas semelhantes, de tração mecânica, têm suas despesas de conservação incluidas nas despesas de SERVIÇOS DE MOTORES — Tratores.

O crédito final desta conta é feito pelo débito das CULTURAS (nessas, das parcelas) que utilizaram as respectivas máquinas, e para a mesma cultura, em proporção diferente para cada tipo de máquina, um tanto de acôrdo com o total da mão de obra gasta em cada serviço.

Paióis — Conservação: abranje todos os depósitos de milho, e esta conta é saldada pela repartição entre cada variedade de milho em paiol, em proporção ao número total de unidades recolhidas (cargueiros ou carros) de cada uma.

Pastos e Invernadas — Conservação:

Êste sub-título é debitado:

pelo valor das roçadas, sementes, arações, sub-solagem, formigas etc.
no fim do ano, pela depreciação eventual em Imóveis.

é creditado:

pelos aluguéis de pasto cobrados de terceiros;

é saldado:

pela repartição entre os usufruidores do pasto (Serviços de Animais e Criações).

A repartição será feita em proporção ao número de cabeças, ou, se certos pastos são destinados o ano todo a uma certa espécie de gado, as despesas poderão ser sub-divididas para cada pasto ou invernada.

Ranchos — Conservação: é saldado pelos títulos que utilizaram os ranchos; tratores, carretos, culturas etc.

A conservação do rancho para combustíveis será debitada ao trator, e não a Combustíveis e Lubrificantes (Material) para evitar diferenças de preços nêstes.

Sede — Conservação:

é debitado:

pelas limpezas em roda da residência. O jardim, quando pequeno pode ser incluido nesta despesa.

é creditado:

pela transferência do saldo para D. GERAIS — Várias despesas.

Terreiros — Conservação:

é debitado:

pelas despesas de conservação;
no fim do ano, pela depreciação eventual em Imóveis.

é saldado:

pelas culturas que utilizaram o terreiro: cultura de café, de amendoim, de mamona etc.

Tulhas e depósitos — Conservação:

é debitado:

pelas despesas de conservação;
no fim do ano, pela depreciação eventual em Imóveis;

é creditado e saldado:

pela repartição entre as culturas que utilizaram os depósitos, ou entre os produtos armazenados.

Título DESPESAS GERAIS:

Êste título do Razão agrupa tôdas as despesas que não podem ser determinadas logo para uma só exploração da fazenda, mas que devem ser repartidas entre tôdas as contas de exploração, numa certa porcentagem.

Os sub-títulos preconizados no Livro Auxiliar são:

Gerência	—	Despesas Gerais
Administração	—	" "
Assistência médica	—	" "
Fiscalização	—	" "
Escritório	—	" "
Luz elétrica	—	" "
Colonização	—	" "
Donativos	—	" "
Impostos e taxas	—	" "
Viagens	—	" "
Várias despesas	—	" "

Êles são debitados:

pelo valor dos ordenados e da mão de obra gasta;
pelo valor do material gasto;
pelo valor dos serviços dos animais;
no fim do ano, pelo valor das depreciações em Imóveis de sua responsabilidade;
no fim do ano, pelo valor das conservações de sua responsabilidade.

são creditados:

pela sua repartição proporcional entre as Contas de Exploração.

NOTA: Há uma tendência atual em levar diretamente o saldo dêste título DESPESAS GERAIS para a conta PERDAS E LUCROS.

Em agricultura, isto não é conveniente, porque sem computar estas despesas, tôdas as culturas apresentam um lucro bem satisfatório. Quando, porém, debita-se-lhes a quota de Despesas Gerais, êsse lucro as vêzes desaparece, transformando-se em prejuízo, denunciando assim, a exploração que está prejudicando a renda geral da fazenda.

Outro motivo porque essas despesas devem ser debitadas as contas de exploração, é que essas despesas são tão indispensáveis ou inevitáveis, como as de mão de obra ou de material gasto, pois uma fazenda precisa de administrador, fiscais e guarda-livros, para orientar sua exploração e fazê-la funcionar.

Administração — Despesas Gerais:

Êste sub-título pode subdividir-se em:

Gerente
Administrador
Residência

Os sub-títulos Gerente e Administrador são debitados:

pelo valor dos ordedenos e gratificações;
" " dos produtos abonados (leite, lenha, arroz etc.);
" " de pequenos serviços (em seleção etc.);
" " das diárias do cavalo;
" " das despesas de auto relativas;
" " das despesas de conservação da casa;

" " da depreciação anual da casa;
" " de diversas despesas (mudança etc.).

O sub-título Residência é debitado:
pelo valor da lenha;
" " da conservação da casa;
" " da depreciação da casa;
e outros que forem julgados de justiça.

A parte Administrativa é a que interessa realmente a exploração da fazenda.

A parte Administrador é a que interessa realmente a exploração norma, o patrão vivendo na fazenda, ou fóra dela, tem sua despesa particular de víveres, hortas, casas etc., que não devem ser computadas como despesas da fazenda, embora seja com a renda desta que êle se mantém.

Si o proprietário não tiver administrador, e ocupar realmente as funções daquele, terá direito a um ordenado igual ao que pagaria a um profissional.

Assistência médica — Despesas Gerais:

Quando feita sob forma cooperativista (quota por "enxada"), esta conta será debitada:
pelos pagamentos feitos ao médico;
pelos créditos de medicamentos autorizados a certos empregados;

será creditada:
pelos descontos feitos mensalmente ao pessoal;

será saldada:
pela transferência do saldo para a conta Colonização.

Fiscalização — Despesas Gerais:

Êste sub-título pode ser subdividido em:

Fiscal geral
Fiscais
Feitores (eventual)
Almoxarife (eventual)

Cada rubrica será debitada:
pelo valor dos ordenados e gratificações;
" " dos produtos abonados;
" " das diárias do cavalo;
" " de diversas despesas (mudança etc.).

Para os feitores e fiscais, será preferível repartir seus ordenados pelo Livro Ponto, diàriamente, podendo o acêrto do total a creditar ser feito por êste sub-título de DESPESAS GERAIS.

Normalmente o ordenado do Almoxarife será debitado em MATERIAL — Salários, e DESPENSA, caso êle seja o encarregado.

Escritório — Despesas Gerais:

Êste sub-título pode ser subdividido em:

Guarda-livros:
ordenado e pensão
casa, conservação
casa, depreciação

diversas despesas
Jornais e revistas
Livros e impressos
Correio e telégrafo
Telefone (assinatura — Interurbano — Quota impôsto — Reparos da linha)
Móveis: depreciação (móveis do escritório apenas).

Por êste sistema verifica-se que as despesas com jornais, revistas e material de escritório (livros e impressos) são amortizados inteiramente todos os anos. Se houver conveniência que uma parte figura no Inventário, deverá ser aberto o sub-título; Livros e Impressos, no título MATERIAL. (Êste sub-título poderá então englobar o de "Cadernetas").

Colonização — Despesas Gerais:

Neste sub-título ficam agrupadas tôdas as despesas inerentes à presença de operários na fazenda.

É afinal, uma despesa a mais de mão de obra.

Êste sub-título pode subdividir-se em:

Mudanças pagas
Prejuízos em contas de Empregados
Festas
Serviços diversos
Férias e contribuições às autarquias
Casas da colônia — conservação
" " " — depreciação
Mangueirão da colônia — conservação
" " " — depreciação
Clube esportivo
Diversas despesas
Carretos — prejuízo (ver SERVIÇOS DE ANIMAIS)

Um colono de café trabalha também no algodoal, e em outras culturas. E' pois justo que sua mudança não seja debitada apenas à cultura de café, mas sim a Despesas Gerais.

Em vez de abrir "Fundos" especiais de muito pouca significação para cobrir os prejuízos em contas de Empregados, fundos por fim saldados por Perdas e Lucros no lugar de serem repartidos nas contas culturais, é mais acertado debitá-los a Despesas Gerais.

As despesas de Festas (cervejas, músicos, garrotes, conduções etc.) são na realidade despesas extras com o pessoal.

Serviços diversos podem ser debitados por serviços de profilaxia, feitio de caixões, roçadas de pasto dos colonos, quando êste serviço não é por conta deles, etc.

Diversas despesas poderá representar as despesas em auxílios médicos (saldo da caixa mutual), em auxílios de casamentos ou de funeral, em prêmios de seguro contra acidentes do trabalho, etc.

A rubrica Ferias será debitada pelo crédito da mesma rubrica no título MÃO DE OBRA.

Os prejuízos em Carretos (de Serviços de Animais) ou seja o saldo devedor dessa conta é computado neste sub-título "colonização" por representar o prejuízo dêsses carretos feitos abaixo do custo para os empregados.

Quando a Escola fôr de uso exclusivo do pessoal da fazenda, as despesas por ela ocasionadas serão incluidas neste sub-título. Se ela serve a diversas propriedades, ela será classificada em "Várias Despesas" de Despesas Gerais.

Donativos — Despesas Gerais:
Feitos pela fazenda, em dinheiro ou in-natura, são debitados neste sub-título.

Impostos e Taxas — Despesas Gerais:
Neste sub-título devem apenas ser debitados os impostos "gerais", isto é, os que não incidem especialmente sôbre certo produto.

Esta despesa toma um vulto cada vez maior, ao ponto de muitos reservarem-lhe um título especial no Razão, aliás previsto pelo Código Comercial.

Êste sub-título poderá ser subdividido em:

Impostos Federais
" Estaduais
" Municipais

Pensão — Despesas Gerais:
No caso de existir uma pensão para o pessoal, é debitado:
de tôdas as despesas durante o ano agrícola;
do valor das depreciações dos móveis e dos utensílios, no fim do ano;
é creditado:
da pensão cobrada aos pensionistas;
é saldado:
pelo sub-título Colonização, seja o saldo devedor ou credor.

Viagens — Despesas Gerais:
Neste sub-título só serão classificadas as despesas que não podem ser atribuidas a qualquer outra conta da contabilidade. Poderá constar das rubricas:

Jardim) Conservação)
Rêde da água) e) no fim do ano
Sede) depreciação)
Escola (no correr do ano)
Várias (no correr do ano)

Repartições de DESPESAS GERAIS:
No fim do ano agrícola, todos os saldos de cada sub-título são transferidos numa fôlha do Livro Auxiliar, sob a denominação de "Geral" — Despesas Gerais.

Obtem-se assim o total geral que é repartido na mesma fôlha, entre as Contas de Exploração (e eventualmente entre as Contas Especiais).

Esta repartição poderá ser feita em proporção a importância da conta, isto é, ao trabalho que deu à administração.

Raríssimamente poderá ser adotado o critério de repartição proporcional às áreas.

CONSIDERAÇÕES SÔBRE O "KRILLIUM"

(Especial para o Boletim da SSC)

SIGMAR KAUFMANN

Observamos, ùltimamente, a divulgação sensacional dêste produto, que promete fazer verdadeiros milagres. "Restaura-se a produtividade do solo mediante sintéticos, em horas, ao envés de em anos, como usualmente" escreve "The New York Times" na sua primeira página. "O "KRILLIUM" está marcando o comêço de uma era revolucionária, em que os desertos, provocados pelo homem, podem-se tornar jardins florescentes", escrevem outros jornais e revistas e ùltimamente estão se divulgando de dia em dia, sempre mais notícias sensacionais sôbre êste produto milagroso.

Estas notícias nos lembram, há muitos anos, quando surgiram os primeiros comentários sôbre as possibilidades do "Hydroponic" (plantas cultivadas sem solo, sòmente com fertilizantes minerais ou químicos, água, ar e sol). "Não está fóra do limite das possibilidades, escreveu então o Prof. Hogben — que o Sahara possa se tornar uma usina em pleno ar, acumulando energia solar no amido e celulose das batatinhas ou alcachofras, podendo depois ser convertido **in loco** em álcool e açúcar". É verdade que pela primeira vez, durante a última guerra, o "Hydroponic" já podia ser utilizado pràticamente (para abastecer o exército norteamericano com legumes verdes, foi instalado em Iwoshima uma "horta sem solo" de dois acres). Na ocasião das floradas, faltando abelhas para ativar o pólem, foi transportada por via aérea uma colmeia do Brasil. Também no próprio Japão, achando-se que as verduras continham germes de tifo, vermes e disenteria, foram instaladas "chácaras sem solo" — ao todo 80 acres — compostas de compartimentos chatos de cimento armado, contendo cinzas da lava vulcânica ou saibro, água e fertilizantes químicos). Mas até agora o "Hydroponic" não conseguiu resolver os nossos problemas agrícolas, limitando-se apenas a uso nos campos experimentais.

À vista de tudo isso, convém chamar a atenção contra os exagêros que poderiam perturbar o senso prático do lavrador.

Podemos ler o seguinte no último número da "Oléagineux":

> "Durante os últimos meses foram registrados um certo número de reveses do **Krillium** nos Estados Unidos. A Monsanto respondeu que os pretendidos reveses provêm de duas origens:
>
> 1.) Que não foi empregada uma quantidade suficiente do produto,
>
> 2.) Que as condições da temperatura e da humidade, na época da aplicação, não foram estudadas. A profundidade da aplicação deve também ser regulada, conforme o caso".

Todavia a Monsanto suspendeu a venda do **Krillium** até que as condições do emprêgo e da venda sejam definidas.

Uma das aplicações do **Krillium** nos Estados Unidos foi para ressecar o solo dos terrenos de futebol depois das chuvas.

No "Chemical and Egineering News", a sociedade AMERICAN CYANAMID publica a venda de um "estabilizador do solo", denominado "X-19".

"Constata-se, com uma certa ironia — escreve o "Oléagineux" — que a AMERICAN CYANAMID, há muito tempo, tinha estudado as particularidades do **Krillium** e que foi mesmo feita uma publicação no ano passado, ANTES que a Monsanto publicasse a sua descoberta do **Krillium**". Parece, portanto, que a CYANAMID considerou antes o **Krillium** como ADHESIVO, para perfurar os poços de petróleo e não tinha imaginado o seu emprêgo na agricultura.

O **Krillium** vai ter estendida sua fabricação à Inglaterra, na usina de Newport. Conforme o Dr. MOWRY, um dos inventores do **Krillium**, êste produto poderia ter resultados penosos, posto nas mãos de leigos, estimulando assim o crescimento das ervas daninhas. Depois uma prática de 3 anos, o **Krillium** vai ser um objeto de um filme de propaganda, demonstrando especialmente a resistência do solo contra a erosão, mesmo quando posto sob pressão da água.

Mas, como podemos observar, uma verdadeira corrida de "Soil-conditioner" se encontra em andamento nos Estados Unidos. Temos de notar o lançamento dos seguintes produtos nos últimos meses, cujo objetivo seria análogo ao do **Krillium**:

AcriSoil Co. com	"AcriSoil"
American Cyanamid	"Aerotil"
American Polimer	"Agrilon"
Dreers'	"Fluffium"
Niagara Chemical	"Terra Kem"
Nott Mfg. Co.	"SoilLife"
Wilson Organic	"Oly Ack"
B. F. Coodrich Chemical	ainda sem nome
Dupont	ainda sem nome

Todas estas indústrias experimentam ganhar a velocidade da Monsanto, ao preço de uma publicidade até agora desconhecida nos produtos fertilizantes.

Sôbre o lançamento maciço destas "Panacéias Agrícolas", escreve Alec Jordan no "Chemical Week": "As Companhias, as mais sóbrias de promessas, as mais previdentes, estão se esforçando com diligência para fazer educar os seus clientes, quebrando as decepções que estão se preparando. Senão, em pouco tempo, a única palavra "Soil Conditioner" levantaria o anáthema do público e um eventual novo produto cheio de promessas seria definitivamente arruinado".

Rodale, que geralmente tem como princípio rejeitar qualquer produto químico (Rodale é um discípulo de Howard e da "Húmus School"), escreve sôbre êste assunto: "**Krillium** é um composto de sódio, e, justamente como nitrato de sódio, poderia acarretar certas perturbações. No caso do nitrato de sódio, a planta pode tirar muito de nitrato, mas pouco de sódio.

O sódio irá se acumulando no solo ano por ano, e, combinado com carbono, teremos então carbonato de sódio, do qual provém a fórmula

da soda comum de lavar roupa. Quem quereria, então, pôr soda para lavar, no solo? Onde está se utilizando nitrato de sódio o solo fica tão duro como concreto, durante o período da sêca".

"Estão apresentando KRILLIUM como um produto organo-químico. Êle é orgânico no mesmo sentido da Aspirina, que está sendo feita de breu e carbono, e que é também "orgânica". **Krillium** é uma resina, feita de gás natural e amônio; é composto de substâncias poderosas para mudar a estrutura da matéria e por isso penso que é perigoso brincar com isso. Precisamos milhões de anos para a mudança da natureza e o ser humano não pode fazê-lo de um dia para outro, sem prevêr os efeitos que poderia causar essa intervenção."

Para finalizar, temos, antes de tudo, que considerar o preço (2 dóllares a libra). Convém citar mais uma vez, o que escrevemos em nossa última publicação sôbre o "Composto":

> "Se em medicina, por exemplo, um remédio recomendado pelo médico é escolhido pela sua eficiência, independentemente do seu custo, na agricultura não basta apenas a eficiência, sendo necessário levar em conta o interesse racional e econômico, considerado dentro das possibilidades de aplicação do Agricultor".

Porque, pela antiga fórmula, devemos fazer dinheiro com a agricultura e não agricultura com o dinheiro.

(*) O nome "Krillium" deriva de uma resina, empregada em Odontologia, chamada "acrylic resin".

Resumos e Transcrições

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 793 CARTAS SEMANAIS 5 de Setembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana a economia geral do país continúa desenvolvendo-se tranquilamente. Quanto as tendências de gradativa expansão, sôbre as quais temos feito comentários ùltimamente, de acôrdo com as curvas ilustrativas dos índices dos preços nos principais mercados do país, o movimento de preços tem oscilado dentro de margens muito limitadas, indicando assim a ausência de fatores que possam vir a alterar as perspectivas da contínua atividade e firmeza existente no momento com referência às atividades econômicas da nação para os próximos meses.

Como foi antecipado o volume de vendas a varejo nas grandes lojas do país, índice bastante importante de uma economia sã, continúa desenvolvendo-se gradualmente tendo atingido no mês de agôsto último já quasi o mesmo total de vendas alcançado até aquele mesmo mês no ano passado. No entretanto, comentando sôbre êste mesmo aspecto, um dos dirigentes de vendas a varejo declarou hoje à imprensa, que ao contrário do ano passado, o público durante o corrente ano tem baseado suas compras num carater altamente seletivo, e que tal fato ao intensificar a competição entre os artigos não sòmente serviu, até certo ponto, para evitar a ascenção dos preços mas também estimulou os fabricantes a melhorarem seus produtos. Apesar dos artigos dêste ano estarem num nível superior de preço, comparado com os do ano passado, a qualidade dos mesmos é muito superior.

MERCADO DE CAFÉ: Continúa observando-se atividade marcante no mercado do café, atividade esta que se intensificou durante os primeiros dias da semana, causada pelos temores de uma possível greve dos estivadores. Desde ontem, porém, começou a circular a notícia de que negociações para fixar os salários nos sindicatos estavam sendo providenciadas com grande cordialidade e em consequência disto, até o momento da publicação desta carta semanal, parece estar diminuindo um pouco a pressão do movimento de compras por parte dos torradores. Deu-se um ligeiro retrocesso nas cotações dos níveis máximos alcançados durante a semana, tendo se observado mais êste fato no mercado a termo do que no mercado de disponíveis e para embarque. Contudo, não houve nenhuma alteração fundamental na firmeza do mercado em geral, suportada como se acha pela favorável situação estatística, bem como pela necessidade que teem os torradores de intensificar suas compras para o abastecimento do mercado de consumo.

Apesar de ter havido sòmente quatro dias úteis durante a semana, as vendas efetuadas no contrato "S" da Bolsa de Café em Nova York foram superiores às realizadas na semana passada, tendo alcançado 348 lotes, ou seja 46 lotes a mais. No fechamento de ontem as altas líquidas obtidas para a semana foram de 3 a 18 pontos, ao passo que, segundo se poderá notar pelo quadro junto, os limites de oscilação foram insignificantes. A posição dos contratos a descoberto registrou maior número durante a semana, com um total de 2.152 lotes, em comparação com 2.082 lotes mantidos sexta-feira anterior.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os cafés de bôa descrição do tipo Santos 4 seguem mais ou menos as mesmas cotações anotadas em nossas cartas anteriores. Contudo, há informação de que cafés do mesmo tipo, mas não tão bem descritos,

estão sendo oferecidos no mercado a preços que flutuam ao redor de 52¼ por libra F.O.B., fato êsse que não é de todo estranho em vista de que as disponibilidades totais dêsses cafés acham-se em aumento devido a entrada no mercado de cafés da nova safra. Quanto aos cafés colombianos, a informação é que êles continuam tendo bôa procura por parte dos torradores e os preços têem flutuado entre 58 5/8 e 59/c tanto para os cafés disponíveis como para embarque e sôbre água.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

MÉXICO

O café em Vera Cruz: Abaixo damos uma condensação de um estudo sôbre o cultivo do café no estado de Vera Cruz, publicado pelo Sr. Juan Rebolledo Clement: Em carater geral se pode afirmar que no Estado de Veracruz, assim como no México e demais países americanos, o cultivo do café tem sido efetuado até hoje de uma maneira extensiva, sem que os agricultores cafeeiros tenham tido quaisquer orientações técnicas.

Começando pelas plantações já existentes, o desenvolvimento de sua produção é favorecido por preços remuneradores no mercado exterior, contribuindo para isto a qualidade do grão, as excelentes condições do solo e fatores climáticos das terras de Vera Cruz, pois o sistema de cultivo e métodos de exploração da terra são muito deficientes.

Os primeiros cafèzais do Estado de Vera Cruz, muitos dos quais ainda existem, começaram a se desenvolver da mesma maneira que nos outros países. Plantaram-se os cafeeiros na terra sulcada, e em alguns terrenos substituiu-se a sombra silvestre por árvores mais apropriadas como os "ingás".

As árvores usadas para sombra dos cafèzais nascia entre os cafeeiros, de sementes caidas dos arbustos. No entretanto, na zona central do Estado existem cafèzais que principiaram com plantas procedentes das regiões de Misantla, Vera Cruz, como na fazenda de "Las Animas", em Jalapa.

Além dos males que atacaram as primeiras plantações, o sistema de cultivo não foi dos mais adequados. Diversos fatores contribuiam para isto: deficiente distância entre as árvores; falta de um método racional de podar; e suficiente barragem do solo; falta de fertilização do mesmo, e método inadequado de explorar a terra. Estas e outras deficiências de trabalho não só em Vera Cruz ou México, são fatores determinantes do declínio da produção, algumas vezes provocada pelo envelhecimento natural e outras vezes pelo envelhecimento prmaturo das terras.

Isto não ocorre sòmente por culpa do agricultor de Vera Cruz, mas também devido a outros fatores de natureza acidental do mercado exterior. Um bom exemplo é o seguinte: em algumas regiões do estado, como a de Córdova, devido a baixa do café mexicano no mercado de Nova York, foram destruidas grandes plantações de café a fim de serem substituidas por cana de açúcar, o que se havia tornado mais remunerativo no momento. Atualmente, devido a alta dos preços, deu-se um fenômeno contrário. As plantações de açúcar diminuiram e as de café aumentaram.

Em diversas fazendas de café da zona de Coatepec e Jalapa se vêem plantios de frutas cítricas, tais como a laranja, em meio os cafèzais, assim evitando a destruição das plantações. Talvez os agricultores das zonas de Jalapa e Coatepec sejam mais optimistas com relação à normalização dos preços. A tenacidade dêstes agricultores salvou as plantações em momentos de crise aguda. Por isto o estado

de Vera Cruz registra a maior produção de café de seu país. Dos 197 municípios que integram o estado de Vera Cruz, sòmente em 9 municípios da zona norte e em 15 da zona sul não se cultiva café.

Durante o ano de 1950 o Estado de Vera Cruz arrecadou pelo imposto de café $9.008.000,00 o que equivale 23% da sua arrecadação total. Além disso o café é a maior fonte de arrecadação; em seguida é o petroleo com 5.000.000,00 aproximadamente. A produção nacional de petróleo é quasi tôda proveniente de Vera Cruz. E' pois, importante para o país a produção do café. Segundo as estatísticas, foram cultivados 55.125 hectares de café no ano de 1947, com uma produção de 21.939.750 quilos equivalente a 135.405 hectares. Portanto, Vera Cruz na produção nacional de quilos equivalente a 135.405 hectares. Portanto, Veracruz na produção nacional de café representa 39,60%. Em resumo, as superfícies cultivadas na República representam 8,89 quintais por hectare e 8,65 quintais por hectare no estado de Vera Cruz.

Em virtude do estado geral das plantações de café no país, o rendimento unitário da nação não é maior do que 5,5 por hectare, e no estado de Vera Cruz é de 6,5 por hectare.

Foi esta uma das razões que levaram ao poder Executivo da República a criar um órgão descentralizado, com personalidade jurídica própria, que tivesse função específica de proporcionar auxílio técnico ao agricultor de café para melhorar seus métodos de trabalho e de cultivo, e, assim, elevar o rendimento por unidade de superfície. A Comissão Nacional do Café é pois o órgão diretivo que no futuro permitirá o desenvolvimento dêste vasto potencial do país.

Os trabalhos da Comissão no estado de Veracruz abrangem o seguinte: 1) estabelecimento de covas para plantação e de viveiros para transplantação das mudas; 2) serviço de informações técnicas, inclusive demonstrações práticas, a fim de incentivar o sistema de cultivo modernizado, e métodos de trabalho mais eficientes; 3) campo de experimentação e demonstração em Garnica, Município de Jalapa.

E' interessante notar-se que a Comissão está aplicando seus próprios métodos de cultivo. Assim, será o México o primeiro país a empregar em grande escala um método racional de podar baseado em princípios científicos e de aplicação econômica para o crescimento vegetativo do cafeeiro.

(Revista Cafetalera de Guatemala — N.º 56 — Vol. VII)

N.º 794 CARTA SEMANAL DO MERCADO 12 de setembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: De acôrdo com a imprensa são diversas as opiniões com referência ao índice dos preços para o futuro. Em alguns artigos e editoriais se comenta o fato de que os aumentos dos salários dos trabalhadores causarão o aumento dos preços dos produtos; em outros artigos e editoriais, em menor escala a opinião é que a competição entre os produtos tende a se intensificar, transformando-se em um fator bastante forte para evitar a alta dos preços. O fato é que os índices principais que indicam o rítmo da atividade industrial do país continuam aumentando, o que revela uma abundância de produtos manufaturados de todas as classes, o que vem confirmar que se aproxima uma época de marcada concorrência comercial.

Entretanto, as possibilidades de uma greve marítima que poderá paralizar os principais portos da costa Éste dos Estados Unidos continúa sendo motivo de preocupação geral. Até o momento, as notícias indicam que há ainda esperança de se conseguir um acôrdo entre as partes em disputa, comentando-se nos círculos comerciais o fato de que esta mesma situação pareceu predominar o ano passado.

Contudo, nessa ocasião deram-se greves que afetaram sèriamente o movimento marítimo de vários portos desta região. Por conseguinte continuará uma certa preocupação entre o comércio aqui até que não sejam assinados os novos contratos trabalhistas.

MERCADO DE CAFÉ: A redução da atividade que se começou a sentir no fim da semana passada continúa a manifestar-se durante a presente, o que resultou em um ligeiro debilitamento nas cotações do café, tanto no mercado dos disponíveis como na Bolsa de Nova York. Ao redor destas flutuações do mercado bem como das atividades de compra por parte dos torradores deve se observar que em vista do fato de que os níveis gerais dos preços acham-se muito próximos dos tetos legais, os torradores daqui, embora intensificando suas compras, em vista do início do período de maior consumo, continuam seguindo uma política de compras sòmente para cobrir suas necessidades mais imediatas, uma vez que se sentem protegidos pela limitação de qualquer alta em vista da existência dos preços máximos, ao passo que si por alguma circunstância ocorrer uma baixa dos preços, seus limitados estoques evitariam perda de maiores proporções. Contudo os torradores não antecipam tais baixas, uma vez que a posição estatística do café não permitiria isto, mas isso impede qualquer iniciativa no sentido de aumentar os estoques locais.

O número de operações registrados durante a semana no contrato da Bolsa de Nova York diminuiu marcadamente, tendo alcançado apenas 187 lotes, contra 348 negociados na semana anterior. Em vista desta falta de atividades, no fechamento de ontem as cotações registraram baixas que flutuaram de 3 a 42 pontos, em comparação aos níveis alcançados na semana anterior. Contudo, notou-se uma expansão da posição aberta dos contratos, que atingiram a 2.176 lotes durante a semana, contra 2.152 lotes na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Em relação aos cafés no mercado dos disponíveis a informação que se tem neste momento é que os torradores estão retirados atualmente do mercado em vista de compras substanciais efetuadas anteriormente. Como resultado, pode-se dizer que os níveis gerais de preços que damos a seguir devem ser considerados apenas nominais: Santos 4, base f.o.b. ao redor de 52/c por libra; excelsos colombianos, base ex-doca Nova York, 52½/c para cima.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

ESTADOS UNIDOS

Missão Cafeeira: Num dos últimos boletins do departamento de Relações Exteriores Agrícolas do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, encontramos uma notícia sôbre uma Missão de Café a qual faz parte do conhecido programa "Ponto 4" dirigido pelo programa de Cooperação Técnica.

A referida notícia informa que há pouco tempo foi publicado num dos panfletos científicos do Ministério da Agricultura um artigo salientando o propósito de investigar quais os recursos que poderiam ser utilizados para fortificar os cafeeiros americanos e imunizá-los contra as enfermidades do Oriente. Damos a seguir uma transcrição daquela notícia:

> "Os dois científicos, Dr. Frederick L. Wellman e o Dr. William H. Cowgill, ambos muito conhecidos na América Latina pelos seus trabalhos em pról do melhoramento da produção do café. O primeiro dêles, especia-

lista em enfermidades de plantas, trabalha no Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas de Turrialba, em Costa Rica; o segundo, horticultor, trabalha no Instituto Agropecuário Nacional, que é uma espécie de laboratório experimental agrícola e funciona sob a direção do Govêrno da Guatemala e do Departamento de Relações Exteriores Agrícolas do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, de acôrdo com as estipulações e acôrdos do "Ponto 4". Por um período de cinco meses os referidos cientistas tencionam fazer uma viagem a fim de visitarem 12 países da África e do Extremo Oriente, países êstes que já figuraram como os maiores produtores de café. Atualmente, no entretanto, devido as enfermidades dos cafeeiros durante o século passado, as exportações de café dêstes países são insignificantes.

Entre as diversas enfermidades uma das mais destruidoras é a causada por um fungos denominado "Hemileia" (H. Vastatrix). Destroi fàcilmente os arbustos e se desenvolve com rapidez. Em 1861 foi encontrado pela primeira vez na África e mais tarde também em Ceilão. Propagou-se com extraordinária rapidez pela África e pelo Extremo Oriente causando efeitos catastróficos nas plantações daquelas zonas.

Os países produtores do Hemisfério Ocidental e particularmente o Brasil, Colômbia, El Salvador, Guatemala, México e Costa Rica teem escapado até agora desta peste ameaçadora. Os patologistas dizem que isto tem sido sòmente uma questão de sorte. Os govêrnos dos países latino-americanos, seus cultivadores e cientistas estão perfeitamente cientes do perigo.

A referida Missão vai investigar os perigos e a extensão da propagação da "Hemileia", e também os métodos empregados, nas zonas por ela devastadas, para sua extinção, a fim de estabelecer bases de defesa contra aquela enfermidade. Vai também observar os cafeeiros de alta qualidade que oferecem maior resistência contra aquêles fungos a fim de introduzí-los no Hemisfério Ocidental como um preventivo contra uma possível invasão da "Hemileia".

O programa de visita da Missão inclúe 6 zonas da África: Camerún Francês, Congo Belga, Angola, Tanganyika, Uganda e Kênia. A Missão deter-se-á em seguida em Madagascar, continuando em direção à Asia aonde visitará a Índia, Ceilão e Java, concluindo com uma visita às Filipinas e ao Havaí. Durante o percurso de sua viagem informes referentes às observações feitas em cada lugar serão transmitidos imediatamente para o Departamento de Relações Exteriores Agrícolas. Tais observações serão publicadas no boletim daquele departamento e receberão ampla distribuição. Cada informe tratará da importância do café no respectivo país, estudará a situação patológica de cada caso, os métodos de horticultura em uso e mencionará as organizações, e pessoas entrevistadas. Também fará referência ao material imunizante de maior eficiência.

Esperamos que a visita desta Missão seja acompanhada com grande interêsse pelo Hemisfério Ocidental, tanto pelos Estados Unidos, que consome mais café do que o resto do mundo, como pelos países latino-americanos cuja produção representa mais de 85% do café mundial.

Antes de visitarem os países produtores, plano êste que também faz parte do itinerário da Missão, os doutores Wellman e Cowgill passarão pelo Escritório Colonial da Inglaterra e de outros países europeus com o objetivo de entrevistarem-se com funcionários coloniais a fim de solicitar conselhos e recomendações. Aproveitaram ao mesmo tempo para visitarem insti-

tuições de horticultura e micologia, assim como hervatários de algumas cidades européias, com o objetivo de investigar quaisquer estudos feitos em relação ao café. Esta parte preliminar do itinerário incluirá as seguintes cidades: Londres, Amsterdam, Wageningen, Bruxelas, Paris, Lisbôa e Roma."
(Foreign Agriculture Circular — Depto. de Agricultura — Junho 30, 1952)

DINAMARCA

Racionamento: Segundo cabograma recebido de Copenhague pela Bolsa de Café e Açúcar de Nova York, acredita-se que se vá terminar neste país o racionamento de café em princípios de outubro próximo, quando se achem reforçados os atuais estoques existentes com novas importações. Ontem lia o cabograma: — chegaram no vapor "Califórnia" 25.000 sacas do Brasil. Essa quantidade equivale a um pouco mais do que representa o consumo de um mês, segundo o racionamento atual. Aguarda-se dentro em breve 35.000 sacas, e negociações estão sendo feitas para uma importação adicional de umas 35.000 sacas do Brasil e 10.000 da Colômbia.

G. G. Paton & Co. — agôsto 19 de 1952)

N.° 795 CARTA SEMANAL DO MERCADO 19 de setembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: O curso dos índices gerais da bolsa de valores e do mercado de produtos primários indica a presença de um movimento de reajustamento em face de fatores fundamentalmente estáveis. Êsse fenômeno teve o resultado de uma limitada baixa nos níveis gerais de preços a despeito do fato de que as perspectivas econômicas são de gradual expansão até, pelo menos, à primavera do ano próximo.

O volume das colheitas agrícolas no país foi muito bom e êsse fato está exercendo certa pressão no mercado. Deve-se notar, contudo, que nem todas as regiões desfrutaram de boas colheitas, de vez que, tal como informamos oportunamente, as safras sofreram sensìvelmente em certos estados devido a prolongada seca.

Também está influindo no mercado de valores o fato de que o último balanço trimestral de várias companhias mostra que a expansão nos respectivos negócios não foi suficiente, em muitos casos, para compensar o efeito dos altos impostos e do alto custo de produção em face de preços controlados pelo govêrno e resistência do consumidor. Isso provocou uma redução nos lucros líquidos de muitas emprêsas industriais. Contudo, os analistas do mercado concordam que a presente debilidade na Bolsa é passageira e de pouca consequência à vista do escasso volume de operações.

MERCADO DE CAFÉ: Tornou-se mais evidente durante a semana o receio sôbre uma greve dos estivadores o qual constituiu o fator de maior influência neste mercado. Consequentemente o interêsse dos torradores recaiu, principalmente, sôbre os cafés disponíveis ou sôbre água, ao passo que diminuiu proporcionalmente a procura pelos cafés para entrega mais distante. O resultado da votação dos estivadores a respeito do plano de arbitragem para os novos contratos de trabalho, só serão conhecidos amanhã pelo meio dia e neste momento nada se sabe sôbre a natureza daquele voto. O fato de que existem sérias diferenças entre as próprias uniões, contribue para obscurecer a situação e serve de justificação para o alarme que se nota nesta praça não só entre os negociantes de café como através do comércio importador em geral.

O evidente desinterêsse dos torradores pelo mercado a termo foi refletido na debilidade das cotações para o Contrato "S" na Bolsa de Café local. As cotações registravam ontem baixas de 33 a 68 pontos para a semana e o número de lotes pendentes também baixou de 2.176 para 2.138 o que indica que o movimento de compra durante a semana foi inferior ao de liquidação de contratos. Contudo a atividade foi superior à da semana anterior, sendo negociados 327 lotes em comparação com 187 na semana anterior.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A menor procura para cafés nos países produtores, acompanhada pelo fato de que a safra brasileira está chegando aos portos em volume substancial, teve como resultado uma debilidade nos níveis gerais de preços FOB para o Santos 4, o qual é cotado neste momento ao redor de 51-3/4/c. No que respeita aos cafés colombianos observa-se a mesma situação. Ao passo que os disponíveis são cotados de 58-7/8/c até 59-1/2/c, os cafés para embarque em Outubro são cotados ao redor de 58-1/2/c.

N.º 38 (Vol. VIII) 19 de Setembro de 1952

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

ESTADOS UNIDOS

O Café nas Igrejas: O jornal da tarde, "The World Telegram & Sun", desta cidade, publicou recentemente o seguinte artigo: "O costume da hora para café nas igrejas, foi iniciado há uns três anos na Judson Memorial Church de Washington Square. Essa igreja é notável porque foi desenhada pelo famoso arquiteto Stanford White e por isso constitue um dos pontos da cidade que os turistas visitam assiduamente. A sala para o café encontra-se no andar superior imediatamente por cima da porta principal da fachada. Segundo o tesoureiro da igreja, muitas pessoas estranhas à paroquia visitam-na à hora do café. Na Igreja do Descanso Celestial, situada no N.º 2 da Rua Noventa, a frequência aumentou consideràvelmente desde que foi inaugurada alí a hora do café.

"O hábito da hora para o café nas igrejas é agora geral por tôda cidade. Desde Greenwich Village aos bairros elegantes de Quinta Avenida e Park Avenue a hora para o café tornou-se o pretexto para estabelecer contato social entre os membros da mesma igreja. Depois dos cânticos, das orações e depois de fechado o órgão, a assistência dirige-se a uma sala onde é servido café. Nalgumas igrejas vê-se uma mesa grande com um elaborado serviço de prata para servir a bebida. Noutras igrejas mais modestas o café é servido com menos pompa. Mas em ambos casos é realizado o propósito da hora do café, isto é, sociabilidade. A senhora Elizabeth Newman, secretária da Igreja da Sagrada Trindade, na Rua 88 Leste, declarou que a inovação beneficia a todos, que durante a hora do café não há distinção de classes reinando perfeita harmonia e boa vizinhança. O café nas igrejas tornou-se assim o veículo para o contato social e para cimentar amizades. Melhor tributo não se poderia prestar ao café."

EUROPA

Importações na Noruega: De acôrdo com as estatísticas oficiais de Oslo, a Noruega importou nos primeiros sete meses do ano 30% mais café do que no

AFRICA FRANCESA

Missão Cafeeira: De uma circular emanada do Office of Foreign Agricultural Relations do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, em Washington, reproduz-se o seguinte sôbre a missão que foi a África estudar as doenças do café naquele continente com o fim de recomendar as medidas necessárias para evitar a propagação de tais doenças a êste hemisfério: "Segundo as últimas notícias, os dois cientistas que formam parte daquela missão, Drs. F. L. Wellman, patólogo, e W. H. Cowgill, horticultor, encontram-se já no sudeste do Camerun francês, a região cafeeira mais importante daquela colônia. O Dr. Wellman avistou-se com o Sr. Frontou, Inspetor Geral de Agricultura, o qual depois de informar sôbre o progresso dos trabalhos até agora realizados, conduziu ambos cientistas a Nkongsamba, centro das plantações Robusta. Perto da aldeia há uma vasta meseta semeada de Robustas, algums muito velhas. Exames feitos mostraram a presença da doença HEMILEIA vestatrix num grande número de plantas, uma mais atacadas que outras. Foram estudados os sintomas e recolheram-se algumas das plantas atacadas. O Dr. Wellman disse que ignorava a existência da doença tão perto da costa ocidental. Os cientistas visitaram uma estação agrícola a 860 metros de altitude onde a temperatura média é de 22 graus centígrados e a estação húmida dura seis meses. O café da região foi plantado em 1933. Os tipos atacados são: 'Arnoldiana', 'Robusta', 'Congensis', 'Excelsa', 'Canephora', 'Uganda 208', 'Uganda 5', 'Robusta 78', 'Robusta 119' e 'Robusta 105-03'. Os tipos 'Quillou' e 'Canephora purpurescena' não foram atacados.

"A missão avistou-se depois com o Sr. Bisson, diretor da Estação de Quinquina, e sôbre essa entrevista o Dr. Wellman escreveu o seguinte: 'Aqui vimos arbustos típicos de Arábica e Laurina. Vi pela primeira vez nessas plantas o que se descreve como HEMILEIA COFEICOLA. A doença tem causado sérios prejuízos. Dos estudos realizados cheguei à conclusão de que é possível separar ambas doenças. Nas plantas atacadas poude-se observar uma desfolhagem de 20 a 80%.'

"Para muitos lavradores o café constitue uma safra secundária. Por êsse motivo, semeiam frequentemente entre as árvores de café amendoim e outros produtos locais. O Dr. Wellman comenta que em tais circunstâncias as doenças podem causar grandes prejuizos. Nalguns casos a HEMILEIA está bem controlada com o uso de fertilizantes e pulverizações ocasionais de misturas de 'Bordeaux'. Durante a estação das chuvas há ocasiões em que é possível pulverizar com eficácia.

"O terreno aqui é mais plano que na América Central e possue pouca sombra. Ficou claramente demonstrado que mesmo nas zonas sèriamente infestadas com HEMILEIA, os arbustos Arabica e Laurina cultivados à sombra conservavam as fôlhas em melhores condições do que as árvores cultivadas ao sol.

"Os cientistas observaram que a HEMILEIA não constitue o problema principal dos cafeicultores no Camerun francês. Sua maior preocupação é um inseto que ataca o tronco das árvores de café, outro que ataca os ramos produtores e o 'antectia' que vive nas cerejas verdes. Na região de Mbo, com excepção das queixas sôbre os insetos, o mais que preocupa os lavradores são os estragos causados pelos elefantes.

"Nas várias plantações examinadas bem como nas coleções nas estações experimentais, o Dr. Cowgill não encontrou tipos diferentes de café dos da América Latina. Numa estação experimental em Dshang, encontrou-se uma planta chamada 'Borbon' produto de sementes procedentes da ilha de Reunião. Suas características eram similares às de Laurina. Foram tomadas as necessárias medidas para a continuação do estudo dêsse tipo em Washington."

mesmo período do ano passado. A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações distribuidas por país de origem:

País de origem	Janeiro/Julho, 1952	Janeiro/Julho, 1951
Brasil	173.424	129.157
África Portuguesa	18.908	19.610
África Oriental Inglesa	7.951	1.287
Etiópia	5.355	12.806
África Ocidental Francesa	4.247	—
Guiana Holandesa	2.568	5.687
Congo Belga	2.438	—
Índia	2.155	—
Libéria	834	86
África Ocidental Inglesa	663	—
Alemanha Ocidental	477	—
Indonésia	358	103
Peru	198	—
Haití	—	695
Total	**219.576**	**169.432**

N.º 796 CARTA SEMANAL DO MERCADO 26 de Setembro de 1952

FEDERAÇÃO NACIONAL DE CAFEICULTURA DE COLÔMBIA: É com prazer que felicitamos a "Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia" ao festejar o vigéssimo quinto aniversário de sua fundação. O acontecimento deu lugar a inúmeras mensagens de felicitações por parte de todos os setores da indústria de café local, bancos, etc. No teatro de "Time Life International", posto pela primeira vez à disposição de uma organização como a Federación, foi exibido o filme falado e em côres "Colômbia the Land of Mountain Coffee", que mostra detalhadamente o enorme esfôrço humano que implica a cultura da rubiacea. A exibição do filme foi feita perante uma seleta assistência composta de representantes da indústria cafeeira local, organizações bancárias, representantes diplomáticos de Colômbia, membros da Junta Executiva do Bureau Pan-Americano do Café, elementos do comércio e da imprensa.

O Sr. Andrés Uribe, Gerente em Nova York da Federación, pronunciou um breve discurso no qual realçou a cooperação e compreensão que existem entre a Colômbia e os Estados Unidos e convidou o Sr. Edward Aborn, Presidente da National Coffee Association, a visitar Colômbia "o país das montanhas". O Sr. Aborn elogiou a obra notável da Federación sob a inteligente direção de seu Presidente, Sr. Manuel Mejia. Em nome da National Coffee Association o Sr. Aborn apresentou à Federación uma cafeteira de prata com uma inscrição comemorativa da ocasião. O acontecimento deu motivo a vasta publicidade realçando a importância econômica do café para as Américas e demonstrando assim os laços que existem entre os cafeicultores e os distribuidores e torradores.

MERCADO DE CAFÉ: O desaparecimento da ameaça de greve por parte dos estivadores veio eliminar a preponderante procura dos torradores pelos disponíveis e cafés sôbre água. Consequentemente, os níveis gerais de preços no mercado

físico retrocederam sensìvelmente durante a semana. Em contraste, as cotações no têrmo, que estavam mostrando debilidade à vista da ameaça de greve, recuperaram melhor tom perante a espectativa de que doravante o interêsse dos torradores vae recair sobretudo na Bolsa ao contrário do que sucedeu nas últimas duas ou três semanas.

A atividade no Contrato "S", que estava diminuindo sensìvelmente à medida que passavam os dias, começou a melhorar desde terça-feira conseguindo um total de 346 lotes negociados. As cotações mostraram muito mais estabilidade e para o encerramento de ontem apenas se notavam alterações insignificantes em comparação com os dados correspondentes à quinta-feira anterior. A posição aberta também mostra pouca alteração, sendo esta manhã de 2.147 lotes ou sejam 9 lotes mais do que os 2.138 registrados na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: À vista da completa ausência de pressão nas ofertas, o mercado dá a impressão de ter chegado a um ponto de resistência e mostra estar pronto para recomeçar suas tendências de firmeza tão depressa os torradores re-entrem no mercado. À vista da ausência de maior atividade, os preços abaixo devem se considerar como nominais: Santos 4, FOB, ao redor de 51,50/c; Colombianos, ex-doca Nova York, de 58,50/c a 58-3/4/c.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	20-9-1952	209.000	168.000	33.000	410.000
	13-9-1952	418.000	92.000	17.000	527.000
	22-9-1951	360.000	94.000	19.000	473.000
COLÔMBIA**	20-9-1952	65.932	1.237	2.791	69.960
	13-9-1952	116.776	9.902	2.565	129.243
	22-9-1951	95.309	14.881	4.498	114.688

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminas em: 20-9-1952	13-9-1952	22-9-1951
BRASIL*	Santos	1.699.000	1.627.000	1.479.000
	Rio	281.000	337.000	407.000
	Vitória	67.000	59.000	112.000
	Paranaguá	1.539.000 §	1.345.000 £	532.000
	Pernambuco	6.000	6.000	10.000
	Bahia	23.000	23.000	22.000
	Angra dos Reis	43.000	34.000	32.000
	Total	**3.658.000**	**3.431.000**	**2.594.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	87.577	146.792	180.026
	Cartagena	87.647	92.882	71.365
	Buenaventura	124.324	101.681	84.258
	Cucuta	144.057	144.057	93.217
	Total	**443.605**	**485.412**	**428.866**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK *

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
20-9-1952	78.638	142.762	127.519	348.919
13-9-1952	71.494	126.978	128.327	326.799
22-9-1951	25.895	105.146	25.831	156.872

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO*

Safra	**Agôsto, 1952**	**Julho, 1952**	**Agôsto, 1951**
1950-51	—	—	1.674.000
1951-52	2.000	2.000	2.690.000
1952-53	3.581.000	1.946.000	—
Total	**3.583.000**	**1.948.000**	**4.364.000**

Despachos por estrada de ferro durante 10 de Julho de 1952 a 31 de Agôsto de 1952 para:

Santos	4.396.000
Rio	206.000
Angra dos Reis	18.000
Outros %	15.900
Total	**4.779.000**

---

*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
§) Das quais 455.000 liberadas e 1.084.000 por liberar.
£) Das quais 388.000 liberadas e 957.000 por liberar.
%) Inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

N.º 39 **26 de Setembro de 1952**

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

EUROPA

Bélgica: De "Le Courrier du Café", reproduz-se a seguinte nota sôbre a propaganda do produto naquele país: "O Escritório do Café, neste país, declarou aberto um concurso de lemas sôbre o café que colocou à disposição dos torradores locais para uso em suas respectivas campanhas de propaganda. Entre os lemas que aquela organização oferece ao comércio, figuram os seguintes: "Em sua casa e na minha, o café é rei." — "Um dia sem café é como um ano sem primavera." — "Refeição sem café é como comida sem sal." — Conserve-se a saude, tomando café". — "O café é bom em qualquer idade." — "Como o amor, tem o café seus segredos: toda a dona de casa os conhece."

A CULTURA CAFEEIRA NA ÁFRICA

(conclusão)

Terminamos hoje a publicação desta série de reportagens sôbre a cultura do café no Continente Negro, publicada pelo "O Estado de São Paulo"
(V. Boletins n°s. 304, 305, 306 e 307 de junho, julho, agôsto e setembro do corrente ano).

XXVIII

A questão do custo da produção, ignorada pelos indígenas, menosprezada pelos colonos europeus, ameaça agravar-se sob a pressão das futuras elevações de salários — O restabelecimento das relações entre o custo da produção e o preço de venda agiria como estimulante

Depois do regime de escravidão e de trabalho forçado, a África entra numa terceira fase de evolução

É extremamente imprecisa, mesmo nos países em que a respeito se realizam repetidos inqueritos, a avaliação do custo da produção cafeeira. É raro que dois inquéritos realizados a esse propósito numa mesma região apresentem resultados indênticos. Grande parte das despesas é representada por uma série de empregos de capital cuja amortização se faz a longo prazo, e a extrema variedade das condições de cultura determina, num mesmo país, variações enormes do custeio da lavoura. Depende também o custo da produção da idade do cafèzal, dos seus rendimentos medios — tão variáveis! — dos cuidados culturais dispensados á plantação e ao tratamento e benefício do produto etc. Mesmo no Brasil, onde vários estudos já se realizaram sôbre a questão, não se pôde ainda calcular com absoluta segurança o custo médio da produção do café. Em 1930, o sr. Leon Regray tentou calcular as despesas da lavoura cafeeira em três zonas do Estado de S. Paulo, chegando a resultados muito diferentes dos apurados pelos serviços oficiais, sendo por isso vivamente criticado. O fato serve para acentuar as dificuldades que se opõem a essas avaliações.

Compreende-se assim, a impossibilidade de se realizar um cálculo seguro na África, com a multiplicidade de suas regiões cafeeiras, de seus métodos culturais, de seus rendimentos. Em rigor, poder-se-ia promover um inquerito dessa natureza em certas culturas do Kênia, já cientificamente organizadas. Mas seus resultados não apresentariam valor para as outras regiões produtoras, de nada adiantando para se fazer uma idéia da questão no conjunto do Continente Negro. E quanto a avaliar as diferenças do custo entre as culturas indígenas, primitivas, e as já organizadas segundo métodos modernos da agricultura, é absolutamente impossivel, pois não se dispõe para isso de dados estatísticos. Aliás, nas culturas ditas familiares, e que constituem a maioria das lavouras indígenas, o preço da mão-de- obra não entra em linha de conta. Não se pode calcular também o custo das operações de derrubada das matas, de preparo do solo e de plantio dos cafeeiros.

Poder-se-ia crer, nestas condições, que seria extremamente reduzido o custeio das lavouras indígenas, pois o café é cultivado sem determinar nenhuma despesa real, sem exigir equipamentos, instrumentos de trabalho, adubos e mão-de-obra estranha. Mas não devemos tirar desta suposição conclusões apressadas, acre-

ditando, por exemplo, que esse baixo custeio permite á produção indígena concorrer com a de outros países. O que se deve dizer é que as culturas indígenas africanas se confundem com a vida primitiva de suas populações negras, e que o café produzido pode ser vendido a baixo preço não porque seja barato a produção, mas porque essa atividade escapa ao circuito da economia normal e aos seus valores monetários. De fato, se se quisesse avaliar o custo da produção indígena, não o deveriamos calcular tomando por base o franco ou a libra-esterlina, mas a unidade de trabalho, isto é, o numero de braços que a produção exige.

No setor das culturas europeizadas já se podem determinar alguns elementos do custo da produção. O principal, evidentemente, e a mão-de-obra. Ora, como vimos, o trabalhador é extremamente mal pago na maior parte das colônias africanas. A cafeicultura goza ali, portanto, de um favorável elemento de partida em relação aos países mais adiantados, onde o trabalhador recebe salarios mais altos. A barateza da mão-de-obra é sempre uma das vantagens dos países pouco evoluidos. A dificuldade representada pela continua elevação dos salários constitui, realmente, para os países ricos e adiantados, um "handicap" cada vez mais sério.

Na África, deste ponto de vista parece que o "período de ouro" dos patrões da zona rural vai ser substituido por uma outra fase. Pouco a pouco, com efeito, ganham vigor e se repetem as reivindicações de aumentos de salários por parte do trabalhador agricola, tendo-se a impressão de que dentro de alguns anos a situação hoje ali reinante se terá modificado consideràvelmente. A escassez de mão de-obra já vem sendo sentida em toda parte e os colonos europeus já começam a encontrar dificuldades para o contrato de trabalhadores indígenas, que, libertos da escravidão e, mais recentemente, do trabalho forçado, vêm sendo atraidos pela miragem das cidades.

O reajustamento, dos salários, mesmo que seja mínimo, terá sensíveis repercussões no custo da produção de café. Resta saber se esse encarecimento será compensado pelo rendimento das lavouras e pela qualidade da produção. A resposta depende da feição que tomar o mercado mundial. Se este se tornar tenso de novo, os produtores, na impossibilidade de obter preços maiores pelo café, tentarão comprimir o custo da produção, o que não será fácil, pois não se tratará apenas de reduzir o custeio das lavouras, mas também as despesas com o preparo, o beneficiamento e a comercialização do produto.

Verifica-se atualmente que, na maioria dos casos, o custo da produção nenhuma influência exerce sôbre o preço de venda do café. Foi cortado o laço que, em outras regiões, liga naturalmente esses dois elementos. Mas, se a alta dos salários, que se prevê, não coincidir com uma alta dos preços do café nos mercados internacionais, aquele laço será restabelecido, o que terá diversas consequências. O produtor deverá, então levar em conta vários elementos que até aqui não tem considerado, como o da produtividade o da racionalização do emprêgo de capitais, o do rendimento da mão-de-obra etc. Trata-se, aliás, de uma evolução fatal e que, ná cultura do café, se traduzirá pela tendência a fazer que essa economia primitiva e fechada se abra, se diferencie, se funde num intercambio não já puramente local mas mundial. Não ha duvida de que a elevação dos salários na África terá, neste sentido, decisiva influência.

(19-6-1952)

XXIX

O café nunca figura, na África, em regime de monocultura, e nem ocupa lugar privilegiado a sua exportação — Não se deve esperar, portanto, uma ofensiva brusca dos cafés africanos nos mercados mundiais, mas uma lenta progressão de suas exportações, o que é ainda mais temível

Primeiro índice de saúde econômica na África

Maior impulso teria,indubitàvelmente, a cafeicultura africana, se fosse maior sua significação no conjunto da economia do Continente Negro. Deste ponto de vista, ha fundamental diferença entre a economia cafeeira do Brasil e a das regiões concorrentes do Continente Negro. Veja-se, por exemplo, a porcentagem, em valor, das vendas de café em relação ao total das exportações:

PORCENTAGEM DO CAFÉ NO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES
(Em valor)

Países	Porcentagem
Brasil	57
Uganda	28
Kenia	17
Tanaganica	11,4
Angola	25
Congo Belga	8,6
Madagascar	48
Camerum	15
Etiopia	27

Os dados desse quadro são de 1951 (salvo os referentes a Angola e á Etiópia, que são de 1950). Escolhemos as estatísticas do ano passado não só por serem mais recentes, mas também por ter o "boom" das matérias-primas provocado, nesse exercício, maior colheita e favorecido a venda dos estoques em mãos dos exportadores africanos. Graças à liquidação das partidas em estoque, Madagascar, por exemplo, cuja colheita foi de 25 mil toneladas apenas, pôde exportar no ano passado 45 mil toneladas! Nos anos passados a exportação de café foi, em geral, proporcionalmente menor, salvo algumas exceções. Vejamos o caso de alguns países confrontados, sempre, com a exportação brasileira:

PORCENTAGEM DO CAFÉ NO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES
(Em valor)

	1938	1939	1946	1948	1951
Brasil	45,05	39,79	35,34	41,57	59
Tanganica	12	14	8	5,8	11
Uganda	7	11,5	18	22	28
Kenia	23	25	14	19	17

Resultados anàlogos verificam-se nas exportações do Congo Belga, onde a porcentagem do café foi de 5, 9, 4 ,e 8.6% em 1949, 1950 e 1951. Em Angola

a porcentagem do café já é bem mais importante, oscilando geralmente em torno de 35%. A proporção de 48% registrada no ano passado em Madagascar foi excepcional, pois em anos normais ela não ultrapassa a metade daquela porcentagem

Fato notável é de dar a economia africana, apesar do seu primitivismo, impressão de maior harmonia e estabilidade — do ponto de vista da composição das exportações — do que a maior parte dos países latino-americanos. Pelos dados abaixo verifica-se haver maior equilíbrio nas exportações dos países cafeicultores africanos do que nas do Brasil (os números abaixo representam a porcentagem dos principais produtos exportáveis no total das exportações dos respectivos países):

Brasil; — Café, 57; algodão, 9,9; cacau, 4,76.
Uganda: — Algodão, 74; café, 12; caroço de algodão, 5.
Tanganica: — Sisal, 58; algodão , 11; café, 8.
Etiópia: — Café, 27; couros, 24; cereais, 24.
África Ocidental Francesa: — Oleos, 42; café, 15; cacau,15.
Angola: — Café, 31; diamantes, 14; milho, 9.
Madagascar: — Café, 23; carne, 18; peles, 10.

São numerosas as lições contidas nesses diferentes esquemas. Indicam esses dados, em primeiro lugar, que não existe a mono-cultura do café em nenhum país africano e que não é privilegiada sua exportação em relação á dos demais produtos. Não devemos temer, diante disso, uma fulgurante ofensiva da cafeicultura do Continente Negro nos mercados mundiais. Em virtude da relativa importância das outras produções, a economia das regiões cafeicultoras africanas ganha em estabilidade e em regularidade. É um sinal de saude economica. Esta relativa harmonia da estrutura das exportações africanas, se nos protege de uma concorrência fulminante, ameaça-nos com um perigo futuro talvez ainda maior. O aumento mínimo, mas constante e regular, da produção e da exportação africanas de café constitui, na verdade, perigo mais temivel, para nós, do que as intensas flutuações que se notam, de um ano para outro, na produção dos países que dependem diretamente a quase exclusivamente da monocultura cafeeira.

(20-6-1952)

XXX

O declínio da posição do Brasil no mercado mundial não decorre da queda, em números absolutos, das nossas exportações, mas dos progressos dos nossos concorrentes — Nos mercados europeus, o produto africano já concorre vantajosamente com o brasileiro — A situação no mercado norte-americano —

O Comércio Mundial de Café em 1951

A África já participa do abastecimento dos mercados europeus e norte-americanos, sendo considerável sua contribuição, segundo as últimas estatísticas, embora não se possa comparar ainda com a do Brasil.

Há vinte e dois anos não ia além de 4% a contribuição da África para o abastecimento mundial de café. E era muito maior que hoje a contribuição do Brasil para o abastecimento não só do mercado norte-americano, mas também dos países do Velho Continente, onde nossa posição vem sendo presentemente comprometida pela concorrência do Continente Negro.

A totalidade das exportações de café dos países centro-americanos à Europa mal ultrapassa o volume de 400 mil sacas, ou seja, menos do que a produção do Congo Belga e a metade da safra da Costa do Marfim.

O Brasil resistiu melhor à ofensiva africana. Apesar disso, sofreu a sua posição. A contribuição africana para o total das exportações mundiais de café passou, com efeito, segundo a revista "Coffee and Tea Industries", de 4,6%, em 1930, para 14,1% em 1950, como o demonstra o quadro abaixo, divulgado pela referida publicação:

Ano	Export. afric.	%	Export. mundiais
1930	1.196.096	4,6	26.076.439
1935	1.872.784	6,8	27.385.856
1940	2.118.384	8,9	23.726.492
1942	2.299.741	12,8	18.007.818
1944	3.064.911	11,9	25.845.955
1946	3.601.141	12,8	28.051.000
1948	4.248.474	13,8	31.925.212
1950	4.580.833	14,1	32.500.000

Notemos, entretanto, que a revista norte-americana cometeu um êrro, pois ela dá como sendo o total das exportações o total da produção mundial. As porcentagens do quadro supra se referem, portanto, à proporção da produção africana em relação à produção mundial, e não sôbre as exportações.

Quanto ao enfraquecimento da produção brasileira, pode ser avaliado por este outro quadro, que revela não ter decorrido o declínio de nossa situação no mercado mundial do decréscimo da produção brasileira, que em média se manteve em torno de 15 milhões de sacas anuais, mas do considerável aumento da produção dos países concorrentes:

DECLÍNIO DA POSIÇÃO BRASILEIRA EM MEIO SÉCULO

(Em milhões de sacas)

Anos	Café brasileiro	Outras regiões	Total mundial
1906	12,9	4,1	17
1910	13,3	3,8	17,1
1915	16,4	4,7	21,1
1920	12,4	6	18,4
1925	13,6	6,8	20,4
1930	15,2	8,3	23,5
1935	14,8	7,8	22,6
1940	19,1	9,4	28,5
1945	8,3	12	20,3
1950	20	14,6	34,6

É evidente, pois, o enfraquecimento da posição do Brasil como produtor de café, tão evidente como o fortalecimento da posição africana nesse ramo econômico. Mas o problema do aparecimento dêsse novo e grande concorrente se

divide, na realidade, em duas questões, conforme se considere a evolução da posição da África na Europa e nos Estados Unidos. Examinaremos sucessivamente essas duas questões.

(21-6-1952)

XXXI

Inicia-se a luta pela conquista do mercado norte-americano — Vários fatores influirão nessa luta: a aspereza da concorrência africana, o acolhimento que lhe será reservado pelos Estados Unidos, a expansão do consumo ianque e, enfim, a firmeza de nossa replica

Aumenta sensìvelmente a entrada de cafés africanos nos Estados Unidos

Já se está travando a batalha pela conquista do mercado dos Estados Unidos. Seu início data, pràticamente, de 1950, embora nos anos anteriores o café africano, já tenha entrado naquele mercado. Mas só a partir de 1950 se revelou a ameaça africana contra as nossas exportações de café. Até então as vendas do Continente Negro na América do Norte eram insignificantes e em 1949 elas só representavam ainda 1,9% do total das importações norte-americanas de café. No ano seguinte, essa proporção já se elevava a 4,4%. Verifica-se pelo quadro abaixo que aquele ano pode ser considerado o em que se iniciou a ofensiva dos exportadores africanos de café naquele grande mercado:

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ PELOS ESTADOS UNIDOS

(Porcentagens do total)

Procedência	1949	1950	1951
Brasil	57,7	51,6	54,9
Colômbia	22,4	22,0	—
Hemisfério Ocidental	95,3	95,3	94,9
África	1,9	4,4	4,7

Completemos o quadro com a progressão das vendas africanas em números absolutos:

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ PELOS ESTADOS UNIDOS
(Em milhares de sacas)

	1948	1949	1950	1951
De outras procedências	20.096	22.105	18.440	20.357
Da África	364	428	825	970

É evidente que a concorrência africana é por enquanto pequena, e a contribuição do café daquela procedência para o abastecimento dos Estados Unidos nenhuma perturbação provocou ainda em nossas exportações. Realmente, a despeito dos primeiros êxitos dos fornecimentos africanos, continua firme nossa posição nos Estados Unidos, tendo crescido as exportações brasileiras, se não proporcionalmente, pelo menos em números absolutos:

EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA OS ESTADOS UNIDOS
(Em milhares de sacas)

Período	Sacas
1934-39	8.192
1940-45	9.436
1947	9.745
1948	11.726
1949	12.322
1950	9.746
1951	10.506

Mas precisamos considerar que, se a concorrência africana ainda não nos prejudicou naquele mercado, é porque a luta pela sua conquista está ainda no início. Foi considerando esse fato que, durante toda a nossa longa viagem pela África, procuramos constantemente observar os resultados já alcançados pela sua cafeicultura, tentando avaliá-los não pelos seus efeitos presentes, mas principalmente pelas suas possibilidades futuras, pois nos encontramos exatamente no momento em que se poderá começar a modificar a situação do mercado ianque com a entrada em ação deste novo concorrente. A questão que se põe não é, pois, a de saber se a África já nos acarretou perdas no mercado dos Estados Unidos, mas a de apurar se a batalha que se inicia entre os dois impérios do café poderá, no futuro, comprometer nossa posição.

No plano da cultura e da produção, já divulgamos dados suficientemente amplos para dar aos nossos leitores uma ideia de feição que tomará no futuro a cafeicultura africana. Devemos fazer o mesmo em relação ao comércio do produto. Três elementos essenciais permitirão o esclarecimento da questão: o primeiro consiste em medir o vigor com que os diversos países produtores africanos poderão tentar a conquista do mercado norte-americano; o segundo consiste em saber qual o acolhimento que o consumidor ianque proporcionará ao café dequela procedência e o terceiro, enfim, consiste em perguntar se a expansão da produção e das exportações africanas será tal que possa prejudicar sèriamente a posição do Brasil nos Estados Unidos.

São questões complexas cuja resposta não é fácil, por depender de acontecimentos futuros. Se nos propomos, nesta reportagem, a fazer previsões, é simplesmente porque o perigo africano, inexistente no passado, insignificante no presente, poderá aumentar no futuro. E esse futuro dependerá não só da violência do ataque, que se poderá temer, por parte dos exportadores do Continente Negro, mas também da presteza de nossa contra-ofensiva. É para avaliar a urgência desta ação, para saber de sua necessidade ou não, que empreendemos este longo e difícil trabalho.

(22-6-1952)

XXXII

Se prosseguir no rítmo atual, o aumento do consumo norte-americano será, em 1962, cinco vezes superior ao volume atual das importações de café africano — Interessante estudo sôbre a progressão do consumo nos Estados Unidos

A propaganda deve criar necessidades de consumo

Se o Brasil, embora perdendo sua supremacia absoluta sôbre a produção mundial, conseguiu não só manter, mas até reforçar sua posição no mercado norte-

americano, é porque o consumo dos Estados Unidos não cessou de crescer nestes últimos anos. Sendo a progresso do consumo dos Estados Unidos muito mais rápida do que o aumento da produção em outros continentes, os importadores norte-americanos têm, fatalmente, de apelar para maiores fornecimentos da América Latina e, portanto, do Brasil. Muito interessante é, a êste respeito, o quadro abaixo, referente ao rítimo de desenvolvimento das importações e do consumo "per capita" nos Estados Unidos:

CONSUMO DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS

	Importações em 1.000 quintais	Consumo "per capita" (quilograma)
1898	—	4,37
1913	4.120	—
1925	5.823	5,393
1934	6.913	5,73
1937	7.698	6,115
1940	9.322	7,03
1944	11.824	7,4
1950	12.040	7,885
1951	12.459	8,017

Vê-se por êsse quadro que se pôde conservar, nestes últimos anos, o equilibrio

Vê-se por êsse quadro que se pôde conservar, neste últimos anos, o equilíbrio do mercado norte-americano de café. Com o início da concorrência africana, o problema corre, porém, o risco de modificar-se. Põe-se, assim, a seguinte questão: será de tal ordem a expansão futura do consumo norte-americano, que a eventual conquista do mercado pela produção africana deixe de comprometer a posição do produto brasileiro?

Dispomos de diversos elementos de previsão para avaliar o futuro consumo de café nos Estados Unidos, a menos que ocorram serias modificações políticas que alterem os dados do problema. Os dois principais elementos a que nos referimos são êstes: de um lado, o rítmo de aumento da população norte-americana; de outro, o aumento do consumo "per capita".

Como evoluirão, nestes próximos dois anos, êsses dois fatores?

No que respeita ao aumento da população, um grupo de peritos publicou recentemente, na revista "Business Week", notável estudo. Segundo êsse trabalho, será a seguinte, até 1962, a evolução demográfica nos Estados Unidos:

Ano	Milhões de habitantes
1931	124
1941	133
1951	154
1962	175

E', evidentemente, mais difícil prever a progressão do consumo "per capita" de café. Mas, segundo o mesmo estudo, publicado sob o título "A economia norte-americana em 1961", eis como evoluirão, no mesmo período, as despesas totais com o consumo nos Estados Unidos:

Anos	**Bilhões de dólares**
1931	107.1
1941	147
1951	205
1961	255

A progressão dessas despesas é, pois, estimada em cerca de 24% em dez anos. Mas não se prevê, no estudo sôbre a progressão das rendas pessoais dos norte-americanos, aumento de mais de 16% nesse mesmo período. Êste ponto é importante, pois demonstra que, aos olhos dos próprios norte-americanos, o poder aquisitivo do mercado interno já é tal, que qualquer aumento futuro incidira principalmente sôbre as despesas de consumo. Ora, o café participa dessas despesas em proporção de relevo.

Se o consumo de café se elevar, no período em exame, com o rítmo assinalado nestes últimos anos, terá crescido 14% até 1962, elevando-se a cerca de 9 quilos "per capita". Sabendo-se que a população dos Estados Unidos será, em 1962, de 175 milhões de habitantes, chega-se à conclusão de que o consumo total do país será de 1.575.000.000 de quilos, ou seja, de 26.200.000 sacas, contra 20.800.000 em 1951-52. O aumento será, pois, de cerca de 5 milhões de sacas, volume cinco vezes maior que o das atuais exportações da África para aquele mercado.

Não pretendemos, evidentemente, com êste rápido cálculo, traçar o panorama do que será, dentro de dez anos, o mercado cafeeiro norte-amricano. Não se pode, em nenhum caso, prever com segurança a evolução do consumo de café num determinado país, devendo-se admitir que, mais dia menos dia, êsse consumo chegue a um ponto de saturação. Mas sendo o café um alimento caro, seu ponto de saturação é presentemente, influenciado mais por fatores financeiros do que pela saturação pura e simples das necessidades. O consumo de 9 quilos de café por habitante pode parecer alto, mas não nos devemos esquecer de que, já em 1925, o consumo "per capita" era de 9,44 kg na República Dominicana, de 9,5 kg em Cuba, de 8,4 kg na Suecia (1938). Deve-se supôr, portanto, que o consumo norte-americano atual (8,4 kg "per capita") pode ser excedido, devendo, mesmo, elevar-se nos próximos anos, para quando se prevê um aumento sem precedentes da capacidade aquisitiva da nação.

Com êste ensaio de previsão pretendemos, mais do que demonstrar com precisão o estado da procura dentro de dez anos, provar que podemos contar com larga margem de aumento do consumo nos Estados Unidos. Isto não significa, porém, que devemos permanecer absolutamente confiantes. Ao contrário, a situação depende de esforços da nossa parte, pois o consumo não aumentará se não fôr provocado. O consumidor, embora seja elevada a sua capacidade aquisitiva, deve ser orientado em seus gastos, e êsse é o objetivo da publicidade, que atinge nos Estados Unidos proporções extraordinárias. Numa economia de prosperidade já considerável e que cresce sem cessar, aumenta necessàriamente, todos os anos, o consumo de gêneros alimentícios. Mas o consumidor é guiado, em sua escolha, pela propaganda, e já se provou que, com publicidade bem orientada, os pontos de saturação do consumo, podem ser afastados consideràvelmente. Tôda a econo-

mia norte-americana se baseia na incessante ampliação do mercado interno; interrompendo-se esta evolução, os Estados Unidos correrão o risco de se ver lançados em nova crise, talvez mais séria que a de 1929. Eis porque os planos dos economistas, os projetos dos homens de govêrno, os estudos dos peritos atentam principalmente para êste elemento essencial. E devemos aproveitar a lição, pois o maior aliado da cafeicultura brasileira é a opulência reinante na América do Norte.

Devemos pensar, portanto, em provocar pela propaganda o constante aumento do consumo de café. Mas é preciso que êsse crescimento do consumo aproveite à nossa produção, e não a dos nossos concorrentes. Merece, a êste respeito, meditação por parte dos exportadores brasileiros a política de misturas de cafés de várias procedências, inaugurada recentemente por numerosas casas norte-americanas, porquanto êsse processo poderá beneficiar cafés de outros países em detrimento dos nossos.

(24-6-1952)

XXXIII

Os exportadores africanos conquistaram nova e grande vitória nos três primeiros meses do corrente ano — Estamos longe do tempo em que os importadores norte-americanos recusavam o "Robusta"

O café africano já representa 7% das importações norte-americanas

As primeiras estatísticas referentes à importação norte-americana em 1952 são de natureza a fazer-nos temer que o aumento do consumo de café nos Estados Unidos, a que ontem nos referimos, não beneficie o café brasileiro, mas o dos nossos concorrentes do Continente Negro. Pior ainda: tão ativa se está mostrando a concorrência africana, que poderemos temer não só a estabilização de nossas exportações para os Estados Unidos, mas mesmo o seu recuo. Deixemos, porém, que falem as estatísticas, mais eloquentes, neste caso, que a palavra:

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ AFRICANO PELOS ESTADOS UNIDOS
(Em sacas)

	1950	1951
África Portuguesa	247.630	361.291
África Britânica	225.448	197.271
Congo Belga	167.098	164.652
Etiópia	141.001	241.750
África Francesa	40.117	4.690
Libéria	1.071	241
África Ocidental Britânica	347	400
União Sul Africana	755	189
Total	825.467	970.484

Foi razoável o desenvolvimento, havendo mesmo, em alguns casos, ligeiros recuos. Seria de esperar, assim, que após a espetaculosa entrada dos cafés africanos na América do Norte em 1950, passassem a desenvolver-se lentamente essas exportações. Mas os primeiras meses do corrente ano revelaram uma transformação completa da situação, como se vê do quadro abaixo, que elaboramos com cifras emprestadas a um trabalho, mais extenso, a ser publicado na próxima edição do "Suplemento Industrial e Comercial" desta folha:

IMPORTAÇÕES NORTE-AMERICANAS DE CAFÉ AFRICANO NO PRIMEIRO TRIMESTRE

(Em sacas)

	1951	1952
África Portuguesa	73.702	136.450
África Oriental Britânica	50.089	74.275
Congo Belga	50.498	98.164
Etiópia	66.901	127.717
África Francesa	3.688	6.424
África do Sul	178	309
África Ocidental Britânica	169	417
Libéria	17	—
Total	250.242	443.754

A diferença de um ano para outro é impressionante. Verifica-se, com efeito, que nos três primeiros meses do corrente ano a África exportou para os Estados Unidos um volume de café correspondente quase à sua exportação em todo o primeiro semestre do ano passado. O aumento das exportações foi êste ano de 77,3%, em confronto com o movimento do primeiro trimestre de 1951. Desse modo, nos primeiros três meses deste ano, foi de 7,1% a participação da África nas importações totais dos Estados Unidos, contra 3,8% em 1951. E' um resultado tanto mais perturbador quanto, ao mesmo tempo, a participação dos cafés brasileiros passou de 50,7% no ano passado, a 45,1% este ano. Assim, o impulso verificado nas exportações africanas em 1951, longe de constituir um fato isolado, confirmou-se largamente este ano. Quais as razões desse êxito? A principal é, sem dúvida, o esforço que os produtores africanos vêm desenvolvendo pela conquista do mercado norte-americano. Em toda parte em que estivemos na África, tivemos ocasião de verificar a fascinação que aquele mercado exerce sôbre os exportadores, pois aquele continente, como todos os outros, luta com escassez de dólares, de modo que tanto as administrações coloniais como os govêrnos metropolitanos procuram incrementar as exportações para os Estados Unidos. Neste sentido, a política mais consciente, e talvez a que se tem coroado de maior êxito, é a desenvolvida por Angola, que consegue presentemente colocar seu "Robusta" no mercado norte-americano com a mesma facilidade com que a colônia de Kênia para lá exporta seu "Arábica". E' certo, além disso, que se multiplicam as relações econômicas entre a África e a América do Norte, o que facilita as exportações de café. Pela força das circunstâncias, quebrou-se a couraça com que os países metropolitanos europeus procuravam, no passado, envolver a África. Hoje em dia, quando a Etiópia, por exemplo, deseja rasgar uma nova estrada de rodagem ou construir um novo caminho de ferro, é para os Estados Unidos que apela, seja solicitando empréstimos do "Ex-import Bank", seja pleiteando a ajuda do "Ponto IV". Que há, pois, de admirar no fato de se desenvolverem também as respectivas relações comerciais?

A estes fatos se deve acrescentar outro, de grande importância; o melhor acolhimento que os norte-americanos estão dispensando ùltimamente aos cafés africanos. Já vai longe o dia em que o "Robusta" não era considerado, pelos importadores ianques, como um café comerciável. Modificou-se muito a primitiva

opinião das grandes firmas importadoras e torradoras. O "Robusta" apresenta hoje, sem dúvida, sempre o mesmo sabor e o mesmo odor, mas os importadores norte-americanos compreenderam que o podem utilizar em misturas com os cafés de outras variedades. E essas misturas já vêm sendo feitas largamente, fortalecendo-se, nestes últimos meses, essa tendência. Vale a pena voltar ao assunto.

(25-6-1952)

XXXIV

Os torradores norte-americanos utilizam o café africano em proporções cada vez maiores em suas misturas — O lucro dos torradores, limitado pelo "ceiling price" do café torrado, diminui à medida que se elevam os preços do café cru.

A França bebeu durante cinco anos aveia torrada como sucedâneo do café.

O aumento das importações de cafés africanos pelos Estados Unidos corresponde a uma tendência cada vez mais nítida por parte dos torradores norte-americanos, a aumentar a proporção do "Robusta" nas misturas com produtos de melhor qualidade. Sabendo-se como é ainda primitiva a comercialização do café africano — e a respeito já nos referimos exaustivamente nos capítulos anteriores desta reportagem — compreende-se fàcilmente que os torradores norte-americanos devem ter ponderosos motivos para assim proceder. As razões desta atitude devem ser procuradas no complicado sistema de preços do café em vigor nos Estados Unidos.

Com efeito, os torradores norte-americanos têm sua ação limitada por dois preços máximos: o do café cru e o do café torrado. E' extremamente reduzida a margem existente entre êsses dois "ceiling prices". Quando caem os preços do café cru, os torradores encontram maior liberdade de movimentos para proceder a misturas de melhor qualidade, sem ultrapassar o preço máximo do café torrado. Mas quando as cotações do café cru se aproximam do máximo permitido nos Estados Unidos, reduz-se a margem de lucro dos torradores, sendo êstes forçados, por conseguinte, a adquirir café mais barato. Essa a vantagem de que gozam no momento os cafés africanos, cuja proporção nas misturas aumenta, apesar de sua má qualidade.

As estatísticas, que ontem publicamos, sôbre o desenvolvimento da importação de cafés africanos pelos Estados Unidos no primeiro trimestre do corrente ano, demonstram como está aumentando a participação dos produtos daquela procedência nas misturas que o povo norte-americano consome. Não há dúvida de que isso constitui um temível perigo para o produto brasileiro.

Dêstes fatos se pode concluir, portanto, que o privilégio de que gozam ultimamente os cafés do Continente Negro se liga a circunstâncias excepcionais, explicando-se menos pela resistência dos consumidores norte-americanos ao alto preço do produto brasileiro, do que pela ação dos torradores, que se encntram em face de uma situação que torna pouco lucrativas suas atividades. Assim — e para isto chamamos particularmente a atenção das autoridades nacionais e dos lavradores patrícios — qualquer ação tendente à valorização artificial do nosso café só poderá agravar a posição do produto brasileiro no mercado ianque, por diminuir a margem de lucro dos torradores, que se veriam obrigados, dessa forma, a recorrer ao café africano para não ultrapassarem os preços máximos do café torrado.

A tendência a que acabamos de aludir é grave e sôbre ela devemos meditar. Não há dúvida de que o aumento da proporção de cafés africanos nas misturas

prejudica a qualidade da bebida imposta aos consumidores ianques. Não nos devemos, entretanto, esquecer da possibilidade de o consumidor habituar-se a essas misturas. Há, com efeito, países que preferem cafés considerados, nos Estados Unidos, de má bebida. E além disso, não devemos olvidar as lições que a guerra nos proporcionou neste terreno. Um país como a França, cuja população sempre foi considerada grande apreciadora de café, teve de habituar-se, durante cinco anos, a incríveis misturas nas quais entravam, em quantidades consideráveis, aveia e bolotas torradas! E hoje, a França, que após tão desagradáveis misturas se habituou prazeirosamente ao "Robusta" africano, teria dificuldades em voltar a apreciar as misturas superiores que consumia antes da guerra.

Dêste ponto de vista é que deveremos examinar o problema do aumento da proporção de cafés africanos nas misturas distribuidas pelos torradores ao consumo norte-americano. Eis porque o fato de recorrerem os torradores ao produto daquela procedência apresenta, para o nosso café, perigo mais sério do que a simples queda, num trimestre, das nossas exportações para os Estados Unidos. O que devemos sobretudo temer é que o consumidor norte-americano se habitue ao aroma e ao sabor do "Robusta" importado do Continente Negro.

O Brasil não pode permanecer indiferente diante dêste perigo. De que nos serviria saber que o consumo dos Estados Unidos está destinado a crescer constantemente, se os benefícios que do fato nos poderiam resultar correm o risco de desaparecer graças a uma simples operação comercial tendente a ampliar o consumo de cafés inferiores ao nosso? Devemo-nos preparar, portanto, para enfrentar uma situação séria. Afirma-se que a questão será discutida por ocasião da próxima visita do sr. Dean Acheson, secretário de Estado, ao Brasil. Nossa ação nessas negociações deve, entretanto, visar não o estabelecimento de um preço mínimo para o café brasileiro, mas a abolição do preço máximo estabelecido nos Estados Unidos para o café torrado. Possuimos muitos trunfos para sustentar, no mercado norte-americano, o concorrência africana, pois as firmas importadoras ianques preferem, naturalmente, comprar o nosso café a recorrer aos exportadores do Continente Negro, ainda mal aparelhados para as operações do comércio internacional. Além disso, os exportadores africanos orientam-se, tradicionalmente, mais para os mercados europeus do que para o norte-americano. Mas é preciso, é indispensável, que não aumentemos com nossos próprios erros, as oportunidades dos nossos concorrentes no grande mercado de que tanto dependem nossas exportações.

(26-6-1952)

XXXV

O mercado europeu é da maior importância para a nossa exportação cafeeira — A guerra interrompeu êsse comércio e agora, que se completa a recuperação dos mercados do Velho Mundo, é concedida prioridade aos fornecimentos de café africano

O mercado consumidor francês depois de 1945

Predomina ùltimamente, entre nós, a tendência a só considerar o mercado norte-americano, quando se trata do problema das exportações brasileiras de café. E' sem dúvida de importância capital para nós aquele mercado, que nos fornece os dólares de que tanto necessitamos para nossas importações. Mas o incremento dos fornecimentos de café a diferentes mercados poderiam fornecer-nos outras cambiais de que precisamos para a importação de máquinas suiças, de produtos

químicos franceses, de instalações industriais alemãs e de equipamento ingleses. Antes da guerra, eram consideráveis nossas exportações de café para o mercado europeu, representando a média de cerca de 45% do total. Com a conflagração, êsse comércio diminuiu, como era natural:

PORCENTAGEM DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ

	Segundo o destino		
Anos	Europa	Estados Unidos	Outros
1930	40	52,4	7,6
1935	36,2	56,7	7,1
1940	15,6	73,7	10,7
1945	6,3	85,6	8,1
1951	31,6	64	4,4

Já é sensível a recuperação, pelo nosso produto, de sua antiga posição nos mercados, europeus, como se vê pelos resultados de 1951. Mas se no mercado norte-americano continua tímida a concorrência africana, o mesmo não se dá no Velho Continente, que mantém antigos contactos com os exportadores da África, facilitados pelos estreitos laços políticos entre as metrópoles e as colônias e pela necessidade, em que se encontram os países europues, de economizar cambiais. Tudo convida o Velho Mundo a adquirir mais café na África do que na praça de Santos.

Com a interrupção do intercâmbio durante a guerra, o consumidor europeu teve de recorrer às piores misturas de café. Quando, após o fim das hostilidades, passou a ter à sua disposição o "Robusta" africano, êsse fato já constituiu um desafogo. Dêsse modo, modificou-se o gôsto dos consumidores, que, habituados outrora aos cafés mais finos da América Latina, hoje aceitam prazeirosamente o produto do Continente Negro.

Outra consequência da guerra foi a queda do consumo, que ainda hoje não retornou aos níveis de antes de 1940. Isto se deve, em parte, aos hábitos de racionamento contraidos durante a conflagração, e em parte ao fato de constituir o café um verdadeiro luxo para os países empobrecidos pela guerra e que não estão em condições de permitir importações maciças dêsse alimento. Êsses fatores determinaram profundas transformações no mercado europeu. Vejamos como evoluiu êsse mercado, tomando-se para exemplo o francês, que dispõe de fornecimentos mais fáceis por parte das colônias africanas. Notemos primeiro a curva das importações de café pela França:

IMPORTAÇÕES TOTAIS DE CAFÉ PELA FRANÇA
(Em toneladas)

Ano	Toneladas
1934	176.300
1938	186.400
1940	137.900
1942	25.100
1944	800
1945	54.320

Vejamos agora a que países vem a França recorrendo para restabelecer suas importações de café:

IMPORTAÇÕES FRANCESAS DE CAFÉ
(Em toneladas e em porcentagem)

Anos		Brasil	Outros países da América	Nova Caledonia	Madagascar	A.O.F.	Outros países da Africa	Total
1946	vol.	3.900	—	400	19.500	27.000	—	60.810
	%	6%	—	0,5%	31,5%	62%	—	
1951	vol.	36.000	3.330	1.550	24.600	59.400	21.300	146.210
	%	24%	2%	1%	16%	41%	15%	

O Brasil já reconquistou, portanto, uma invejável posição na França. Mas é preciso considerar que, cinco anos após o fim das hostilidades, as importações francesas ainda não apresentam a mesma importância de antes da guerra. Faltam ainda 30.000 toneladas para que elas atinjam novamente o antigo nível. Tudo indica, porém, que êsse nível será atingido em breve, dado o rítmo de aumento do consumo na França.

Neste caso, a que produtores recorrerá aquele país? Nem todas as colônias francesas reunidas seriam por enquanto capazes, diante do estado atual da produção, de atender às exigências daquele mercado. Sua produção varia atualmente em torno de 80.000 toneladas, ou seja, perto da metade do consumo normal da França. Esta terá, pois fatalmente, de procurar fornecimentos em outras fontes, se possível — por questão de preço — em outros países africanos; só em último caso serão incrementadas as importações de café da América Latina.

Aqui encontramos uma das causas da política cafeeira em execução nas colônias francesas da África, onde, conforme dissemos em capítulos anteriores desta reportagem, os produtores se preocupam com a quantidade e não com a qualidade da produção. A França procura, com efeito, incrementar a cafeicultura de suas colônios no intuito de obter delas quatro quintos dos fornecimentos do café necessário ao seu consumo. O problema da qualidade é relegado para a segunda plana, pois o café produzido pelas colônias francesas não se destina aos mercados internacionais, mas exclusivamente à França, onde com êle não poderão concorrer os produtos de outras procedências, dada a proteção de que êle é cercado ali. A produção das colônias francesas poderá dobrar, isto é, atingir o volume de 160.000 toneladas anuais, sem que os produtores precisem preocupar-se com a questão do escoamento, garantido pelo consumo da França. Só depois de atingido êsse objetivo é que as colônias precisarão meditar sôbre a questão da melhora da qualidade do produto, a fim de se habilitarem a enfrentar a concorrência nos mercados internacionais.

Apesar disso tudo, porém, o mercado francês apresenta ainda maiores possibilidades às exportações brasileiras. Não se trata de uma questão de preferência, pois, como dissemos, a Europa já se habituou ao sabor e ao aroma do "Robusta" africano, mas de necessidade, porque as colônias africanas ainda não produzem o suficiente.

Entretanto, se persistirem os atuais dados do problema, qualquer aumento da produção africana, independentemente da melhoria da sua qualidade, prejudicará a posição do café brasileiro no mercado francês. E o mesmo se poderá dizer dos mercados de outras nações colonizadoras européias.

(27-6-1952)

XXXVII

É consideravel a margem de aumento do consumo de café na Europa — O consumo europeu é igual ao dobro da produção total do Continente Negro

Problema de produção mais que de comércio

Pelo menos no que respeita ao volume total das importações, a evolução dos outros mercados europeus observou curva análoga à da França, cuja situação examinamos no capítulo anterior desta reportagem. As importações totais do Velho Continente elevaram-se antes da guerra a 12 milhões de sacas. Após o conflito elas revelaram a seguinte evolução:

Ano	Sacas
1948	6.785.534
1949	8.333.000
1950	8.150.000

Houve variações consideráveis no desenvolvimento das importações dos diferentes países europeus, como se vê do quadro abaixo, em que se confronta o movimento importador nestes últimos cinquenta anos:

DESENVOLVIMENTO DAS IMPORTAÇÕES EUROPÉIAS

País	Em milhares de sacas 1900	1925	1950
França	1.480	3.134	2.495
Alemanha	2.670	1.507	443
Holanda	980	1.010	372
Bélgica	440	662	1.001
Inglaterra	230	555	675
Itália	235	703	730
Sueécia	480	609	586
Suiça	152	182	421
Noruega	246	240	245
Dinamarca	123	342	260
Espanha	140	323	131
Áustria	720	126	76
Portugal	—	23	128
Tatal, inclusive países não mencionados	8.358	10.416	8.131

Portanto, cinco anos após o fim das hostilidades, o consumo europeu caiu aos níveis em que se achava em 1900. Salvo raras exceções, como a Bélgica, os países do Velho Continente não voltaram a atingir, nestes últimos anos, o volume de importações de 1925. É de prever, pois, que nestes próximos anos o consumo europeu creça em proporções consideráveis. O consumo "percápita" indica, com efeito, que entre 1938 e 1949 a queda foi sensível sobretudo nos maiores países consumidores:

CONSUMO "PER CAPITA"

País	1938	1948	1949
Dinamarca	9,1	2,9	3,8
Noruega	6,6	5,5	5,2
Suécia	8,4	5,1	5,0
Bélgica	5,7	9,0	8,9
França	4,5	1,7	2,1
Holanda	5,2	2,1	2,4
Finlândia	7,2	2,4	2,8

É grande, pois, atualmente, a margem de crescimento do consumo na Europa. Ainda aqui encontramos, com particular nitidez, uma ilustração da regra a que nos referimos ao tratar do provável desenvolvimento do consumo nos Estados Unidos: o ponto de saturação é determinado mais pelo limite das disponibilidades financeiras da Nação do que pela simples necessidade do consumo.

Se, pois, a Europa continuar sua rápida recuperação econômica, se á miséria do após-guerra suceder o período de opulência esperando no Velho Mundo, que, apesar das destruições provocadas pela conflagração, continua a ser um riquíssimo continente, não ha dúvida de que o consumo crescerá em alguns anos em ritmo consideravel. É muito possível, assim, que a França, por exemplo, que em 1943 importou apenas 800 toneladas e que hoje já conseguiu elevar essas importações a 150.000, consumirá dentro em breve de 180.000 a 200.000 toneladas de café. A Alemanha, por seu turno, poderá também atingir consumo superior ao de 1930-40. Quanto á Grã-Bretanha, onde o consumo de chá permanece estacionário, apresenta indícios de que o consumo de café poderá aumentar muito.

Resta saber a que fornecedores recorrerão os países europeus para obter os contingentes suplementares de café necessários ao aumento do seu consumo. O caso da França é simples: suas colônias africanas não produzem ainda o necessário para abastecer o mercado metropolitano. O caso das colônias de outros países europeus já é diferente. Angola, por exemplo, produz mais de 700.000 sacas anuais, ao passo que o consumo de Portugal não vai além de 150.000. As colônias britânicas produzem também quantidades superiores ao consumo metropolitano: 1.225.000 sacas, contra um consumo de 700.000 mais ou menos. A Bélgica, porém, consome cerca de 1.000.000 de sacas por ano, ou seja, quase o dobro da produção de Congo Belga. Resta examinar a situação dos países europeus que não dispõem de colônias na África.

O consumo total da Europa é presentemente de 10 milhões de sacas, ao passo que a produção total da África não vai além de 5 milhões. Atualmente, portanto, a África não está em condições de satisfazer mais da metade do consumo do Velho Continente. O problema que se põe à cafeicultura africana é, pois, mais de aumento da produção, do que de melhoria da qualidade do produto ou dos metodos de

comercialização. Em conclusão: o problema da cafeicultura africana é, em conjunto, muito semelhante ao da produção das colônias francesas, a que ontem nos referimos. Explica-se assim porque a África dispensa tão pouca atenção tanto ao aperfeiçoamento da produção como ao benefício do produto e á sua comercialização: não existe para ela o problema do escoamento da produção, diante dos mercados que a Europa e ela assegura. A batalha que os produtores africanos têm de vencer é a da quantidade, e não a da qualidade. Para afastar dos mercados do Velho Mundo a concorrencia latino-americana eles não precisam esfôrçarse por melhorar o seu café, mas por aumentar a sua produção.

(28-6-1952)

XXXVIII

A procura no mercado cafeeiro mundial continua superior á oferta e, a menos que se verifique uma depressão geral, as necessidades do consumo continuarão crescendo — Poderá o futuro desenvolvimento da produção africana absorver esse aumento do consumo?

Do "Seller's Market" para o "Buyer's Market"

A análise, a que procedemos, dos dois grandes mercados consumidores permite-nos, neste ensaio de avaliação da exata importância do perigo da concorrência africana, tirar uma primeira conclusão. Observamos, com efeito, que em ambos os casos — o norte-americano e o europeu — os mercados consumidores estão longe de dar sinais de saturação. Ao contrário, notam-se em ambos indícios de que é larga ainda a margem de expansão, devendo o consumo de café elevar-se, no futuro, a níveis até hoje não inatingidos.

Permite-nos este fato colocar a concorrência africana em sua verdadeira altura. Ela é, realmente, apenas virtual. O presente quadro do mercado cafeeiro mundial não é o de um mercado em estado de superprodução, em que os produtores se empenham numa impiedosa luta de preços e tentam, por todos os meios, escoar suas disponibilidades, mesmo com sacrifício. A África, com seus cinco milhões de sacas anuais, não está em condições ainda senão de atender á metade da procura européia. Se ela tomar pé no mercado norte-americano, será em prejuízo de suas exportações para a Europa, pois, não dispõe de excedentes exportáveis suficientes para aplacar o apetite dos dois grandes mercados.

Ademais, poderemos assistir nos próximos anos a um considerável aumento da procura mundial. Mas devemos considerar que essa evolução decorre da conjuntura econômica geral, e que só uma opulência persistente, o retorno ás condições de prosperidade reinantes antes da guerra permitirão a contínua expansão do consumo de café. E é conveniente não esquecer também que qualquer depressão mais violanta dos negócios internacionais se refletirá imediatamente no mercado cafeeiro, um dos mais sensíveis a essas flutuações. Se tal se der, os cinco milhões de sacas de café africano pesarão terrívelmente na balança...

Mas, caso seja possível evitar uma depressão mundial — e tudo indica que foram aprendidas, pelos responsáveis pela política internacional, as lições das catastrofes econômicas precedentes — não diminuirá o rítmo do aumento do consumo de café. O ponto de saturação do consumo está longe de ser atingido. Eis porque o problema da cafeicultura africana é mais de produção do que de

qualidade e comercialização; e eis porque, também, dedicamos a maior parte desta reportagem ao estudo das condições em que se desenvolve essa cultura no Continente Negro.

Trata-se de saber se, nos próximos anos, a produção africana terá possibilidades de desenvolver-se em rítmo tão rápido como o do crescimento do consumo nos Estados Unidos e na Europa. Mesmo, porém, que essas possibilidades se verifiquem, não se poderá dizer que a concorrência africana dominará a da America Latina. Realmente, mesmo que, graças a um aumento geral da produção, se equilibre a oferta e a procura, entrará em jogo um novo fator que não tem apresentado, até aqui, grande importância: o da qualidade do produto. A partir do momento em que se tornar mais tenso o mercado, é evidente que a questão da qualidade, ao lado da questão do preço, constituirá um elemento de importância na concorrência. É fácil prever que, em casos tais, o comprador preferirá o café de boa qualidade, que estamos em melhores condições de produzir do que a África.

Não chegamos ainda a esta fase. Continuará, porém, o mercado de café a apresentar por muito tempo as características do "buyer's market"? É difícil fazer prognósticos seguros neste terreno, é quase impossível devassar os segredos do futuro. A cultura cafeeira africana é orientada, como vimos, por elementos contraditórios. Mas mesmo assim, alguns se destacam que permitem apreciações de ordem mais geral. É o que tentaremos fazer nos últimos capítulos desta reportagem. (29-6-1952)

XXXIX

A lavoura africana, jovem, dinâmica e de baixo custo, goza, incontestàvelmente, de grandes vantagens para concorrer com a nossa produção — Análise de alguns interessantes fatores

Poderá o Capital norte-americano auxiliar indiretamente a cultura africana?

É, como vimos, em têrmos de produção, mais do que de qualidade, que se deve julgar, em última análise, a cultura cafeeira na África, se é que deseja apreciar com justeza e sem paixão o perigo que ela pode apresentar para a posição comercial do Brasil nos grandes mercados internacionais.

Mas a produção africana, como vimos também ao curso desta longa reportagem, é influenciada por grande número de elementos contraditórios, favoráveis uns ao seu desenvolvimento, contrários outros ao seu progresso.

Consideramos primeiro os elementos favoráveis á rápida expansão da cafeicultura africana.

De todos, o mais importante, do nosso modo de ver, é a juventude dessa cultura, a rapidez dos seus primeiros resultados, o que contrasta com a velhice e a relativa estagnação da mesma lavoura no Brasil. Uma das razões pelas quais se sente o Brasil ameaçado pela cafeicultura africana é exatamente este sentimento, ás vezes obscuro, inconfessado, inconsciente mesmo, de que a produção de café em declínio entre nós e em plena expansão no Continente Negro, o que, prosseguir nesse rítmo, acabará invertendo totalmente as respectivas posições.

O dinamismo da produção cafeeira africana é sustentado, também, pelos altos preços reinantes no mercado do café. Os esforços desenvolvidos pelo Brasil para manter elevadas as cotações do produto têm favorecido muito os produtores africanos, como favoreceu anteriormente a expansão do café em outros países deste Hemisfério. Trata-se de uma consequência sôbre a qual devemos meditar, sempre que tratarmos da política dos preços da nossa produção. Os altos preços vigentes têm sôbre a cafeicultura da África duplo efeito: de um lado, graças aos resultados animadores alcançados com a venda de café, os lavradores africanos passam a dispor de recursos para expandir suas culturas; e de outro, sendo o custeio da lavoura muito menor na África, o café daquela procedência pode ser vendido nos mercados consumidores, não só nos europeus mas também no norte-americano, a preços inferiores ao nosso, o que fortalece a sua capacidade de concorrência.

O preço do café não representa, aliás, a mesma coisa na África e no Brasil. Pode-se dizer que entre nós o valor externo da moeda se baseia, pràticamente, nas cotações do café, dado o predomínio desse produto em nossas exportações. Na África, ao contrário, o café não representa, nas exportações, valor maior que o de numerosos outros produtos, de modo que as suas cotações não exercem, sôbre o valor da moeda, a mesma influência tirânica entre nós observada. Quer isto dizer que o Continente Negro goza de maior liberdade do que o Brasil no terreno dos preços do café. Têm os produtores africanos, portanto, a possibilidade de adotar política de preços muito mais flexível que a nossa, o que representa uma vantagem de todos os pontos de vista. A posição mais modesta ocupada no conjunto da economia africana pelo produto evita, também, que as paixões partidarias procurem dominar, como entre nós se verifica, a política do café, modificando-a de acordo com interesses extra-econômicos.

Dentre os elementos favoráveis à cultura cafeeira africana destaca-se, enfim, a influência das metrópoles. As nações colonizadoras européias, sòlidamente organizadas, dispõem de abundante capital técnico e financeiro suscetível de animar as atividades econômicas dos territórios de além-mar. A França, a Bélgica, Portugal e a Inglaterra prestam aos cafeicultores uma assistência que não se deve menosprezar, apesar de sua insuficiência. E devemos aproveitar o momento para uma alusão ao papel dos Estados Unidos neste domínio. Todos se lembram das inquietações que revelamos há tempos quanto ao eventual desejo dos Estados Unidos de favorecerem a criação de um novo império do café na África, a fim de quebrarem a unidade dos produtores deste Hemisfério e de, valendo-se da ameaça do Continente Negro, influirem mais decisivamente em nossa política cafeeira. À questão referiu-se o ministro da Fazenda do Brasil por ocasião de sua visita aos Estados Unidos no ano passado, viagem de que ele regressou com a promessa formal, por parte das autoridades de Washington, de que o govêrno dos Estados Unidos não participaria dos planos tendentes a aumentar a produção africana de cacau e de café. Essa promessa será, com certeza, respeitada. Mas quererá isto dizer que a ajuda norte-americana não se fará sentir nessas culturas do Continente Negro? Evidentemente não. A economia moderna atingiu uma estágio de extrema complexidade e, como as peças de um "puzzle", todos os seus elementos são solidários entre si. Não se pode, por exemplo, construir um porto sem influir nas condições de lavradores que trabalham, no interior, a 500 quilômetros de distância. Não se pode instalar uma central elétrica, sem transformar, indiretamente, todas as condições econômicas de uma vasta região. Assim, a ação norte-americana na África — ação já profunda — excercerá grande influência sobre a expansão da cultura cafeeira, embora não a vise diretamente.

Ninguém pode, aliás, insurgir-se contra o fato de estar a África, em luta contra a sua milenar letargia, recebendo o auxílio do capital e da técnica dos Estados Unidos. Estradas de ferro e de rodagem, fábricas, emprêsas de mineração, portos e outros empreendimentos ali se multiplicam graças aos auxílios norte-americanos. Processa-se ali uma evolução fatal e desejável, contra a qual ninguém se poderá insurgir. Assim, embora cumprindo sua promessa de não incentivar as lavouras de café e de cacau, os Estados Unidos indiretamente as favoracem, sem que os possamos criticar por isso.

(1-7-1952)

XL

(CONCLUSÃO)

Deve constituir para nós um sinal de alarma o aumento da produção africana — A verdadeira significação dos êxitos alcançados pelo Continente Negro — A supremacia brasileira vista da África.

É no próprio Brasil que reside a solução para a ameaça africana.

Referimo-nos ontem aos elementos favoráveis ao desenvolvimento da cafeicultura africana. Mas há sombras, também, nesse quadro, e seria uma ingenuidade supôr que os lavradores e exportadores africanos possuam, neste ramo da economia, vantagens decisivas côbre os do Brasil. O incontestável vigor da sua lavoura cafeeira, ainda jovem, é contrabalançado por diversos e sérios elementos desfavoráveis, como já assinalamos no decorrer desta reportagem. A África, não nos esqueçamos, é um continente ainda primitivo em sua maior parte, e nesta perspectiva geral é que se enquadra sua cultura de café. A América Latina figura, na classificação internacional, com justas razões, entre as regiões economicamente subdesenvolvidas, mas está incomparàvelmente mais adiantada do que a África tropical.

São numerosas e importantes as consequências dêsse atraso na cultura cafeeira. A fome e as enfermidades, que reinam em estado endêmico naqueles países de clima às vezes insuportável, flagelam e ceifam as populações que poderiam impulsionar a lavoura. Além disso, os indígenas, vivendo ainda numa civilização pré-econômica, não compreendem de nenhum modo a imperiosa necessidade do trabalho. De resto, todos os seus esforços, se a isso estivessem resolvidos, estariam votados ao malôgro em países onde faltam ainda todos os elementos básicos: portos, transportes, energia etc. Isolado no coração de suas savanas ou de suas impenetráveis florestas, que estímulo poderá encontrar o indígena para desenvolver, do ponto de vista da quantidade ou da qualidade, a sua produção?

Mas — dir-se-á — as potências européias que tomaram a si o encargo da colonização do Continente Negro têm possibilidades de incrementar fortemente, ali, a cultura cafeeira. E' exato. Mas uma das coisas que mais nos impressionaram na África foi, precisamente, o aparente desinteresse das autoridades coloniais pelo aperfeiçoamento dessa lavoura. Teria sido errônea esta nossa impressão?

Talvez, habituados a um país cuja vida econômica gira em torno da riqueza cafeeira, tenhamos exagerado nossa impressão de que se menospreza a produção do café na África, mas não se pode negar que em nenhum país africano o café constitui um produto essencial: o Congo Belga interessa-se mais pelo cobre do Katanga

do que pelo "Arábica" do Kivu; Tanganica presta maior atenção ao sisal e a Costa do Marfim ao cacau. O café constitui uma produção secundária e em nenhuma parte se espera ali, para próximo futuro, um surto excepcional da cafeicultura.

A distância e o desconhecimento das condições ali reinantes levam os brasileiros a negligenciar os obstáculos que se opõem à expansão da cafeicultura africana, para só atentarem para os aspectos mais dinâmicos da sua concorrência. É um engano que devemos corrigir. Mas a mesma coisa se verifica na África em relação ao nosso País: os brasileiros, aos olhos dos cafeicultores e comerciantes africanos, estão destinados a dominar indefinidamente o mercado mundial de café. Ninguém imagina ali que o Brasil possa um dia vêr prejudicada a supremacia que exerce nesse mercado.

Quanto a nós, ao têrmo de uma viagem de oito semanas por todos os centros cafeeiros daquele continente, estamos inclinados a ver um pouco de verdade nas impressões de uns e outros. Cremos que, no exterior, o perigo africano seja exagerado, no desejo dos grandes mercados de quebrar a certeza dos brasileiros em sua supremacia, tornando-nos inseguros em nossas reivindicações e em nossa política. Mas, por ora — e acreditamos já o haver demonstrado suficientemente nesta longa série de comentários — a concorrência africana é insignificante. Os espetáculosos êxitos já obtidos pela produção africana não devem iludir nem os produtores, nem os exportadores daquele continente. Com uma produção que não vai ainda além de 5 milhões de sacas, a ameaça africana não é de molde a tornar apreensivos os demais produtores.

Não ignoramos, porém, as possibilidades de se tornar mais perigosa, no futuro, essa ameaça. O Continente Negro está entrando, sem nenhuma dúvida, numa fase de transição, que poderá ser mais ou menos rápida, mas que provocará, no fim, a completa transformação de todos os elementos de sua economia. Levará isso anos ou décadas? Quem o poderá prever? Mas é indubitável que, mais dia menos dia, aquele continente poderá aumentar de tal forma sua produção, que as virtuais ameaças atuais se tornarão terrível realidade. E' uma evolução fatal, e o Brasil será por ela profundamente prejudicado, a menos que tome desde já providências tendentes a enfrentar a situação, quando ela se apresentar.

E por que não inverter os termos do problema, por que não considerá-lo de modo inverso da forma por que o temos feito até até aqui? A solução do problema cafeeiro não residirá, em definitivo, no próprio Brasil? Com efeito, o aumento da produção do Continente Negro constitui para nós, por enquanto, mera advertência, simples sinal de alarma. Mas, se persistirmos em não ouví-lo, quando nos dispusermos a fazê-lo talvez seja tarde demais. Por enquanto, estamos em tempo de enfrentar a ameaça. Como dominadores do mercado mundial de café, permitimos que nossas terras se esgotassem e que diminuissem os rendimentos das nossas culturas, menosprezamos, talvez, o próprio dinamismo que deveria animar nossos métodos comerciais. Mas estamos em tempo ainda de corrigir nossas falhas, antes que o Continente Negro ameace definitivamente nossa supremacia cafeeira. O aumento da produção africana não representa um movimento impossível de conjurar. Não constitui uma fatalidade econômica.

(2-7-1952)

RECUPERAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA

Na última reunião do Conselho de Política da Agricultura, a Secretaria da Agricultura apresentou aos membros do organismo os planos já elaborados, visando ao desenvolvimento de determinadas culturas e intensificar a campanha de fomento da produção agrícola no Estado de S. Paulo. Entre os planos que o Conselho recebeu para estudos figura o da **Campanha da Cultura Cafeeira**, que mereceu a aprovação do governador do Estado, e que deverá ser executado em colaboração com a Sociedade Rural Brasileira. O plano prevê a adoção das seguintes medidas: 1) — Aumento da produção por unidade de área. Intensa propaganda deve ser feita, visando: reorganização da fazenda de café, de modo a serem mantidos, sòmente, os talhões economicamente produtivos, estabelecimento de equilíbrio entre o número de cafeeiros existentes e a organização necessária para a sua manutenção; produção de matéria orgânica em quantidade suficiente; replantio das falhas; conservação do solo; adubação adequada, orgânica, mineral e verde; combate racional às pragas e irrigação em talhões, cuja localização topográfica, estado das plantas e emprêgo de bons tratos culturais recomendem essa prática. 2) — Melhoria da qualidade. Realização de intensa propaganda sôbre colheita do café, como realizá-la, como separar as impurezas, como fazer a seca e benefício esmerado. 3) — Diminuição do custo da produção. O aumento da margem de lucros do lavrador poderá dar-se pela baixa de preço de custo e pela melhor cotação obtida pelo preço. Os dois itens anteriores providenciam essas duas finalidades. A manutensão dos talhões economicamente produtivos e a eliminação das lavouras de baixo rendimento trazem um melhor aproveitamento do braço operário, de adubos, dos tratos-culturais, etc. Café de boa qualidade terá escoamento garantido, deverá alcançar preços mais remuneradores e, sobretudo, permitirá ao Brasil, competir, vantajosamente, nos mercados internacionais. Toda nova lavoura que será, formada no Estado deverá estar de acôrdo com as normas racionais de cultivo. Será plantada em nível com distâncias adequadas e com sementes selecionadas. Mas regiões muito montanhosas, onde fôr impossível o plantio em nivel, será usado o sistema de banquetas individuais. A campanha será dirigida por um engenheiro agrônomo especialista, em cultura do café. Êsse técnico será designado pela Secretaria. O programa compreende: concentrações locais de lavradores, em fazendas que mantenham um serviço que mereça divulgação. Concentrações gerais, em maior número de lavradores, em estações experimentais. Palestras, gráficos, folhetos, cartazes, projeções, rádio e imprensa. Campos de demonstração em propriedades particulares. Fornecimento de sementes e mudas. Concursos anuais e instituição de prêmios. Levantamento das principais propriedades cafeeiras de cada zona. Intensificação da assistência direta às lavouras. Planejamento na formação dos cafèzais, divulgação das vantagens dos sistemas de irrigação. Ampliação dos trabalhos de assistência na execução das práticas de conservação do solo. Aumento da produção de sementes selecionadas, das variedades mais recomendadas.

O govêrno, como medidas complementares, providenciará: a) Gestões junto aos poderes competentes, no sentido de facilitarem a importação de adubos, inseticidas, máquinas agrícolas e materiais para irrigação de café; b) Promulgação de medidas consubstanciadas no projeto de lei n. 1.290, de 1951, que abre um crédito de Cr$ 150.000.000,00 no Banco do Estado, para financiamento de projetos de irrigação de cafezais; c) Mobilização de recursos financeiros para custeio das despesas extraordinárias e adiantamento dos gastos orçamentários.

Do **Boletim Semanal** da Associação Comercial de Santos)

QUAL DEVE SER O VALOR CAMBIAL DO CRUZEIRO?

Opiniões diversas, mas valiosas, sôbre o momentoso problema

Os três artigos que a seguir transcrevemos, não se entendem especìficamente com o café; mas, tratando da questão cambial, dizem-lhe respeito, indiretamente.

Refletem, êsses estudos, opiniões por vezes antagônicas, e exatamente por isso os reunimos aqui, pois os pontos de vista dos respectivos autores, que são abalisados estudiosos de nossas questões econômicas e financeiras, estão criteriosa é objetivamente expostos, e poderão ajudar nossos leitores a firmar conceitos sôbre êsse importante assunto.

Um dêles e favorável à situação atual. Outro, a uma radical mudança. E o terceiro a um meio têrmo, o câmbio livre.

FATOS E CONJUNTURAS ACÊRCA DO CRUZEIRO

ALDO M. AZEVEDO

RECRUDESCE a ofensiva deflagrada contra o cruzeiro. De vários setores, em bem articulada campanha, aumenta a pressão dos partidários da desvalorização cambial, procurando desviar o govêrno da União do bom caminho e empurrando a economia brasileira para o caos. Retomemos o assunto para alinhar, enquanto é tempo, algumas considerações pertinentes à situação do cruzeiro no momento que passa.

Há poucos dias, um dos mais adiantados fazendeiros de São Paulo me afirmou ser o café, aos preços atuais de Cr$ 1.200,00 o saco, uma cultura atualmente lucrativa. Naturalmente — será preciso dizê-lo? — o rendimento depende de haver produção. Ouvi de outro fazendeiro amigo, que possui terras no norte do Paraná que, mesmo pela metade do atual preço, o café ainda daria bons lucros, graças à alta produtividade daquela zona, da boca do sertão. São fatos de fácil omprovação.

O café contribui presentemente com cêrca de 70% de nossas letras de exportação. Mais de dois terços de nossas divisas provêm da venda do café nos mercados externos, na base aproximada de US$ 60,00 ou Cr$ 1.200,00 por saco de 60 quilogramas. Eis outro fato incontestável.

No 1.º semestre de 1951, as importações do Brasil somaram o total de Cr$ 15.921 milhões, enquanto que o valor global de nossas exportações não ultrapassou a quantia de Cr$ 15.299 milhões — resultando o "deficit" de Cr$ 622 milhões. No 1.º semestre do ano em curso, as importações brasileiras atingiram a cifra "record" de Cr$ 22.452 milhões, contra o reduzido valor das exportações, que só alcançaram Cr$ 12.883 milhões. ("Conjuntura Econômica" de agôsto de 1952). Eis outros fatos interessantes de difícil contestação.

Em relação ao algodão, as estatísticas revelam que as exportações do 1.º semestre do corrente ano equivalem a um terço da quantidade exportada em igual período de 1951. Acrescenta aquela revista da "Fundação Getúlio Vargas": — "Merece destaque o fato de que nas estatísticas de classificação de algodão da presente safra, até a data

indicada (30 de julho), os melhores tipos de fibra representavam sòmente 14% do total classificado, enquanto que na de 1951 a proporção era de 39%. Esse fato parece indicar que as firmas credenciadas pelo Banco do Brasil para a aquisição do produto, através operações de financiamento, com propósitos especulativos, estão retendo os melhores tipos de algodão, de vez que a base de financiamento (Cr$ 250,000 por arroba) foi fixado pelo Banco do Brasil, independentemente da qualidade e quantidade". Também esses são fatos, tristes acontecimentos de nossa mal dirigida economia.

Tendo por base os preços de agôsto de 1939 igual a 100,00, o "Índice Geral de Preços" nos Estados Unidos era calculado em 289,6 em meados de setembro do corrente ano. Isto significa que o dólar americano, a moeda mais forte do mundo, sofreu nesses treze anos uma acentuada depreciação. Se tomarmos o Índice de preço dos produtos domésticos americanos, verificaremos que o seu nível é hoje de 294,4. A explicação dessa diferença se encontra justamente na queda de preços dos artigos importados, que estão presentemente com o índice de 282,3. Eis outros fatos significativos registrados por publicações de responsabilidade, como a "McGraw-Hill American Letter".

O custo da vida na cidade de São Paulo, segundo as informações fidedignas da Divisão de Estatística e Documentação, Social da Prefeitura do Município da Capital, atingiu o "record" de 566,4, em julho último, em relação à base 100,00 atribuida ao ano de 1939. Com apoio nesse índice, aquela repartição calcula o poder aquisitivo do cruzeiro, em relação ao ano de 1939, reduzido a 17,66%. Ainda aqui, esses números apontam fatos possitivos de contestação difícil.

O valor médio da tonelada importada pelo Brasil em 1951 foi bem mais alto do que em 1950, passando de Cr$ 2.265,00 a Cr$ 3.383,00 — cêrca de 50% de aumento. Esse fato pode ser explicado pelo encarecimento dos artigos de importação, ou pela modificação de sua composição, passando a predominar mercadorias mais caras por unidade peso. Essa última hipótese não é a mais provável. Acredito que as duas causas agem simultaneamente. Fazendo a mesma apreciação com referência aos preços médios de exportação, verificamos que o valor da tonelada vendida pelo Brasil passou de Cr$ 6.523,00 em 1950, para Cr$ 6.701,00 em 1951, um acréscimo de apenas 2,7%.

Esse fenômeno — do encarecimento unitário das importações e da depreciação da unidade exportada pelo Brasil — mais se acentuou no corrente ano, conforme declarações expressas do ilustre dr. Luiz Simões Lopes, ex-diretor da CEXIM do Banco do Brasil em sua última viagem a S. Paulo, e esse fato, evidenciado através das estatísticas de nosso comércio exterior no 1.º semestre do ano em curso, só por si contribui grandemente para o desequilíbrio da balança de pagamentos.

Calcula-se que o Brasil está devendo, em atraso, neste momento a importância de US$ 500 milhões, vale dizer Cr$ 10.000 milhões. Essa quantia aparentemente fabulosa corresponde a três ou quatro meses de importações, ou à exportação de 8 milhões de sacas de café.

Dos produtos importados em 1951, avultam os seguintes: — (Milhões).

Carvão de pedra, gasolina, oleo fuel e diesel, querozene e lubrificantes	4.222
Celulose para fabricação de papel	842
Ferro, aço e cimento	767
Outras matérias-primas	4.399
	10.230
Trigo em grão	2.420
Outros generos alimentícios	2.177
	4.597
Arame nu e farpado, de ferro galvanizado	582
Caminhões, ônibus, ambulancias, chassis, automóveis para passageiros e acessórios	5.085
Cutelaria, ferramentas e utensilios	424
Folha de Flandres	473
Geradores e motores elétricos, locomotivas, vagões e acessórios)	775
Máquinas, aparelhos e utensilios para a indústria textil	805
Máquinas de escrever e de costura	518
Máquinas para conservação de estradas	367
Papel para imprensa	710
Soda caustica	405
Produtos farmacêuticos	693
Outras manufaturas	11.394
	22.241
Total geral	**37.193**

Relatório do Banco do Brasil, pág. 361).

Peço desculpas aos leitores pela quantidade de algarismos que sou obrigado a colocar sob suas vistas. É porque, como dizia o famoso cientista britânico William Tomson, mais conhecido por Lord Kelvin: — "Quando alguém puder medir o assunto de que está tratando, exprimindo-o com algarismos, é que sabe alguma coisa a respeito; porém, quando não puder exprimi-lo por algarismos, é porque seu conhecimento do assunto é fraco e pouco satisfatório.

Passamos agora às conjeturas. O presente está representado por fatos; mas o futuro só pode ser acessível, a quem não possua faculdades adivinhatórias, mediante conjeturas mais ou menos prováveis.

Supanhamos, para principiar, que a corrente atuante em prol da desvalorização do cruzeiro nos mercados externos logre seu objetivo e consiga do Congresso Nacional uma lei que modifique a equação "Cruzeiro/Dólar". Para concretizar esse ato, aceitemos que a nova taxa de câmbio ponha o dólar a Cr$ 40,00, ou seja o dobro do valor atual, como preconizam. Disso, decorrerá fatalmente modifições importantes, que podem ser conjeturadas desde já.

Aquele meu amigo fazendeiro terá logo uma mudança no preço do café. Segundo as conjeturas mais prováveis, ocorreria uma das três seguintes situações: a cotação do café em dólares seria mantida na atual base de US$ 60,00 por saco, o que levaria o preço interno a Cr$ 2.400,00; ou, mantido o preço de Cr$ 1.200,00 por saco, receberia o exportador apenas US$ 30,00; ou ainda, admitindo-se uma queda na cotação em dólares e uma alta no preço em cruzeiros, poderiamos aceitar o preço intermedio de US$ 45,00 ou Cr$ 1.800,00 por saco.

No primeiro caso, pouco provavel, o alto preço interno do café provocaria certamente um gravíssimo surto inflacionário, com todas as suas nefastas consequências e repercussões nos demais preços, sabido que ha uma solidariedade entre os valores das coisas de um mesmo mercado. Nesse caso não perderiamos um só dólar de nossa exportação de café, mas arruinariamos nossa economia e provocariamos uma corrida para a cultura da rubiácea, não só no norte do Paraná como nas zonas denominadas velhas.

Se atentarmos para o passado de café e de seus altos e baixos, sempre conjugado com o câmbio brasileiro, não devemos esperar que isso aconteça. O mais provável é uma redução do preço do saco de café em dólares. Na pior hipótese, de cair o preço externo para US$ 30,00 por saco, o Brasil ficaria arruinado, pois perderia cerca de quinhentos milhões de dólares por safra, exatamente o que está devendo atualmente em atraso. No caso intermediário, haverá uma perda de 250 milhões de dólares, ao mesmo passo que se daria um novo passo para a inflação monetária em face do preço de Cr$ 1.800,00 por saco de café.

Continuando a conjeturar, a nossa dívida comercial, que orça em Cr$ 10.000 milhões, passaria automaticamente a ser de Cr$ 20.000 milhões, o que corresponde a duplicar o nosso esfôrço exportador para colocar em dia os nossos pagamentos atrasados. Em outras palavras, na base otimista de US$ 45,00 por saco de café, seriam necessários 11 milhões de sacos para pagar essa dívida.

Esse suplemento de exportação deverá provir, para sermos coerentes, da venda do açúcar, do algodão, do pinho, dos tecidos, do arroz e de outros produtos que não encontram hoje, pelos seus preços internos, escoadouros nos mercados mundiais. Por isso mesmo, podemos conjeturar com segurança, os preços internos dessas mercadorias "gravosas" ainda seriam elevados, na razão da diferença ou acréscimo com que a nova taxa cambial os favorecesse. Uma alta interna do preço do algodão causaria a elevação do custo dos tecidos e assim por diante.

Além da forçosa elevação dos preços internos, o Brasil sofreria o impacto dos mais altos preços das coisas importadas. Isto não é uma conjetura imaginária. Ninguém poderá prever, de boamente, que a gasolina continua a custar-nos Cr$ 2,00 por litro se o dolar passar para a casa dos Cr$ 40,00. Uma ligeira vista de olhos naquela lista de produtos importados e no seu atual custo, que seria duplicado, é suficiente para dar ao leitor uma perspectiva do que viria a ser a situação do Brasil: ou pagando preço dobrado, ou deixando de comprar esses artigos essenciais.

Ora, o encarecimento da produção, pelo aumento do custo de seus componentes, não pode, penso eu, resolver o problema sério de sua ex-

portação. Pelo contrário, chegaremos em tal política invertida a tornar "gravosos" outros artigos, inclusive o heroico café. Nunca corrigiremos a atual disparidade de poder aquisitivo interno e externo do cruzeiro, efetuando maior desvalorização, isto é, aumentando essa mesma disparidade que pretenderiamos suprimir.

Como se vê dos fatos apontados acima, a inflação é um fenômeno universal. Nenhuma nação civilizada dela escapou na última guerra e no período que se lhe seguiu. Mesmo países de moeda forte vêem os seus preços internos subiram desmensuradamente, na razão da elevação dos salários. Há, realmente, apenas, uma diferença de grau. A concessão de mais elevados padrões de vida aos operários é também fenômeno mundial. Se os aumentos de ganhos dos trabalhadores não são correspondidos com um aumento de produção, gera-se a inflação fatalmente.

Se os sálarios são, como todos reconhecem, o verdadeiro fundamento econômico dos custos das coisas — deixando de lado a importante parcela representada pelos tributos, salários do Estado — os povos deveriam estabelecer a paridade das moedas, não em relação ao preço das coisas, mas em correspondência com os ganhos dos trabadores em iguais funções. Neste ponto, o Brasil levaria uma grande vantagem, se é vantagem pagar pouco aos seus operários.

Continuando nossa conjetura, poderemos calcular que o custo médio da tonalidade importada duplicaria de preço, atingindo cerca de Cr$ 7.000,00. Por outro lado, o preço da tonelada de exportação, sujeito às contingências já previstas para o caso do café, não seria o duplo de seu valor hodierno. Donde, por conseguinte, uma fatal perda de substância para nós.

Finalmente, nossa dívida externa, que é de pouca monta, seria simplesmente duplicada e assim também o serviço de juros e amortizações. O govêrno da União teria de arrecadar, para continuar o resgates dos compromissos, o dobro de cruzeiros hoje necessários para esse fim. Isto também não é simples conjetura.

Há ainda o não menos importante aspecto social da desvalorização da moeda nos mercados externos, conforme preconizam seus adeptos. Ela acarretará a depreciação acentuada do cruzeiro no mercado interno, subtraindo dos trabalhadores brasileiros uma parte dos salários sub-répticiamente, até que seus efeitos se tornem evidentes. Tal ato, quando sentido na sua dura realidade, poderá provocar graves reações.

Deus permita, porém, que isso tudo não passe de simples conjeturas...

Deixo ao leitor inteligente concluir a respeito da propalada necessidade de modificar a taxa de câmbio do Brasil. É a primeira vez, na nossa história econômica, que se realiza um extraordinário esforço por desvalorizar a moeda. Até então, todas as preocupações e recursos eram lançados no sentido oposto, de estabilizar e de revalorizar a moeda. Em algumas nações, como a França, ainda há quem se dedique sèriamente em restabelecer o valor interno da moeda, caminho árduo e incômodo.

Há seis anos que a economia brasileira vem sofrendo essa ameaça, em ondas ofensivas bem articuladas. No momento presente, como se evidencia das notícias, há um grande esfôrço coordenado no sentido de levar o Govêrno da União a tornar efetiva essa desastrosa medida. A Grã Bretanha já passou por ela, arrastando outras nações por essa vereda, e o resultado está aí para que todos apreciem: — o extraordinário povo britânico, depois de sofrer os horrores da guerra, destruiu a sua classe média, hoje empobrecida e passando verdadeiras privações. Depois desse ilusório alívio tóxico, a balança comercial da Grã Bretanha está novamente faminta de moedas fortes, a ponto de reexportar café brasileiro para obtê-las...

Enquanto o Brasil não enveredar corajosamente pelo áspero caminho da produção eficiente, utilizando-se das mais modernas técnicas e trabalhando de fato as oito horas legais — não sairemos da situação de povo pobre, incapaz de concorrer com os demais nos mercados internacionais. A manipulação cambial é um recurso passageiro, espécie de passamoleque ou de prestidigitação, que poderá aliviar momentaneamente o presente pelo sacrifício do futuro.

Aumentos de salários sem uma contrapartida de produção; aumentos de vencimentos do funcionalismo, sem contrapartida de serviços públicos; aumentos de impostos, sem um retorno de obras públicas correspondentes — são meios muito eficazes de desvalorizar a moeda. Mas, nenhum deles é tão rápido e decisivo como a depreciação cambial preconizada como necessária e urgente, como medidas de salvação pública, há seis anos, por eminentes figuras de nossos meios econômicos e financeiros.

Que o Brasil continue, por suas autoridades responsáveis, a resistir ao impacto dessas poderosas forças, são os meus ardentes votos. Não será essa resistência uma coisa fácil, nem agradável; pelo contrário, ela requer um heroismo e um desprendimento nem sempre encontradiços. Mas ela é a salvação da economia brasileira a despeito de todos os desmandos ocorridos até agora.

(Do "Correio Paulistano" de 30-9-52)

DISPARIDADE NO VALOR DO CRUZEIRO

José Maria Whitaker

1.º — Questões mal propostas são questões mal resolvidas.

Desvalorização do cruzeiro, por exemplo, é enunciado errôneo, ou talvez capcioso, de uma tese de finalidade inversa. Apresenta como possibilidade, o que já é uma realidade; como evitável o que já aconteceu.

Desvalorizado está o cruzeiro, demasiadamente o sentimos nas aflições de uma carestia que nada consegue deter. Desvalorizado em todas as partes e para todos os fins; com exceção, sòmente, de um único lugar, o Banco do Brasil; e para um único efeito, a conversão em moeda estrangeira.

Seria absurdo que se o quisesse desvalorizar ainda mais; mas é natural e irreprimível que se perquiram as razões e os efeitos daquela situação contraditória e que se procure saber se, não tendo fôrças para impedir que o cruzeiro seja fraco e deliquescente, aqui dentro, devemos, ainda assim, torná-lo forte e estável, lá fora.

Valorização externa, desvalorização interna, eis os fatos que cumpre analisar. Dualidade ou paridade do valor do cruzeiro, eis a questão que cumpre resolver.

2.º — Todos sabem que não temos cambio livre. As moedas estrangeiras que recebemos pela exportação e aquelas de que precisamos para pagar a importação trocam-se em moeda nacional pela tabela oficial. Esta tabela foi fixada pelo Banco do Brasil em 1939, e correspondia à realidade do mercado, cujo regime era, naquela época, o de livre concorrência.

3.º — Tinha o cruzeiro, então, um só valor, tanto interna, como externamente. Sobreveio, porém, a inflação. A circulação do papel moeda, que era de cinco milhões de contos, passou a trinta e seis; e este acréscimo tremendo, sem correspondente aumento de produção, reduziu cêrca de setenta por cento no valor do cruzeiro.

A desvalorização era fatal. Fatal e incoercivel. Apesar das tabelações e expedientes correlatos, os preços das utilidades subiram e, infelizmente continuam a subir. Desta situação, porém, não tomou conhecimento o Banco do Brasil, que continuou a manter, para as moedas estrangeiras, os mesmos preços que fixara quando o cruzeiro tinha valor de aquisição consideràvelmente maior.

4.º — Passou, assim, o cruzeiro a ter dois valores, um, para as transações comuns, outro, para conversão em moeda estrangeira; um, interno, para solução de obrigações, compra ou locação de utilidades e serviços, outro, externo, para venda do que exportamos, ou compra do que importamos.

O primeiro, geral e espontâneo, resultante do livre jogo das leis econômicas; o segundo, restrito e forçado, constante de taxas oficiais, mantidas e observadas por ação exclusiva do Banco do Brasil.

5.º — Gradativamente foi se alargando a diferença entre os dois valores, de modo que, atualmente, o dólar vale dezoito cruzeiros, no Banco do Brasil e trinta e quatro no mercado livre. Uma diferença de dezesseis cruzeiros em números redondos, para simplificar a exposição.

6.º — Comprando com esta diferença, a menos, o dólar da exportação e vendendo com essa diferença a menos, o dólar da importação (desprezadas as margens habituais do negócio), o Banco do Brasil, é claro, não sofre prejuízo algum. Vende barato, porque compra barato; vende barato ao importador, porque compra barato ao exportador; beneficia portanto, aquele com o que tira deste. As mercadorias nacionais têm, pois, virtualmente, quando saem, o custo acrescido desta diferença; as estrangeiras, ao contrário, quando entram, tem reduzido o custo em proporção igual, mais ou menos, 50 por cento do respectivo valor.

É com esta diferença, sempre voltada contra nós, que temos de enfrentar a concorrência dos similares, tanto dentro como fora do país. Cincoenta por cento que não recebemos daquilo que é nosso, cincoenta por cento que damos de bonificação àquilo que não é nosso.

7.º — Não é pois de estranhar que, para fora, pràticamente só possamos vender café — enquanto os preços atuais se mantiverem e a desvalorização interna do cruzeiro não aumentar; e que, aqui dentro, só possamos vender o que produzimos impedindo a entrada de similares pela barreira não muito prestigiosa da licença previa.

8.º — Neste regime de autofagia, inconscientemente consumimos cada vez mais nossa própria substância. Quase totalmente foi aniquilada a sericicultura, que já era, pelo menos em São Paulo, uma realidade deslumbrante; o algodão, o milho, o arroz, os tecidos, não podem ser exportados senão pelo expediente ruinoso e contraditório das compensações; a importação de similares (carne, manteiga, ovos) nas taxas do câmbio oficial, expele os produtores nacionais do próprio mercado interno, deprimindo-os, além disso, com os insucessos de sua inútil operosidade.

9.º — Diversas razões explicam porque não se põe termo a esta quase incompreensível situação.

Em primeiro lugar, a rotina. Conservar é sempre mais fácil que melhorar. Para corrigir as taxas cambiais e readapta-las à situação ulterior, seria preciso um grande esforço de compreensão, de decisão, de firmeza; e esse esforço, aliás, nunca foi pedido (foi até ferozmente combatido!) pelas classes interessadas, adormecidas na euforia inicial de toda inflação. O que paga a pretensão de moeda forte é, em máxima parte, o café; e, com café de conto de reis, o fazendeiro nem mesmo se apercebe que lhe tiram seiscentos cruzeiros por saca, com o pretexto falacioso de baratear, na totalidade uma importação que só em mínima parte diretamente lhe interessa.

Além disso, dois argumentos impressionavam, sempre que se alvitrava o reajuste, um evocando nosso patriotismo, atemorizando, o outro, nossos interesses econômicos. Ambos, contudo, assentando em ilusão, ou resultando de equívoco.

10.º — A ilusão é que temos uma moeda forte; e é por isso que teimam em chamar "desvalorização" o que seria, apenas, o fim da sua artificial valorização.

Valorizado, sòmente está para uso externo; e não por virtude própria, por crédito de que goze, por confiança que inspirem nossas riquezas, ou nossos homens, mas, apenas, por sacrifício nosso, por suprimento

que lhe damos e muito pesadamente suportamos. Quando suspendermos esse auxílio, voltará a ter, fora, o valor que tem aqui dentro, e que é o único verdadeiro. Compraremos mais caro (em moeda nacional) o que é alheio, mas venderemos mais caro (em moeda nacional) o que é nosso. Nem perderemos, nem ganharemos. O cruzeiro não ficará mais desvalorizado do que está. Deixará, apenas, de ter duas caras, uma verdadeira (a carrancuda!) para nós; outra, fingida (a risonha)... "para inglês ver".

11 — O equívoco é de que aumentará o custo de vida quando se unificar o valor do cruzeiro; na realidade as mercadorias importadas não nos são vendidas com qualquer abatimento. A redução de seu preço, não n'a obtemos na importância da fatura, mas no custo das moedas com que pagamos. Quem no-las torna baratas, não é o exportador, é o Branco do Brasil — e, naturalmente, à nossa própria custa.

Cessado esse artifício ingenuo, subirão em cruzeiros, os preços das raras mercadorias que já não tiveram subido pelos encargos e abusos inerentes ao regime de licença previa; mas perda nominal será compensada, como já vimos, pelo lucro da bonificação que pouparmos. Se não recebermos, de um lado, também não pagaremos de outro. Perderá o consumidor, mas ganhará o produtor. Para o país não haverá diferença alguma; ou antes, haverá uma — ficará conosco o que agora damos de graças aos estrangeiros.

12 — Outro fantasma frequentemente agitado é a baixa de preços de café, em virtude de conversão do dólar em maior quantidade de cruzeiros.

Embora o café se venda em dólar, e não em cruzeiros, é possível que, no primeiro momento, liquidações precipitadas determinem, na Bolsa, baixa nas cotações de operações a termo. O café, porém, não subiu e não se mantém aos preços atuais, em virtude de maquinações cambiais, mas por fatores naturais, por aumento de consumo e diminuição de produção. A posição estatística é que regula normalmente o mercado; o natural, portanto, é que sem demora volte a prevalecer, qualquer que seja a perturbação inicial do reajuste.

E depois, supondo, mesmo, o pior, que mal haveria em perder o que não se aproveita, aquilo que para outrem, exclusivamente, se distinou? Cem, com encargo de dar vinte, serão mais que oitenta, recebidos sem encargo algum?

13 — O caso é, portanto bem simples.

Com grande sacrifício mantemos, para o cruzeiro, nas relações, externas, um valor que, nas internas, não tem, nem nós lhe podemos dar. Disso não auferimos vantagem alguma; mas com isso agravamos o custo de nossa própria produção com um imposto virtual que a põe fora de combate em qualquer competição, quer dentro, quer fora do país. É urgente, pois, corrigir esta situação.

Como, porém, faze-lo?

O ideal seria, certamente, elevar internamente, o valor do cruzeiro, mas, para isso, seria necessário aumentar a produção, e jamais o conseguiremos na proporção adequada, enquanto persistirem os impecilhos

que nós mesmos lhe opomos, um dos quais é precisamente a disparidade cambial.

Não nos resta, pois outro recurso senão o de admitir as coisas como são, sem pretender que não são. Não façamos para fora a valorização que não podemos fazer aqui dentro. Reajustamos o câmbio, seguindo o natural e abandonando o artificial.

Uma alteração brusca das taxas oficiais poderia, entretanto, ser ruinosa, sobretudo para os que de boa fé assumiram responsabilidade fundadas no regime cambial existente. Assim, a correção tem que ser gradual e deverá ser determinada pela Carteira Cambial, sòmente depois de ouvidas as classes mais diretamente interessadas — Lavoura, Indústria e Comércio.

Esperamos, todavia, que não se recorra como solução intermediária, à pluralidade cambial. Seria sobrecarregar sòmente o café, para beneficiar outros produtos, os tais que se desdenham com a denominação de "gravosos" e que, em máxima parte, apenas o são pelo erro cambial que nos obstinamos a perpertrar.

O que é certo é que não há tempo a perder. A brecha entre os dois valores do cruzeiro está se alargando. Já enguliu "os gravosos"; engulirá, também, o café?

(Do Diário de S. Paulo, de 7-10-52)

CÂMBIO LIVRE — REMÉDIO AOS MALES DA ECONOMIA BRASILEIRA

H. A. SPITZMAN JORDAN

O problema cambial constitui o próprio âmago da situação atual precária da economia brasileira.

Não pode portanto causar espécie a importância máxima, atribuida pela opinião, economicamente esclarecida, ao projeto governamental de lei n. 1041 de 7 de agôsto de 1951 "sôbre operação de câmbio", ultimamente aprovada quase por unanimidade pela Comissão de Economia da Câmara dos Deputados.

O projeto do Govêrno é um bom projeto. A sua adoção, de certo, muito poderá contribuir para uma solução ampla e vantajosa da questão crucial de investimentos internacionais aos quais aquele projeto legislativo reserva, de preferência, o setor de câmbio livre. Parece pois merecer o mais atento e cuidadoso exame a projetada instituição de câmbio livre no mercado de capitais, que sem dúvida suprimirá uma das principais barreiras ao influxo benéfico, em escala desejável, do capital investidor estrangeiro.

Com efeito, as taxas de câmbio livre, mais aproximadas do poder aquisitivo real do Cruzeiro, estimularão a importação dos capitais em moeda forte, sujeitos, no momento de sua transferência para o Brasil, à perda de quase metade de seu valor, desestimulando, ao mesmo tempo, a sua reexportação aos respectivos países de proveniencia.

Entretanto, nada se opõe, a nosso ver, á extensão dessa interessante inovação ao mercado de bens, ao intercâmbio comercial internacional. Acreditamos, mesmo, que tal ampliação substancial do campo de aplicação do câmbio livre é uma providência que se impõe, na situação dificil que a nossa economia produtora atravessa no momento.

Senão vejamos:

A economia do Brasil depende, tanto de lado da importação como de lado da exportação, do coméricio com o exterior.

Como é notório, com exceção do café, e alguns outros produtos a colocação no mercado mundial dos principais produtos exportáveis brasileiros, da lavoura: sobretudo algodão, cacáu, madeira, artigos tipicamente "gravosos", e da indústria, de modo particular o têxtil encontra dificuldades consideráveis, evidenciadas pelo decréscimo forte da exportação no último ano. No primeiro semestre de 1952 as exportações cairam, em comparação com o mesmo período de 1951 de 15,3 para 12,9 bilhões de cruzeiros, enquanto as importações subiram de 15,9 para 22,5 biliões de cruzeiros, com consequente déficit de 9,6 biliões de cruzeiros; sem exportação de café, esse quadro comparativo demonstraria uma quéda ainda muito mais acentuada da nossa exportação.

Em outras palavras, a exportação não é mais capaz de desempenhar satisfatoriamente a sua tarefa precípua de conseguir divisas necessárias para custear as despesas com a aquisição no estrangeiro dos bens essenciais e indispensáveis, bens de produção e de consumo.

Como é que se explica êsse malogro impressionante de escoamento nas praças estrangeiras dos produtos brasileiros?

É preciso refutar uma interpretação desse fenômeno bastante difundida entre nós que, todavia, examinada de perto, se revela carecedora de fundamentos objetivos suficientes: consoante essa opinião, o fator principal responsavel por esse mal seria o elevado custo de produção no Brasil, supostamente superior ao custo de produção no estrangeiro, é que resultaria de altos impostos e taxas, bem como do excessivo custo da mão de obra. Ninguém, porém, conseguiu provar até hoje com exatidão necessária a procedência desse ponto de vista. Não há como negar que o sistema tributário brasileiro impõe á economia nacional; de um modo geral, encargos muito inferiores aos existentes alhures; ás mesmas conclusões lisongeiras levam as pesquisas comparativas do custo da mão de obra.

É mesmo fácil comprovar uma tese diametralmente oposta demonstrando-se o custo barato da produção, primária e secundária. O óbice com que se depara a nossa exportação é porem de ordem diferente, de natureza não economica, mas, sim, cambial. Os preços dos produtos brasileiros são, na realidade, inferiores aos dos demais países e apenas são mais elevados aparentemente, por causa do mecanismo do mercado oficial de câmbio; uma vez convertidos em moeda estrangeira pela taxa legal vigente, eles atingem limites que tornam impossível a colocação dos nossos produtos nos mercados estrangeiros.

Com efeito, o que dificulta, e até ùltimamente impossibilita a entrada de varios e importantes produtos brasileiros nas praças estrangeiras é a existência da intransponível barreira da alta taxa oficial do Cruzeiro que faz como que não possamos competir com os demais países por causa das elevadas senão proibitivas, cotações em valor ouro dos principais artigos exportaveis brasileiros.

Por razão evidentes, não se pode cogitar da desvalorização da moeda nacional, que acarretaria vários prejuizos e inconvenientes mesmo se tal providência fôsse viável em face dos compromissos internacionais monetários assumidos pelo Brasil no periodo de após-guerra. A desvalorização do Cruzeiro provocaria uma desconfiança natural dos investidores estrangeiros, receosos que tal providência poderia se repetir, futuramente, mais uma vez. Tal providência não podería, ademais, deixar de repercutir sôbre o aumento de todos os preços no mercado nacional cuja alta generalizada agravaria ainda muito mais o consumo popular.

Ora, felizmente, mecanismo engenhoso de câmbio livre proporciona-nos possibilidades interessantes de contornar as difículdades acima expostas. Caso seja autorizada a venda, no mercado livre de câmbio, das mercadorias brasileiras exportadas, mercado em que o dólar poderá ser convertido numa importância em cruzeiros quase igual ao dobro da taxa média vigente no mercado oficial, isto habilitaria o produtor e exportador nacional a oferecer seus artigos aos compradores estrangeiros por preços correspondentes, aproximadamente, à metade de suas cotações atuais. Assim, os produtos brasileiros readquiriam, de uma vez só, as suas "qualidades competidoras", de modo a lhes possibilitar a manutenção da conquista dos mercados europeus e americanos. Exem-

plificando a sugestão prescedente, basta apontar as possibilidades que ofereceria tal alteração da política cambial, revolucionária mas, ao mesmo tempo, construtiva e simplificada ao extremo, aos produtores de algodão. A situação difícil deles levou o govêrno a recorrer às medidas drásticas de financiamento improdutivo, com inevitáveis repercussões inflacionárias, constituição de estok que acarretam elevadas despesas de armazenamento e cuja líquidação oferece dificuldades crescentes, constituindo um capital morto. Tais e outras providências economicamente contraproducentes não resolvem o problema, pois o Banco do Brasil não poderá se comprometer a adquirir permanentemente toda a produção não exportada de algodão ou de demais "produtos gravosos".

Qual seria a posição do plantador algodoeiro se as operações de exportação de seu produto pudessem ser efetuados no mercado do câmbio livrê?

Admitiamos que uma determinada unidade de algodão, vale no mercado mundial 20 dólares ou sejam, em cruzeiros, à taxa oficial, Cr$ 367,50.

O exportador patrício não pode vender o algodão, porque esse preço fica p. ex. mais de 30% abaixo do valor interno da mesma unidade, ou seja p. ex. aproximadamente Cr$ 400,00, em Cruzeiros, no mercado nacional. Ora, se pudesse se valer das faculdades do câmbio livre, recebendo em cruzeiros por 1 dólar o equivalente, não de Cr$ 18,38, mas sim de Cr$ 36,00, ele poderia colocar, com facilidade, seu produto no mercado inglês, francês, alemão, ou qualquer outro, sustentando a concorrência do algodão de proveniência do Egito, do Paquistão ou dos Estados Unidos.

Com o escoamento assim normalizado dos nossos produtos, atualmente, em grande parte, paralizado, não enfrentaremos mais o doloroso problema de elevados atrasados comerciais nas relações com os principais países estrangeiros. A vida econômica do Brasil reassumirá seu ritmo normal de progresso.

Em oposição á importação dos artigos não essenciais ou de consumo luxuoso para qual deveriam ser procuradas coberturas cambiais no mercado nacional. Ora, se podesse se valer das faculpreços das mercadorias importadas indispensáveis. Por conseguinte, tudo deverá ser feito para encontrar as formas mais oportunas de aproveitamento de uma parcela razoavel de câmbio, conseguindo pelos exportadores de produtos "gravosos" em pról da aquisição no estrangeiro dos bens reprodutivos (maquinária, tratores, petroleo etc. e de consumo popular essencial (trigo etc.). Para o mesmo objetivo contribuirá, por sua vez a exportação pelo câmbio oficial, do café e dos demais produtos cujos preços se ajustaram já aos preços mundiais.

Só mediante providências prudentes e cautelosas da política de câmbio livre, é que conseguimos levar a cabo o descongestionamento dos produtos retidos no Brasil, com evidentes vantagens para a nossa balança de pagamento. Deste modo conseguímos evitar os dois principais perigos que se delineiam no horizonte econômico do Brasil: a desvalorização e a inflação, com suas repercussões negativas, inclusive sôbre a importação do capital estrangeiro.

O câmbio livre, sob a sua forma mais ampla e generalizada aqui

sugerida constituirá, sem dúvida alguma, um atrativo poderoso aos investimentos estrangeiros.

Não existem nêsse setor axiomas de valor absoluto. Não ignoramos várias restrições, levantadas contra a instituição do câmbio livre e, de modo particular, contra a sua aplicação ás operações comerciais. Entretanto, esses argumentos, sobretudo os dirigidos contra as taxas diferenciais de câmbio e a sua suposta contribuição para desvalorização total futura da moeda nacional, não nos parecem convenientes. As experiências de outros países como p. ex. do Peru, com a criação do mercado de câmbio livre, confirmam, em sua íntegra, as expectativas mais lisongeiras quanto aos resultados da providência por nós preconizada.

Se existe uma panacéia contra os principais males da economia brasileira, ela não pode ser procurada fora da criação oficial do mercado cambial livre, mercado aplicado não sòmente ao intercâmbio internacional de capitais como também de mercadorias.

(Do O Jornal" de 5-10-52)

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVIII | São Paulo, 13 de Outubro de 1952 | N.º 321

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1952/1953

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO Á SANTOS

Estrada de Ferro	julho/agô.	1.ª dezena setembro	2.ª dezena setembro	3.ª dezena setembro	Total
Santos a Jundiaí	33 024	3 608	4 333	3 430	44 395
Sorocabana	557 544	107 484	101 657	97 732	864 417
Paulista	1 756 687	210 739	149 817	104 576	2 221 819
Mogiana	185 282	52 721	48 160	36 477	322 640
Araraquara	974 608	130 979	93 817	51 494	1 250 898
N. do Brasil	898 172	99 600	92 532	65 042	1 155 346
C. do Brasil	—	—	—	—	—
E. Rodagem	458	—	100	—	558
Total	**4 405 775**	**605 131**	**490 416**	**358 751**	**5 860 073**

Nota: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviario	Rodoviário	
julho/agôsto	59 551	116 821	500	17 627	194 499
1.ª dez. set.	8 035	29 998	—	3 060	41 093
2.ª dez set.	12 115	27 310	710	290	40 425
3.ª dez. set.	6 794	16 228	—	652	23 674
Total	**86 495**	**190 357**	**1 210**	**21 629**	**299 691**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	julho/agô.	1.ª dezena setembro	2.ª dezena setembro	3.ª dezena setembro	Total
Paraná	130 104	33 599	* 12 345	* 12 990	189 038
Minas Gerais	29 373	15 007	11 227	* 7 855	63 462
Goiás	26 087	917	2 872	* 545	30 421
Mato Grosso	400	—	—	—	400
Esp. Santo	400	—	—	—	400
Total	**186 364**	**49 523**	**26 444**	**21 390**	**283 721**

(*) Incompletos

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1952/53 — (ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 1952)

Paulista	Depachado	Liberado	Destino Alterado	A liberar
1.ª dez. Julho	621 719	621 219	—	500
2.ª " "	508 029	505 063	—	2 966
3.ª " "	943 105	691 075	—	252 030
1.ª " Agôsto	674 782	—	330	674 452
2.ª " "	799 571	—	—	799 571
3.ª " "	852 006	—	—	852 006
1.ª " Setembro	604 789	—	—	604 789
2.ª " "	489 665	—	—	489 665
3.ª " "	357 874	—	—	357 874
Total	**5 851 540**	**1 817 357**	**330**	**4 033 853**
Despolpado	7 975	6 577	—	1 398
Rodoviário	558	—	—	558
Total Geral	**5 860 073**	**1 823 934**	**330**	**4 035 809**
(Outros Estados) até 30 de set.º)				
Paranaense	189 038	57 206	—	131 832
Mineiro	63 462	5 688	—	57 774
Goiano	30 421	7 110	—	23 311
Matogrossense	400	—	—	400
Espiritossantense	400	—	—	400
Total	**283 721**	**70.004**	**—**	**213 717**

DESTINO ALTERADO p/ "Interior e Capital" .... 330 scs.
Os dados desta publicação retificam as anteriores.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1951/52 — (ATÉ 31 DE SETEMBRO DE 1952)

Paulista	Despachado	Destino Alterado	Total	Liberado	A liberar
Comum	5 490 393	30 478	5 459 915	5 458 915	* 1 000
Despolpado	14 397	—	14 397	14 397	—
Rodoviário	402	402	—	—	—
Total	**5 505 192**	**30 880**	**5 474 312**	**5 473 312**	**1 000**
Outros Estados até 3.º dez. maio)					
Paranaense	147 624	710	146 914	146 914	—
Mineiro	109 003	872	108 131	108 031	** 100
Goiano	21 298	333	20 965	20 465	500
Goiano Rod.	1 500	—	1 500	1 500	—
Matograssense	5 382	—	5 382	5 382	—
Total	**284 807**	**1 915**	**282 892**	**282 292**	**600**

OBS.: Destino Alterado p/ "Rio de Janeiro" 1 646
Destino Alterado p/ "Interior e Cap" 28 832 30 478

* Apreendidas
** Anulado
SAFRA 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1.080 scs.)
*** Excluidas 5 sacas, após verificações de lapsos nas relações a que se refere o art.º 7.º do Regulamento de Embarque.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

AGÔSTO DE 1952

DESTINO	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR cruzeiros
ÁFRICA:		
ARGÉLIA: via Marselha	125	161 296
EGITO: Alexandria	583	636 783
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	1 749	1 843 209
UNIÃO SUL AFRICANA:	4 618	5 374 605
Cape Town	475	531 067
Durban	2 933	3 438 484
Johanesburgo	50	61 445
Mossel Bay	560	659 442
Port Elizabeth	600	684 467
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	19 325	23 647 475
Montreal	8 925	11 022 033
Toronto	2 000	2 464 792
Vancouver	7 600	9 185 165
Winnipeg	800	975 485
ESTADOS UNIDOS:	968 709	1 179 978 816
Baltimore	41 375	50 902 195
Boston	36 042	44 036 042
Charleston	3 851	4 233 847
Filadélfia	12 976	16 093 426
Houston	71 897	87 495 662
Jacksonville	30 250	37 229 731
Los Ângeles	27 241	32 948 261
New Orleans	225 817	274 077 152
New York	444 400	540 526 351
Norfolk	10 020	12 246 738
Portland	4 925	6 060 813
San Francisco	55 025	68 085 252
Seatle	2 725	3 409 446
Tacoma	2 165	2 633 900
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	37 436	45 845 382
Buenos Aires	36 612	44 936 742
Rosário	824	908 640
CHILE:	13 580	14 453 015
Antofagasta	200	212 805
Punta Arenas	1 623	1 710 425
Talcahuano	2 716	2 836 860
Valparaiso	9 041	9 692 925
URUGUAI: Montevidéu	5 237	5 856 730

DESTINO	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR cruzeiros
ÁSIA:		
FILIPINAS: Manila	150	180 142
JAPÃO:	1 476	1 908 913
Kobe	384	496 982
Yokohama	932	1 207 436
Nagoya	160	204 495
TRANSJORDÂNIA: Aman	250	280 834
LIBANO: Beirute	1 000	1 123 333
TURQUIA:	13 558	15 207 664
Mersina	832	936 513
Smyrna	4 351	4 862 094
Istambul	8 375	9 409 057
EUROPA:		
ALEMANHA:	70 714	92 041 984
Bremen	5 972	8 069 134
Frankfort	10 000	12 858 648
Hamburgo	54 742	71 114 202
ÁUSTRIA:	2 082	2 511 371
via Amsterdam	459	532 055
via Hamburgo	1 416	1 732 598
via Trieste	207	246 718
BELGO LUXEMBURGUESA, U.E.		
Via Antuerpia	32 173	39 161 164
DINAMARCA: Copenhague	76 826	94 998 953
FRANÇA:	62 442	74 554 737
Bordeos	950	1 139 622
Dunquerque	7 730	8 799 885
Havre	38 699	46 025 246
Marselha	14 313	17 619 946
Strasburgo	750	970 038
GIBRALTAR	500	631 650
GRÃ BRETANHA:	4 630	5 792 310
Liverpool	130	144 529
Londres	4 500	5 647 781
GRÉCIA: Pireus	7 885	8 746 980
HOLANDA:	7 885	8 746 980
Amsterdam	12 683	15 921 404
Rotterdam	19 443	24 803 540
ISLÂNDIA: Reykijavik	760	867 275
ITÁLIA:	29 952	37 198 667
Ancona	683	763 639
Barí	334	434 828
Gênova	10 836	13 835 428
Livorno	1 416	1 744 960
Monfalcone	125	161 285
Nápoles	13 935	17 128 239
Palermo	150	154 171
Porto Torres	673	742 021
Spézia	750	955 121
Veneza	1 050	1 278 975

DESTINO	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR cruzeiros
NORUEGA:	22 000	26 865 489
Bergen	2 000	2 447 760
Oslo	17 000	20 738 416
Stavanger	1 000	1 235 520
Trondhgem	2 000	2 443 793
PORTUGAL: Funchal	160	190 711
SUÉCIA:	44 338	56 949 949
Estocolmo	21 295	27 313 476
Gotemburgo	14 467	18 638 225
Helsingborg	5 851	7 489 190
Malmo	2 725	3 509 058
SUIÇA:	294	362 323
via Antuerpia	44	48 232
via Rotterdam	250	314 091
TCHECOSLOVÁQUIA: Via Hamburgo	8 500	10 311 180
TRIESTE:	4 939	5 855 284
TOTAL GERAL	**1 468 117**	**1 794 263 170**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II — Detalhe pelos portos de procedência

JANEIRO a AGÔSTO DE 1952

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR cruzeiros
AFRICA:			
Argélia	Santos	125	161 296
Canárias	Rio de Janeiro	5 442	5 400 620
	Vitória	7 666	7 790 366
	Total	13 108	13 190 986
Egito	Santos	450	569 208
	Rio de Janeiro	17 695	19 043 767
	Vitória	2 583	2 730 032
	Total	20 728	22 343 002
Líbia	Rio de Janeiro	2 603	3 053 316
Marrocos Espanhol	Rio de Janeiro	1 666	1 705 990
	Vitória	9 750	9 732 657
	Total	11 416	11 438 647
Marrocos Francês	Rio de Janeiro	1 875	1 950 888
	Vitória	17 849	18 621 350
	Total	19 724	20 572 238
Rodésia do Sul	Santos	50	62 939
Sudão Anglo Egípcio	Rio de Janeiro	2 166	2 193 985
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	425	472 137
Tanger	Rio de Janeiro	100	112 371
	Vitória	2 500	2 839 253
	Total	2 600	2 951 624
União Sul Africana	Santos	4 137	5 167 699
	Rio de Janeiro	29 707	32 372 685
	Total	33 844	37 540 384
AMÉRICA CENTRAL:			
Panamá	Santos	500	616 923
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	Santos	118 983	146 782 212
	Rio de Janeiro	5 225	6 326 977
	Angra dos Reis	750	897 814
	Paranaguá	38 246	46 093 525
	Total	163 204	200 100 528

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR cruzeiros
Estados Unidos	Santos	3 507 185	4 320 621 561
	Rio de Janeiro	781 990	917 157 943
	Vitória	77 826	74 917 868
	Angra dos Reis	100 293	123 294 738
	Paranaguá	1 489 253	1 794 766 065
	Recife	500	597 442
	Total	5 957 047	7 231 355 617
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	51 562	66 123 972
	Rio de Janeiro	165 673	189 842 711
	Vitória	36 604	38 064 509
	Paranaguá	4 822	6 306 198
	Total	258 661	300 337 390
Chile	Santos	700	897 349
	Rio de Janeiro	9 630	11 177 312
	Vitória	40 932	41 715 305
	Total	51 262	53 789 966
Paraguai	Rio de Janeiro	1 500	1 907 841
Uruguai	Santos	175	221 824
	Rio de Janeiro	19 699	21 846 842
	Vitória	3 150	3 315 308
	Total	23 024	25 383 974
Aden	Rio de Janeiro	170	180 340
Chipre	Santos	175	225 476
	Rio de Janeiro	21 140	22 918 202
	Vitória	250	250 887
	Total	21 565	23 394 565
Filipinas	Santos	543	678 653
	Paranaguá	300	360 284
	Total	843	1 038 937
Iraque	Rio de Janeiro	52 209	55 771 403
Israel	Rio de Janeiro	169	190 229
Japão	Santos	12 547	16 055 379
	Rio de Janeiro	215	282 306
	Paranaguá	74	89 294
	Total	12 836	16 426 979
Líbano	Rio de Janeiro	3 990	4 136 443
Síria	Rio de Janeiro	415	417 893
Transjordânea	Rio de Janeiro	8 945	9 404 516
Turquia	Rio de Janeiro	66 391	72 568 875

PAISES DE DESTINO	Portos de procedência	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR cruzeiros
EUROPA:			
Alemanha	Santos	319 608	421 765 384
	Rio de Janeiro	47 447	60 675 626
	Angra dos Reis	4 403	5 546 000
	Paranaguá	13 712	17 364 742
	Bahia	302	373 354
	Total	385 472	505 725 106
Áustria	Santos	1 288	1 698 438
	Rio de Janeiro	6 622	7 678 641
	Total	7 910	9 377 079
Belgo Luz. U. E.	Santos	101 550	130 339 127
	Rio de Janeiro	84 754	95 398 803
	Vitória	28 098	29 078 148
	Paranagua	24 777	30 594 374
	Total	239 179	285 410 452
Dinamarca	Santos	204 309	251 606 389
	Rio de Janeiro	48 579	55 863 948
	Total	252 888	307 470 337
Finlândia	Santos	85 803	109 984 024
	Rio de Janeiro	184 472	200 811 471
	Total	270 275	310 795 495
França	Santos	149 228	191 486 574
	Rio de Janeiro	205 652	232 244 122
	Vitória	22 522	22 214 715
	Paranaguá	32 398	39 767 158
	Bahia	1 869	2 306 223
	Recife	17 290	21 383 102
	Total	428 959	509 401 894
Gibraltar	Santos	500	631 650
	Rio de Janeiro	4 931	5 158 021
	Vitória	6 833	7 056 488
	Total	12 264	12 846 159
Grã Bretanha	Santos	20 000	24 844 143
	Rio de Janeiro	52 790	57 787 104
	Paranaguá	117 162	141 985 259
	Bahia	250	290 257
	Total	190 202	224 906 763
Grécia	Rio de Janeiro	24 940	28 289 170
Holanda	Santos	149 634	191 158 017
	Rio de Janeiro	27 800	31 151 491
	Vitória	5 250	5 333 712
	Angra dos Reis	2 000	2 485 656
	Paranaguá	43 949	54 924 552
	Bahia	500	605 640
	Total	229 133	285 659 068

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	QUANTIDADE sacas de 60 quilos	VALOR cruzeiros
Irlanda	Santos	250	324 053
	Paranaguá	120	148 180
	Total	370	472 233
Islândia	Rio de Janeiro	11 550	12 933 911
Itália	Santos	159 097	208 662 772
	Rio de Janeiro	89 169	97 641 380
	Vitória	45 941	47 178 783
	Paranaguá	10 492	13 253 481
	Bahia	5 851	6 984 278
	Recife	5 030	6 012 205
	Total	315 580	379 732 899
Iugoslávia	Santos	3 662	4 606 745
	Rio de Janeiro	4 000	4 279 746
	Total	7 662	8 886 491
Malta	Rio de Janeiro	3 100	3 493 921
	Vitória	500	490 598
	Total	3 600	3 984 519
Noruega	Santos	91 750	113 218 148
	Rio de Janeiro	26 500	32 650 500
	Paranaguá	62 150	75 820 790
	Total	180 400	221 689 438
Polônia	Rio de Janeiro	1 646	1 974 968
Portugal	Rio de Janeiro	160	190 711
Suécia	Santos	478 494	611 946 434
	Rio de Janeiro	52 452	60 287 787
	Angra dos Reis	9 825	12 425 171
	Paranaguá	31 501	39 153 841
	Bahia	1 023	1 296 288
	Total	573 295	725 109 521
Suiça	Santos	1 525	1 989 128
	Rio de Janeiro	27 480	30 961 314
	Vitória	5 000	5 026 174
	Total	34 005	37 976 616
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	22 100	26 088 940
Trieste	Santos	12 741	16 191 529
	Rio de Janeiro	3 832	4 182 334
	Vitória	3 768	4 003 449
	Paranaguá	903	1 128 737
	Bahia	100	121 043
	Recife	418	523 952
	Total	21 762	26 151 080
Vaticano	Santos	3	3 000
OCEANIA:			
Austrália	Santos	499	634 042
Nova Zelândia	Santos	33	42 166
TOTAL		**9 953 407**	**12 036 755 031**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

III — Detalhe no volume em sacas de 60 quilos, pelos paises do destino, segundo a procedência

JANEIRO A AGÔSTO DE 1952

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
ÁFRICA:								
ARGÉLIA: via Marselha	125	—	—	—	—	—	—	125
CANÁRIAS:								
Las Palmas	—	2 500	5 166	—	—	—	—	7 666
Tenerife	—	2 942	2 500	—	—	—	—	5 442
EGITO: Alexandria	450	17 695	2 583	—	—	—	—	20 728
LÍBIA:								
Bengazi	—	2 000	—	—	—	—	—	2 000
Trípoli	—	603	—	—	—	—	—	603
MARROCOS ESPANHOL:								
via Tanger	—	1 666	9 750	—	—	—	—	11 416
MARROCOS FRANCÊS:								
Casablanca	—	1 875	17 849	—	—	—	—	19 724
RODÉSIA DO SUL: via Beira	50	—	—	—	—	—	—	50
SUDÃO ANGLO-EGÍPCIO:								
Port Sudan	—	2 166	—	—	—	—	—	2 166
SUDOESTE AFRICANO:								
Luderitz Bay	—	75	—	—	—	—	—	75
Walvis Bay	—	350	—	—	—	—	—	350
TANGER:	—	100	2 500	—	—	—	—	2 600
UNIÃO SUL AFRICANA:								
Cape Town	438	6 430	—	—	—	—	—	6 868
Durban	3 424	13 816	—	—	—	—	—	17 240
Johanesburgo	50	—	—	—	—	—	—	50
Mossel-Bay	—	3 761	—	—	—	—	—	3 761
Port Elizabeth	225	5 700	—	—	—	—	—	5 925

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA CENTRAL:								
PANAMÁ: Cristobal	500	—	—	—	—	—	—	500
AMÉRICA DO NORTE:								
CANADÁ:								
Halifax	2 350	250	—	—	250	—	—	2 850
Hamilton	—	—	—	—	180	—	—	180
London	500	—	—	—	—	—	—	500
Montreal	69 891	500	—	—	5 898	—	—	76 289
Saint John	881	—	—	—	—	—	—	881
Toronto	10 398	400	—	—	3 450	—	—	14 248
Vancouver	32 063	3 075	—	750	25 773	—	—	61 661
via New York	350	—	—	—	—	—	—	350
Winnipeg	2 550	1 000	—	—	2 695	—	—	6 245
ESTADOS UNIDOS:								
Báltimore	210 068	30 842	250	1 000	151 780	—	500	394 440
Boston	119 721	11 325	—	625	80 944	—	—	212 615
Charleston	6 524	13 500	—	—	4 625	—	—	24 649
Corpus Christi	2 250	—	—	1 000	2 000	—	—	5 250
Filadélfia	62 662	6 000	—	—	10 030	—	—	78 692
Houston	178 255	80 419	13 250	6 892	93 857	—	—	372 673
Jacksonville	157 130	26 250	—	—	23 120	—	—	206 500
Los Ângeles	75 064	17 932	—	3 500	90 171	—	—	186 667
New Orleans	788 091	237 397	61 900	42 545	352 100	—	—	1 482 033
New York	1 489 247	280 533	426	14 212	599 476	—	—	2 383 894
Norfolk	41 005	3 000	2 000	—	9 777	—	—	55 782
Portland	18 771	3 745	—	1 250	12 025	—	—	35 791
São Francisco	280 518	65 297	—	27 769	41 208	—	—	414 792
Seattle	77 629	5 750	—	1 500	11 725	—	—	96 604
Tacoma	250	—	—	—	6 415	—	—	6 665

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Buenos Aires	51 362	151 588	34 656	—	4 822	—	—	242 428
Rosário	200	14 085	1 948	—	—	—	—	16 233
CHILE:								
Antofagasta	—	—	555	—	—	—	—	555
Arica	—	—	40	—	—	—	—	40
Coquimbo	—	—	45	—	—	—	—	45
Corral	—	50	725	—	—	—	—	775
Iquique	—	—	60	—	—	—	—	60
Puerto Montt	—	50	210	—	—	—	—	260
Punta Arenas	—	418	2 845	—	—	—	—	3 263
Talcahuano	—	842	8 773	—	—	—	—	9 615
Valparaiso	700	8 270	27 679	—	—	—	—	36 649
PARAGUAI: Assunção	—	1 500	—	—	—	—	—	1 500
URUGUAI: Montevidéu	175	19 699	3 150	—	—	—	—	23 024
ÁSIA:								
ADEN: via Beirute	—	170	—	—	—	—	—	170
CHIPRE:								
Famagusta	175	12 252	—	—	—	—	—	12 427
Larnaca	—	2 322	250	—	—	—	—	2 572
Limasol	—	6 566	—	—	—	—	—	6 566
FILIPINAS: Manila	543	—	—	—	300	—	—	843
IRAQUE: via Beirute	—	25 209	—	—	—	—	—	52 209
ISRAEL: Gaza	—	169	—	—	—	—	—	169
JAPÃO:								
Kobe	4 172	133	—	—	—	—	—	4 305
Yokohama	7 955	82	—	—	74	—	—	8 111
Nagoya	315	—	—	—	—	—	—	315
Osaka	105	—	—	—	—	—	—	105

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
TRANSJOHRDÂNIA:								
Aman	—	4 943	—	—	—	—	—	4 943
via Beirute	—	4 002	—	—	—	—	—	4 002
LIBANO: via Beirute	—	3 990	—	—	—	—	—	3 990
SÍRIA: Lattakia	—	415	—	—	—	—	—	415
TURQUIA:								
Mersina	—	1 664	—	—	—	—	—	1 664
Smyrna	—	17 511	—	—	—	—	—	17 511
Istambul	—	47 216	—	—	—	—	—	47 216
EUROPA:								
ALEMANHA:								
Bremen	74 595	10 236	—	1 174	3 016	—	—	89 021
Frankfurt	18 673	—	—	—	—	—	—	18 673
Hamburgo	224 215	37 211	—	3 229	10 696	302	—	275 653
Heilmornn	400	—	—	—	—	—	—	400
Verdingen	1 725	—	—	—	—	—	—	1 725
ÁUSTRIA:								
via Amsterdam	334	662	—	—	—	—	—	996
via Hamburgo	587	2 164	—	—	—	—	—	2 751
via Rotterdam	211	92	—	—	—	—	—	303
via Trieste	156	3 704	—	—	—	—	—	3 860
BELGO LUX: U. E. via Antuérpia	101 550	84 754	28 098	—	24 777	—	—	239 179
DINAMARCA:								
Aalborg	—	65	—	—	—	—	—	65
Copenhague	204 309	48 514	—	—	—	—	—	252 823
FINLÂNDIA: Helsinki	85 803	184 472	—	—	—	—	—	270 275
FRANÇA:								
Bordéos	4 375	12 341	—	—	375	—	1 140	18 231
Dunquerque	1 375	34 405	3 250	—	1 500	—	—	40 530
Havre	105 163	133 503	12 147	—	27 898	535	14 025	293 271

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
Marselha	33 866	23 246	7 125	—	2 625	859	2 125	69 846
Strasburgo	4 449	2 157	—	—	—	475	—	7 081
GIBRALTAR:	500	4 931	6 833	—	—	—	—	12 264
BRÃ-BRETANHA:								
Liverpool	—	130	—	—	33 250	—	—	33 380
Londres	20 000	52 660	—	—	78 912	250	—	151 822
Manchester	—	—	—	—	5 000	—	—	5 000
GRÉCIA: Pireus	—	24 940	—	—	—	—	—	24 940
HOLANDA:								
Amsterdam	108 251	25 665	2 750	1 000	52 401	500	—	163 567
Rotterdam	41 383	2 135	2 500	1 000	18 548	—	—	65 566
IRLANDA: Dublin	250	—	—	—	120	—	—	370
ISLÂNDIA: Reykjavik	—	11 550	—	—	—	—	—	11 550
ITÁLIA								
Ancona	1 031	2 059	901	—	—	—	—	3 991
Bari	958	1 815	750	—	—	—	—	3 523
Cagliari	—	125	125	—	—	—	—	250
Catânia	1 042	1 803	600	—	—	—	—	3 445
Gênova	73 978	15 126	12 797	—	5 992	4 568	3 363	115 824
Livorno	7 686	1 112	2 449	—	250	82	—	11 579
Messina	281	1 390	943	—	—	—	—	2 614
Monfalcone	5 846	8 242	2 125	—	125	549	125	17 012
Nápoles	45 679	39 228	15 708	—	1 550	312	425	102 902
Palermo	586	4 765	937	—	—	—	24	6 312
Porto Torres	540	1 970	1 365	—	200	—	—	4 075
Riposto	100	451	274	—	—	—	—	825
Spezia	3 864	1 455	500	—	2 250	—	—	8 069
Veneza	17 506	9 628	6 467	—	125	340	1 093	35 159
IUGOSLÁVIA:								
Rijeka	—	4 000	—	—	—	—	—	4 000
via Trieste	3 662	—	—	—	—	—	—	3 662
MALTA: La Valeta	—	3 100	500	—	—	—	—	3 600

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	R. Janeiro	Vitória	A. dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
NORUEGA:								
Bergen	12 000	4 000	—	—	14 650	—	—	30 650
Oslo	64 500	19 250	—	—	36 500	—	—	120 250
Stavanger	5 500	—	—	—	—	—	—	5 500
Trondhjem	9 750	3 250	—	—	11 000	—	—	24 000
PORTUGAL: Funchal	—	160	—	—	—	—	—	160
POLÔNIA: Gdínia	—	1 646	—	—	—	—	—	1 646
SUÉCIA:								
Estocolmo	217 163	37 409	—	4 675	23 949	780	—	283 976
Gefle	250	500	—	—	—	—	—	750
Gotemburgo	159 488	9 243	—	2 775	5 564	243	—	177 313
Halsingborg	55 466	3 675	—	2 375	1 250	—	—	62 766
Malmo	46 127	1 625	—	—	488	—	—	48 240
Ostersund	—	—	—	—	250	—	—	250
SUIÇA:								
via Amsterdam	1 275	8 594	500	—	—	—	—	10 369
via Antuérpia	—	15 630	—	—	—	—	—	15 630
via Gênova	—	2 506	4 000	—	—	—	—	6 506
via Rotterdam	250	250	—	—	—	—	—	500
via Trieste	—	500	500	—	—	—	—	1 000
TCHECOSLOVÁQUIA:								
via Hamburgo	—	22 100	—	—	—	—	—	22 100
TRIESTE:	12 741	3 832	3 768	—	903	100	418	21 762
VATICANO:	3	—	—	—	—	—	—	3
OCEÂNIA:								
AUSTRÁLIA: Sydney	499	—	—	—	—	—	—	499
NOVA ZELÂNDIA:								
Wellington	33	—	—	—	—	—	—	33
TOTAL:	5 477 106	2 129 016	317 022	117 271	1 869 859	9 895	23 238	9 943 407

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

AGÔSTO DE 1952

Sacas de 60 quilos

Pôrto de embarque	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
AGÔSTO:				
Santos	830 089	103	218	830 410
Paranaguá	364 161	—	75	364 236
Rio de Janeiro	215 736	52	480	216 268
Vitória	49 541	—	21 725	71 266
Angra dos Reis	4 750	—	—	4 750
Recife	2 993	—	—	2 993
Salvador	847	—	3 601	4 448
Total	**1 468 117**	**155**	**26 099**	**1 494 371**
Janeiro	1 510 375	293	26 901	1 537 569
Fevereiro	1 405 445	171	34 044	1 439 660
Março	1 496 154	219	22 899	1 519 272
Abril	938 789	206	23 009	962 004
Maio	965 155	346	19 534	985 035
Junho	1 086 946	334	15 379	1 102 659
Julho	1 072 676	293	27 854	1.100 823
Total Jan. à Agôsto	**9 943 657**	**2 017**	**195 719**	**10 141 393**

Nota: — Cifras sujeitas a retificação.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE SETEMBRO E SAFRA 1952/53

MÊSES	ENTRADAS	EMBARQUES
1952		
Julho	94.641	175.548
Agôsto	181.972	216.216
Setembro	332.318	304.910
1.º trimestre	**608.931**	**696.674**

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA DE 1952/53

MÊS	ENTRADAS						MOVIMENTOS				
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	S. Catarina	Total	Embarque	Despacho	Café retir. do estoque	Entrada à + na verf. do estoque	Existência
Julho	632 319	6 205	616	45 903	—	685 043	706 464	709 572	5 890	266 598	1 747 763
Agôsto ..	771 189	350	3 030	22 345	—	796 914	834 265	828 283	4 796	—	1 705 616
Setembro.	882 249	5 126	4 080	28 265	—	919 720	847 586	851 565	2 714	—	1 775 036
Total ..	**2 285 757**	**11 681**	**7 726**	**96.513**	—	**2 401 677**	**2 388 315**	**2 389 420**	**13 400**	**266 598**	—

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE SETEMBRO DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS						
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Paraná	Bahia	Total
E. F. C. do Brasil	15.914	4.916	—	—	—	—	20.830
E. F. Leopoldina	—	10.036	5.570	10.763	—	—	26.369
Regulador	—	—	—	17.479	—	—	17.479
Rodoviário	3.972	175.454	22.626	55.643	9.781	164	267.640
TOTAIS:	**19 886**	**190.406**	**28.196**	**83.885**	**9.781**	**164**	**332.318**

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 2	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 963 057	600 183	86 452	6 177	592 008	68 414	18 028	3 334 319
Fevereiro	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
Março	1 748 305	613 124	66 938	4 974	599 087	29 686	10 811	3 072 925
Abril	1 819 046	700 638	52 623	5 971	489 312	27 003	10 771	3 105 364
Maio	1 690 656	704 011	56 126	8 036	269 702	20 168	11 132	2 759 831
Junho	1 508 476	487 432	38 505	6 137	105 541	250	10 981	2 157 322
Julho	1 747 763	359 006	29 866	8 323	320 100	250	11 348	2 476 656
Agôsto	1 705 616	283 226	31 388	9 043	337 571	8 695	6 313	2 381 852
Agôsto 1951	1 373 970	418 616	64 044	10 602	369 157	18 921	10 710	2 266 020
" 1950	1 850 929	626 634	72 749	24 057	408 147	555	14 173	2 997 244
" 1949	2 280 917	586 528	76 652	53 055	204 879	13 447	24 855	3 240 333
" 1948	2 150 786	610 647	57 672	74 630	155 239	12 897	38 089	3 099 960

CÂMBIO EM NOVA YOR

Valor das diversas moedas

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Mo
2	2,78 3/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
3	2,78 3/16	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	
4	2,78 1/4	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	
5	2,78 3/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
8	2,78 1/4	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	
9	2,78 1/4	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
10	2,78 3/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
11	2,78 3/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
12	2,78 3/16	1,04 1/4	0,05 46	0,07 22	
15	2,78 1/4	1,04 00	0,05 46	0,07 25	
16	2,78 5/16	1,04 00	0,05 46	0,07 25	
17	2,78 9/16	1,04 00	0,05 46	0,07 25	
18	2,78 5/16	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
19	2,78 1/4	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
22	2,78 7/16	1,04 1/4	0,05 46	0,07 25	
23	2,78 11/16	1,04 1/4	0,05 46	0,07 25	
24	2,78 9/16	1,04 1/4	0,05 46	0,07 25	
25	2,78 1/2	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
26	2,89 7/16	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	
29	2,78 9/16	1,04 1/8	0,05 46	0,07 25	
30	2,78 5/8	1,04 3/16	0,05 46	0,07 25	
Média	**2,78 23/64**	**1,04 5/32**	**0,05 46**	**0,07 25**	

K SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

. em dolar — Setembro de 1952

tevidéo peso	Paris frc. livre	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder
0,36 25	0,0028 19/32	0,23 32 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 34
0,36 00	0,0028 19/32	0,23 33	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 35
0,36 25	0,0028 19/32	0,23 32 1/2	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 33
0,36 25	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 33
0,35 50	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 32
0,35 25	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 33
0,35 12	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 33
0,35 12	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 33
0,35 00	0,0028 5/8	0,23 31 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 1/4	0,26 33
0,35 50	0,0028 5/8	0,23 32	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/4	0,26 33
0,35 12	0,0028 5/8	0,23 32 1/2	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 33
0,35 00	0,0028 5/8	0,23 33	0,19 35	0,03 5000	0,0200 00	0,26 32
0,34 37	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0200 00	0,26 32
0,34 50	0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 35	0,03 5000	0,0199 7/8	0,26 33
0,35 00	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 33
0,35 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0200 1/4	0,26 34
0,35 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 5000	0,0200 1/4	0,26 32
0,36 36	0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 7/8	0,26 33
0,36 36	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 33	0,03 49 1/2	0,0199 1/2	0,26 34
0,37 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 3/8	0,26 34
0,37 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0199 1/4	0,26 33
0,35 13	**0,0028 5/8**	**0,23 33 3/8**	**0,19 35**	**0,0349 41/64**	**0,0199 17/32**	**0,26 33**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

SETEMBRO DE 1952

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Tipo 4 mole	Tipo 4 duro	5 sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	198 50	196 50	193 50	177 50	159 50
2	198 50	196 50	193 50	177 50	159 00
3	198 50	196 50	193 50	177 00	158 80
4	198 50	196 50	193 50	177 00	158 80
5	198 50	196 50	193 50	176 00	158 50
8	198 50	196 50	193 50	177 50	—
9	198 50	196 50	193 50	176 00	158 30
10	198 50	196 50	193 50	175 00	158 10
11	198 50	196 50	193 50	175 00	157 80
12	198 50	196 50	193 50	175 00	157 00
15	198 50	196 50	193 50	175 00	157 30
16	198 00	196 50	193 50	175 00	155 80
17	198 00	196 50	193 50	175 00	155 80
18	198 00	196 50	193 50	174 50	155 30
19	198 00	196 50	193 50	174 50	156 00
22	198 00	196 00	193 50	174 50	156 30
23	198 00	196 00	193 50	174 00	156 40
24	198 00	196 00	193 50	173 00	156 40
25	198 00	196 00	193 50	173 00	155 60
26	198 00	196 00	193 50	172 00	155 40
29	198 00	196 00	193 50	173 00	154 90
30	198 00	196 00	193 50	173 00	154 40
Média	**198 25**	**196 34**	**193 50**	**175 00**	**156 92**

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

SETEMBRO DE 1952

(Em cents por libra de 453,60 grs.)

DIA	SANTOS				RIO
	tipo 2	tipo 4	tipo 2 extra mole	tipo 4 extra mole	tipo 7
2	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
3	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
4	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
5	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
8	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
9	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
10	54 25	53 75	55 75	54 75	49 00
11	54 00	53 50	55 50	54 50	48 75
12	54 00	53 50	55 50	54 50	48 75
15	54 00	53 50	55 50	54 50	48 75
16	54 00	53 50	55 50	54 50	48 75
17	54 00	53 50	55 50	54 50	48 75
18	54 00	53 50	55 50	54 50	48 75
19	54 00	53 50	55 50	54 50	48 75
22	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
23	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
24	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
25	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
26	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
29	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
30	53 75	53 25	55 25	54 25	48 75
Média	**54 00**	**53 50**	**55 50**	**54 50**	**48 83**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Setembro de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	6	13	20	27	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(2) 59 00	(2) 59 00	58 7/8
Armenia	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(2) 59 00	(2) 59 00	58 7/8
Manizales	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(2) 59 00	(2) 58 3/4	58 7/8
Cucuta	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	58 5/8
Bogotá	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	58 5/8
Tolima	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	58 5/8
Ocana	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	58 5/8
COSTA RICA:					
Duro	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	(6) 59 1/2	(6) 59 1/2	59 00
Atlantico Fino	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	58 1/2
EQUADOR:					
Lavado	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(2) 55 00	(2) 55 00	54 3/4
Extra não lavado	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(6) 47 1/4	(6) 47 1/4	47 3/8
GUATEMALA:					
Antigua	(6) 59 1/2	(6) 59 1/2	(6) 59 1/2	(6) 59 1/2	59 1/2
Extra primeira	(6) 58 1/2	(6) 58 1/2	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	58 5/8
Lavado bom	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 57 00	(6) 57 00	56 3/4
Bourbon	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	56 1/4
HAITÍ:					
Lavado bom mole	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
Catado á mão	(2) 51 3/4	(2) 51 3/4	(2) 52 00	(2) 52 00	51 7/8
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 56 00	(6) 56 00	56 1/4
Tipo 5 — Comum duro	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	(2) 47 1/2	(6) 47 1/2	47 1/2

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Setembro de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	6	13	20	27	MÉDIA
MÉXICO:					
Coatepec	(6) 57 00	(6) 57 00	(6) 57 1/2	(6) 57 1/2	57 1/4
Tapachula primeira ..	(6) 56 1/2	(6) 56 1/2	(6) 57 00	(6) 57 00	56 3/4
NICARAGUA:					
Matagalpa	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 55 00	(6) 55 00	55 1/2
Lavado primeira	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	55 00
S. DOMINGOS					
Lavado bom mole ...	(6) 54 00	(6) 54 00	(6) 53 1/2	(6) 53 1/2	53 3/4
VENEZUELA:					
Maracaibo	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	(6) 56 00	56 00
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 57 3/4	(6) 57 3/4	(2) 57 1/2	(2) 57 1/4	57 9/16
MÓCA					
Móca (Arabia)	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	57 1/4
N.E.I.:					
Genuino Java lav. ...	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	(2) 68 00	68 00
UGANDA:					
Lavado	(2) 47 00	(2) 47 00	(6) 47 1/2	(6) 47 1/2	47 1/4

INDICAÇÕES:

(1) C. & F. — U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado á vista líquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. (Nova York)
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "S"

SETEMBRO DE 1952

DIAS	Setembro		Dezembro		Março		Maio		Julho		Setembro	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
2	54 25	54 40	53 90	53 99	53 29	53 36	52 85	52 95	52 42	52 57	—	52 12
3	54 25	54 50	53 93	53 95	53 30	53 35	52 80	52 89	52 45	52 54	52 20	52 23
4	54 50	54 30	53 90	53 87	53 35	53 30	52 85	52 85	52 55	52 50	52 28	52 15
5	54 10	54 27	53 65	53 67	53 10	53 07	52 65	52 63	52 35	52 27	52 00	51 92
8	54 45	54 25	53 55	53 65	53 00	53 10	52 47	52 60	52 15	52 22	51 78	51 87
9	54 05	54 20	53 55	53 62	53 00	53 05	52 47	52 50	52 10	52 18	51 70	51 83
10	54 00	54 15	53 55	53 45	52 95	52 90	52 35	52 35	52 00	52 04	51 60	51 65
11	54 05	54 27	53 35	53 64	52 81	53 02	52 27	52 48	51 85	52 11	51 55	51 73
12	54 15	54 25	53 60	53 58	53 05	52 90	52 55	52 40	52 15	52 00	51 70	51 60
15	54 00	54 15	53 40	53 51	52 76	52 80	52 20	52 25	51 85	51 85	51 50	51 50
16	54 00	54 05	53 45	53 37	52 65	52 65	52 20	52 15	51 80	51 78	51 40	51 30
17	53 90	53 86	53 30	53 15	52 51	52 31	52 05	51 85	51 70	51 50	n/cot.	51 03
18	53 70	53 94	53 10	53 25	52 21	52 40	51 70	51 97	51 40	51 60	50 98	51 05
19	53 80	53 97	53 05	53 20	52 20	52 30	51 70	51 81	n/cot.	51 46	50 75	50 90
22	54 20	54 15	53 15	53 34	52 15	52 35	51 65	51 95	51 43	51 60	50 83	51 06
23	53 90	54 00	53 15	53 15	52 25	52 30	51 75	51 83	51 45	51 48	50 95	50 95
24	53 65	53 52	53 05	53 06	52 10	52 30	51 65	51 80	51 40	51 45	50 80	50 93
25	53 15	—	52 90	53 06	52 00	52 30	51 60	51 80	51 25	51 45	50 70	50 87
26	—	—	53 00	53 20	52 20	52 48	51 70	52 10	51 40	51 70	50 85	51 17
29	—	—	53 36	53 38	52 60	52 63	52 15	52 30	51 90	51 90	51 20	51 35
30	—	—	53 25	53 29	52 50	52 57	52 15	52 25	51 75	51 81	51 10	51 26
Média	**54 00**	**54 13**	**53 38**	**53 45**	**52 67**	**52 74**	**52 18**	**52 27**	**51 87**	**51 90**	**51 36**	**51 69**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS Á VISTA

SETEMBRO DE 1952

DIA	Londres Libra	Nova York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia Corôa	Holanda florin
1	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
2	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,81 97	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,77 03	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,67 38	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,67 38	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,38 77	0,65 72	1,34 48	6,62 65	3,62 09	—
8	52,41 60	18,72 00	4,38 77	0,65 72	1,34 48	6,62 65	3,62 09	—
9	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,61 48	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,56 84	3,62 09	—
11	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,56 84	3,62 09	—
12	52,41 60	18,72 00	4,39 95	0,65 72	1,34 48	6,55 69	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,55 69	3,62 09	—
15	52,41 60	18,72 00	4,39 77	0,65 72	1,34 48	6,55 69	3,62 09	—
16	52,41 60	18,72 00	4,39 52	0,65 72	1,34 48	6,55 84	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,39 52	0,65 72	1,34 48	6,54 55	3,62 09	—
18	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,38 91	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,35 65	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,40 00	3,62 09	4,92 34
22	52,41 60	18,72 00	4,40 00	0,65 72	1,34 48	6,40 00	3,62 09	—
23	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,58 00	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,56 84	3,62 09	—
25	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,66 19	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,80 75	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
29	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
30	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
Total	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,39 99**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,63 31**	**3,62 09**	**4,92 34**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS A VISTA

SETEMBRO DE 1952

DIA	Londres Libra	Nova York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia Corôa	Holanda florin
1	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
2	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,58 78	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,54 09	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,44 91	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,44 91	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,40 42	3,55 51	—
8	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,40 42	3,55 51	—
9	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,39 30	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,39 39	3,55 51	—
11	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,34 89	3,55 51	—
12	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,33 79	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,33 79	3,55 51	—
15	51,46 40	18,38 00	4,28 26	0,63 64	1,31 76	6,33 79	3,55 51	—
16	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,34 89	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,28 44	0,63 64	1,31 76	6,32 10	3,55 51	—
18	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,17 82	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,14 72	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,18 86	3,55 51	4,83 39
22	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,18 86	3,55 51	—
23	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,35 99	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,34 89	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,43 78	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,57 60	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
30	51,46 40	18,38 00						
Total	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 51**	**0,63.64**	**1,31 76**	**6,41 05**	**3,55 51**	**4,83 39**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

FAZ

SUPERINTENDÊNCIA
BALANCETE FINANCEIRO E
INSTITUTO DO CAFÉ D

RECEITA

RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	37.338.199,10		
Patrimonial	11.254.717,30	48.592.916,40	
EXTRAORDINÁRIA			
Diversos		1.670.770,40	50.263.686,80
RECEITA EXTRAORDINÁRIA			
Depósitos		433.888,20	
Diversos		46.650.328,50	47.084.216,70
			97.347.903,50
A DEDUZIR:			
Contas do Exercício a Receber			2.430,60
			97.345.472,90
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		415.613,80	
Em Bancos		17.873.205,00	18.288.818,80
			115.634.291,70

Departamento de Contabilidade,

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto
G. Livro — C. R. C. — Sp. n. 5159

ENDA

DOS SERVIÇOS DO CAFÉ
M 30 DE SETEMBRO DE 1952 DO
O ESTADO DE SÃO PAULO

DESPESA

DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviço da Dívida Externa	15.244.628,30		
Encargos Diversos	5.561.927,80		
Administração	2.158.664,60	22.965.220,70	
CRÉDITOS ESPECIAIS			
Administração		46.091.878,00	69.057.098,70
DESPESAS EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1950		1.535,80	
Restos a Pagar — 1951		3.535.057,30	
Depósitos		7.455,70	
Diversos		29.789.314,20	33.333.363,00
			102.390.461,70
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Caixa		697.044,80	
Em Bancos		12.546.785,20	13.243.830,00
			115.634.291,70

30 de Setembro de 1952

BERNARDO SPINDOLA MENDES
Visto
Gerente Substituto

— AVISOS —

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de endерêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

grafia Aurora Ltda. — São Paulc

CAFÉ

SANTOS